



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

JUGAS, AFETOS & INSTABILIDADE:

Narrativas e reflexões sobre deslocamentos
e migração no devir da formação docente

ANGÉLICA RODRIGUES LIMA

GOIÂNIA
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL
MESTRADO

**FUGAS, AFETOS E INSTABILIDADE: NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE
DESLOCAMENTOS E MIGRAÇÃO NO DEVIR DA FORMAÇÃO DOCENTE**

ANGÉLICA RODRIGUES LIMA

GOIÂNIA

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

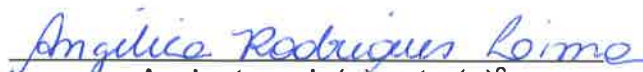
Nome completo do autor: Angélica Rodrigues Lima

Título do trabalho: FUGAS, AFETOS E INSTABILIDADE: NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE DESLOCAMENTOS E MIGRAÇÃO NO DE VIR DA FORMAÇÃO DOCENTE

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 15/07/2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL
MESTRADO

**FUGAS, AFETOS E INSTABILIDADE: NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE
DESLOCAMENTOS E MIGRAÇÃO NO DEVIR DA FORMAÇÃO DOCENTE**

ANGÉLICA RODRIGUES LIMA

Trabalho final de mestrado apresentado à banca examinadora de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Mestrado da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM ARTE E CULTURA VISUAL, linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Martins.

GOIÂNIA

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rodrigues Lima, Angélica
FUGAS, AFETOS E INSTABILIDADE: NARRATIVAS E
REFLEXÕES SOBRE DESLOCAMENTOS E MIGRAÇÃO NO DEVIR DA
FORMAÇÃO DOCENTE [manuscrito] / Angélica Rodrigues Lima. -
2019.
CLIX, 159 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Martins.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte
e Cultura Visual, Goiânia, 2019.
Bibliografia. Anexos.
Inclui fotografias, tabelas, lista de figuras.

1. Pesquisa narrativa,. 2. Autobiografia,. 3. Deslocamentos e
Migração,. 4. Formação docente,. 5. Educação da Cultura Visual,. I.
Martins, Raimundo, orient. II. Título.

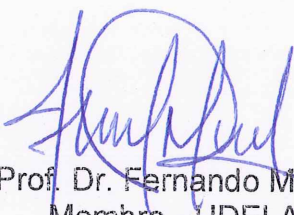
CDU 7

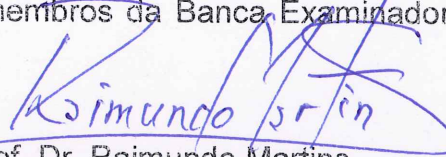
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL
Campus Samambaia – Caixa Postal 131 – CEP: 74.001-970 – Goiânia/GO.
Fones: (62) 3521-1440 www.fav.ufg.br/culturavisual

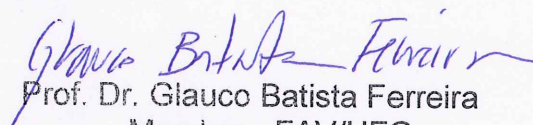
Ata nº 008/2019 da reunião da banca examinadora da defesa de dissertação de **ANGÉLICA RODRIGUES LIMA** - Aos cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e dezenove (05/04/2019), às 9h00min, reuniram-se os componentes da Banca Examinadora: Professores Doutores: Raimundo Martins da Silva Filho (FAV/UFG) – orientador, Fernando Nelson Miranda Somma (UDELAR) e Glauco Batista Ferreira (FAV/UFG) para, sob a presidência do primeiro, e em sessão pública realizada no Auditório da Faculdade de Artes Visuais, Campus Samambaia, procederem à avaliação da defesa de dissertação intitulada: **FUGAS, AFETOS E INSTABILIDADE: NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE DESLOCAMENTOS E MIGRAÇÃO NO DEVIR DA FORMAÇÃO DOCENTE**, em nível de Mestrado, área de concentração em Arte, Cultura e Visualidades, linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação, de autoria de ANGÉLICA RODRIGUES LIMA, discente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pelo presidente da Banca Examinadora Raimundo Martins da Silva Filho, que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra a seguir, foi concedida ao autor da dissertação que, em 20 minutos procedeu à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da Banca arguiu a examinanda. Terminada a arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista o que consta na Resolução nº. 1403/2016 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), que regulamenta o Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, a dissertação foi considerada aprovada por unanimidade, com as seguintes observações por parte da banca:

Acrescentar um item ao terceiro capítulo para discutir questões referentes ao trabalho colaborativo e aprofundar a discussão sobre formação docente.

Cumpridas as formalidades de pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de dissertação e para constar eu, Arlete Maria de Castro, secretária do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, lavrei a presente Ata que depois de lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora em quatro vias de igual teor.


Prof. Dr. Fernando Miranda
Membro - UDELAR


Prof. Dr. Raimundo Martins
Presidente - FAV/UFG

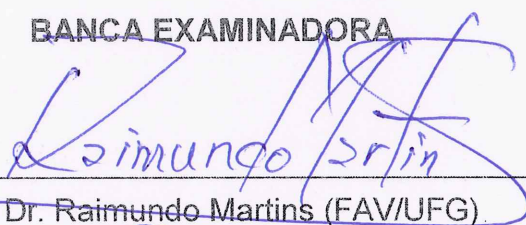

Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira
Membro - FAV/UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA VISUAL
MESTRADO

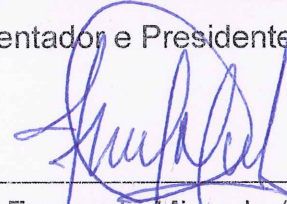
FUGAS, AFETOS E INSTABILIDADE: NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE
DESLOCAMENTOS E MIGRAÇÃO NO DEVER DA FORMAÇÃO DOCENTE

Angélica Rodrigues Lima

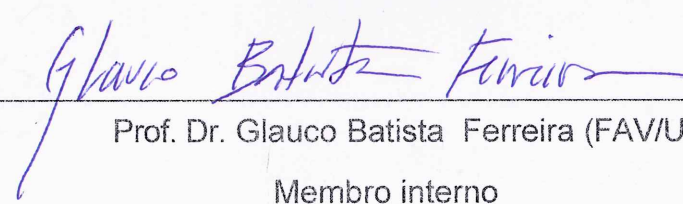
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Raimundo Martins (FAV/UFG)

Orientador e Presidente da Banca


Prof. Dr. Fernando Miranda (UDELAR)

Membro externo


Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira (FAV/UFG)

Membro interno

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho (UERJ)

Suplente do membro externo

Profa. Dra. Lilian Ucker Perotto (FAV/UFG)

Suplente do membro interno

DEDICATÓRIAS E AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha mãe, que me inspira e incentiva cada um dos meus movimentos pelo mundo.

e

As colaboradoras e colaboradores desta pesquisa: Rebekah Fernandes, Thaíla Maria, Danielli Bettini, Rafael Vaz, Augusto Cesar e Karl Marx Araújo. A todxs estudantes que seguem se deslocando pelo mundo em busca de formação e aprendizado.

Agradeço a Nossa Senhora Aparecida e ao Divino Pai Eterno.

Ao meu companheiro de vida, David.

A minha família, Neuza, Lázaro, Luciana, Rafael e Pampam, pelo amor, carinho e apoio nessa jornada.

Ao professor Dr. Raimundo, pelo aprendizado, orientação, paciência, generosidade e por ter me ensinado a “tocar o barco”, mesmo em momentos de tempestade.

Ao professor Dr. Glauco, pelas orientações, leituras e partilha.

Ao professor Dr. Fernando Miranda, pelo olhar e pelas contribuições.

A Faculdade de Artes Visuais, todxs os que nela vivem e trabalham.

A equipe professores, coordenadores, diretores, que apoiaram esta pesquisa.

A professora Leda Maria Guimarães.

A professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues.

Ao professor Odinaldo da Costa Silva.

As minhas grandes amigas, companheiras de estudos e viagens; Helida, Clícia, Mirna e Mariana, minha profunda admiração e respeito.

Aos amigos, Rogerio, Ronne, Pedro, Juan, Renato, Wilder, Paul e Helô.

Ao programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa, assim como a continuidade do meu processo de formação docente.

A FAPEG pelo apoio financeiro.

Ao mundo e a natureza.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta é uma pesquisa de caráter narrativo com ênfase na metodologia autobiográfica cujo objetivo é discutir e analisar experiências de deslocamento e migração em processos de formação docente. O trabalho investiga caminhos, histórias e vivências de seis estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais que passaram pela experiência de migração a fim de realizarem o curso de graduação na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, referenciais teóricos das áreas de educação, arte e cultura visual sustentam a discussão de dois eixos fundamentais ao desenvolvimento da pesquisa: o primeiro, com ênfase nas histórias de vida e na construção de narrativas utilizando a abordagem autobiográfica, e o segundo, trazendo uma discussão sobre experiências de deslocamento e migração em processos de formação docente. Ainda nesse capítulo, conceituações sobre metodologia qualitativa e grupo focal introduzem os procedimentos utilizados para realizar pesquisa de campo com vistas a produção de dados. A contextualização sociológica dos sujeitos participantes, junto a observações de campo, os encontros e as entrevistas, ações, e acontecimentos em grupo focal também se destacam. No segundo capítulo, revelo fragmentos da minha história de vida e formação docente, que, por meio de narrativas, vão sendo costurados ao longo do capítulo com o intuito de pinçar algumas experiências que me levaram a caminhar pela/e/com o tema do deslocamento geográfico, partindo de trajetos pessoais da infância, vivências cotidianas e acadêmicas. No terceiro capítulo, elaboro a análise dos dados produzidos no trabalho de campo. Coloco em perspectiva a interpretação das narrativas individuais e coletivas criadas pelo grupo focal a partir de quatro categorias que considero relevantes no processo da investigação. A primeira é o “ambiente narrativo”, (lugar/campo da pesquisa) que me leva a perguntar: como as histórias de vida ganham força para discutir o tema da pesquisa? A segunda categoria vem dos “processos de pensar as narrativas com imagens”, discorro e reflito sobre o quanto as imagens foram importantes para movimentar as histórias de vida, como foram escolhidas, desconstruídas e reconstruídas pelo grupo focal. A terceira categoria, “narrativas visuais e histórias de vida”, me ajudam a pensar sobre deslocamentos, movimentos migratórios e a formação docente em diálogo com os princípios da cultura visual. E a quarta categoria, que busca refletir sobre o trabalho colaborativo vislumbrando aprofundar na discussão sobre formação docente. No quarto capítulo, teço uma síntese dos principais resultados da pesquisa destacando os processos de desenvolvimento da investigação tomada por constantes transformações do olhar/tempo/espço/formação. A partir de eventos, visualidades e insurgências que ocorreram no trabalho de campo, identificando possibilidades de aprender com as histórias de vida e narrativas de si. Aponto também os alcances da investigação projetando possíveis desdobramentos para investigações futuras.

Palavras-chave: Pesquisa narrativa; Autobiografia; Deslocamentos; Migração; Formação docente; Educação da Cultura Visual.

ABSTRACT

This is a narrative survey with emphasis on autobiographical methodology aiming at discussing and analyzing experiences of displacement and migration in processes of educational formation. We investigated the paths, stories and experiences of six students in the program of Visual Arts degree who had experienced migration seeking to have their undergraduate degree on the Faculdade de Artes Visuais (FAV – School of Visual Arts) of the Federal University of Goiás (UFG). This thesis structured in four chapters. The first chapter contains theoretical reference on the areas of education, arts, and visual culture to support a discussion of fundamental two axes regarding the research development. The first axis focuses on the life stories and the construction of narratives using the autobiographical approach, while the second axis brings a discussion on experiences of displacement and migration in processes of educational formation. The chapter also presents conceptions on the qualitative methodology and focus group to introduce the procedures used to carry out the field survey in order to produce data. We also highlight the sociological context of the participants, along with field remarks, the meetings and interviews, actions as well as focus group events. The second chapter reveals fragments of my own life story and educational formation, which are constantly linked to one another through narratives throughout the chapter aiming at tracing some experiences which had led me to walk through/and/with the theme of geographical displacement, encompassing from personal childhood trajectories to daily and academic experiences. The third chapter analyzes the data produced from the field work by putting in perspective the interpretation of both individual and collective narratives created by the focus group considering the fourth categories that I regard as relevant in the investigation process. The first one is the “narrative environment”, (place/research field), which leads me to wonder: how do life stories gain force to discuss the research theme? The second category originates from the “processes of thinking narratives with images” in which I address and reflect on the importance of images to move life stories, their decision-making, deconstructions, and reconstructions by the focus group. The third category, in turn, “visual narratives and life stories”, helped me to think the displacements, migratory movements, and educational formation regarding a dialogue with the principles of visual culture. And the fourth category, which seeks to reflect on the collaborative work foreseeing to deepen the discussion about teacher education. The fourth chapter synthesizes the main results of the survey by highlighting the processes of investigation taken over by constant transformations of view/time/space/formation. The events, visualities and insurgencies that occurred in the field work helped to identify learning possibilities through life stories and personal narratives. In addition, I point out the range of the investigation by projecting possible developments for further studies.

Keywords: Narrative research; Autobiography; Displacement; Migration; Teacher education; Visual Culture education.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figuras

Figura 1 - Cidade de Montevideo, 2017.....	20
Figura 2 - (Re)desenhos, esquemas, referências, esboços e perguntas da pesquisa, 2017.....	27
Figura 3 - Faculdade de Artes Visuais FAV, 2018.....	29
Figura 4 - Caminhos metodológicos trilhados na Faculdade de Artes Visuais FAV/UFG, 2018.....	36
Figura 5 - Primeiro encontro do Grupo Focal. FAV/UFG, campus Samambaia, 2017..	40
Figura 6 - Grupo Focal. Primeiro encontro na FAV, campus Samambaia, 2017.....	42
Figura 7 - Grupo no WhatsApp 2017/2018, Relato de Karl Marx.....	53
Figura 8 - Grupo no Whatzapp 2017/2018, Relato de Rebekah.....	55
Figura 9 - Grupo Focal. Primeiro encontro em 2018. FAV, campus Samambaia.....	57
Figura 10 - Grupo Focal. Primeiro encontro em 2018. FAV, campus Samambaia.....	63
Figura 11 - Grupo Focal. Terceiro encontro. FAV, campus Samambaia, 2018.....	64
Figura 12 - Grupo Focal. Terceiro encontro. FAV, campus Samambaia, 2018.....	65
Figura 13 - Parte da narrativa visual coletiva. Produção do grupo focal, 2018.....	66
Figura 14 - Parte da narrativa visual coletiva. Produção do grupo focal, 2018.....	67
Figura 15 – Montagens por fragmentos, 2018.....	71
Figura 16 - Paragens no tempo da memória, 2014.....	72
Figura 17 - Viagem de Kombi, 1996. Álbum de família.....	78
Figura 18 - Registro fotográfico da performance, 2014.....	81
Figura 19 - Registros fotográficos da performance, 2014.....	82
Figura 20 - Viagem de caminhão, 2013.....	85
Figura 21 - Viagem de caminhão. Bahia, 2012.....	87
Figura 22 - Campus Samambaia – FAV, UFG, 2017.....	89
Figura 23 - Centro Cultural da UFG, 2010.....	91
Figura 24 - Catalogo da exposição “Eu e outros eus possíveis: poética em construção”, 2011.....	92
Figura 25 - Fachada do colégio, 2012.....	93
Figura 26 - Caminho para o campus samambaia, 2017.....	95
Figura 27 - Entrada da Fav na Ufg. campus samambaia, 2018.....	98
Figura 28 - Faculdade de Artes Visuais FAV, 2017.....	101
Figura 29 - Pesquisa de Campo, Encontros com o Grupo focal, 2017/2018.....	103

Figura 30 - Imagens escolhidas por Karl Marx para a narrativa, 2018.....	106
Figura 31 - Imagens escolhidas por Rebekah para a narrativa, 2018.....	107
Figura 32 - Imagens escolhidas por Thaíla para a narrativa, 2018.....	108
Figura 33 - Imagens escolhidas por Danielli para a narrativa, 2018.....	109
Figura 34 - Narrativa visual coletiva. Produção do grupo focal, 2018.....	112
Figura 35 - Narrativa visual coletiva. Produção do grupo focal, 2018.....	115
Figura 36 – Encontro do grupo focal no EXPOLAB, 2018.....	117
Figura 37 – Grupo no WhatsApp, 2019. Conversas sobre a exposição.....	123
Figura 38 – Montagem da exposição, 2019.....	127
Figura 39 – Folder da exposição, 2019.....	128
Figura 40 – Encerramento da exposição, 2019.....	131
Figura 41 – Marcas da FAV e de outros caminhos, 2018.....	134

Tabela

Tabela 1 - Relação de colaboradores que participaram da pesquisa. 2017-2018.....	41
--	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
 CAPÍTULO 1	
COMEÇANDO A CAMINHADA.....	19
1.1 Pesquisa narrativa e autobiografia.....	21
1.2 Deslocamentos e migração: formação docente em devir.....	28
1.3 Caminhos metodológicos e pesquisa de campo.....	36
1.4 Grupo focal: encontros, expectativas, contextos e subjetividades.....	40
 CAPÍTULO 2	
REUNINDO FRAGMENTOS DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA E DA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE.....	70
2.1 O desejo de visualizar outros horizontes.....	71
Fragmento 1 – Olhando para o lugar onde morava!.....	72
Fragmento 2 – Viajando na Kombi a gás do meu pai.....	78
Fragmento 3 – A pé... movimentos, deslocamentos, andanças!.....	81
Fragmento 4 – O grande caminhão amarelo.....	85
2.2 Uma estrada e suas encruzilhadas!	89
Fragmento 5 – O curso de graduação: coisas do cotidiano e suas brechas.....	90
Fragmento 6 – Vivências de sala de aula.....	92
Fragmento 7 – Retornando à Faculdade de Artes Visuais.....	95
 CAPÍTULO 3	
ANALISANDO TRECHOS DA CAMINHADA.....	97
3.1 O ambiente narrativo: das fugas aos afetos.....	99
3.2 Grupo focal: como as imagens movimentam a criação de narrativas autobiográficas?.....	102
3.3 Narrativas Visuais e histórias de vida na perspectiva da cultura visual: diálogo entre deslocamentos, migração e formação docente.....	111
3.4 Unir para formar-se docente: o trabalho colaborativo como potência e resistência na pesquisa em educação.....	117

CAPÍTULO 4

DAS MARCAS AOS DESDOBRAMENTOS DE OUTRAS CAMINHADAS:	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133

REFERÊNCIAS.....	140
-------------------------	------------

ANEXOS.....	145
--------------------	------------

Anexo 1: TCLE.....	146
--------------------	-----

Anexo 2: Roteiro para pesquisa de campo.....	151
--	-----

Anexo 3: Aprovação do Comitê de Ética - Parecer consubstanciado	156
---	-----



"Vencendo o tempo,
fértil em mudanças,
conversei com doçura as mesmas fontes,
e vi serem comuns nossas lembranças".
(Cecília Meireles)

APRESENTAÇÃO

Motivada por algumas experiências que constituem pedaços da minha história de vida e formação docente, concentro-me em desenvolver a escrita desta pesquisa a partir de reflexões e narrativas pessoais com base em trabalho empírico, subjetivo, de caráter colaborativo com outros interlocutores. Os caminhos que percorro ao realizar esta investigação são impulsionados por movimentos metodológicos múltiplos enfocando em itinerários, trilhas, trajetórias e experiências narradas com a finalidade de pensar e aprofundar temáticas envolvidas em processos da formação docente em artes visuais e educação da cultura visual.

Dentre as várias estratégias, destaco três movimentos metodológicos importantes para sistematizar e organizar esta pesquisa. O primeiro tem como fundamento as narrativas de si. Revisito momentos e episódios de minhas experiências e história de vida utilizando uma abordagem autobiográfica. O segundo movimento se organiza a partir de duas temáticas, deslocamento e migração, práticas que influenciam e, em alguns casos, podem ser decisivas no devir da formação docente. O terceiro movimento se constrói a partir de dados produzidos na pesquisa de campo por meio da realização de um grupo focal, formado por seis estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais que passaram pela experiência de migração para realizar o curso de graduação na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

A escolha de realizar a pesquisa utilizando a técnica de grupo focal, na perspectiva de uma metodologia qualitativa, surgiu logo no início do mestrado, durante uma revisão e reestruturação do pré-projeto. Buscava outras “vozes”, narrativas e experiências que, associadas às minhas, pudessem dialogar com a proposta que eu tinha em mente. Desse modo, pude olhar com mais atenção para algumas passagens que caracterizam narrativas e histórias de vida e, ao observá-las de perto, passei a compreender um pouco mais os desejos e anseios que me motivavam a conduzir esta investigação no campo da cultura visual a partir de relações educacionais e circunstâncias que incidem na formação docente, mas que não estão somente sob a influência do ensino superior.

Entendo a metodologia como uma forma de caminhar. Minha caminhada se desenrola a partir de narrativas e da pesquisa de campo. Parto do princípio de que caminhar por diferentes lugares, tempos, contextos, histórias e experiências possibilita

aprendizagens constantes que diretamente problematizam e influenciam minha formação docente para além da estrutura acadêmica formal.

Partindo das histórias de vida, levantei alguns questionamentos sobre temas recorrentes da vida contemporânea, temas estes que se sobressaem nas narrativas cotidianas, tais como: o que nos faz fugir para outros lugares e realidades? Quais os afetos construídos nesses lugares de fuga? Que elementos geram instabilidade quando migramos ou nos deslocamos para outros lugares? E, principalmente, como esses movimentos geram reflexões e nos ajudam a problematizar os processos e práticas da formação docente?

É válido pontuar que o intuito deste trabalho não é o de discutir e apresentar a experiência de deslocamento e/ou migração por uma vertente romantizada, ou mesma entendê-las como histórias narrando grandes e importantes acontecimentos que tiveram impacto sobre sociedades do mundo ocidental. Nesse viés, o desdobramento das referidas questões está embasado nos princípios da educação da cultura visual em diálogo com autores como Goodson (2017), Miranda (2015; 2017), Martins e Tourinho (2017) e Hernández (2017), dentre outros.

Na estrutura da dissertação, o primeiro capítulo é dedicado aos referenciais teóricos promotores da discussão de dois eixos que considero fundamentais na pesquisa. O primeiro se refere às narrativas e à abordagem autobiográfica, momento em que retomo as leituras que realizei sobre Benjamin (1985, 2006) associando o tema da pesquisa aos estudos sobre pesquisa narrativa (CLANDININ e CONNELLY, 2015) e, mais especificamente, com o método autobiográfico (BUENO, 2002; JOSSO, 2007; SOUZA, 2008 e PASSEGGI, 2017). O segundo eixo destaca práticas de deslocamento e migração em relação a processos de formação docente fundamentados em autores como Bianco (2009), Ferreira (2015) e Gatti e Barreto (2009). Ainda nesse capítulo, utilizo algumas definições e conceitos sobre metodologia qualitativa e grupo focal que, ao mesmo tempo em que abrem espaço, sinalizam o planejamento e os encaminhamentos do trabalho de campo.

No segundo capítulo, revelo fragmentos da minha história de vida e formação docente a partir de narrativas autobiográficas costuradas umas às outras ao longo do capítulo. As narrativas têm como ênfase algumas experiências que me levaram a caminhar pela ou com a temática do deslocamento geográfico e da migração.

São vários os pontos em comum e os focos de tensão imprimindo consistência na discussão dos episódios, situações e em trechos de histórias narradas.

No terceiro capítulo, elaboro uma análise dos dados produzidos no trabalho de campo. Coloco em perspectiva a interpretação das narrativas individuais e coletivas criadas pelo grupo focal a partir de quatro categorias que considero relevantes no processo da investigação. A primeira é o “ambiente narrativo”, (lugar/campo da pesquisa) que me leva a perguntar: como as histórias de vida ganham força para discutir o tema da pesquisa? A segunda categoria advém dos processos de pensar as narrativas com imagens. Um “exercício poético e reflexivo” me leva a discorrer sobre o quão importantes foram as imagens para movimentar as histórias de vida. Na terceira categoria, “Narrativas Visuais e histórias de vida na perspectiva da cultura visual: diálogo entre deslocamentos, migração e formação docente”, me ajuda a pensar sobre os diálogos entre a formação docente e os deslocamentos a partir da produção de uma narrativa visual coletiva em diálogo com os princípios da cultura visual. E a quarta categoria, que busca refletir sobre o trabalho colaborativo vislumbrando aprofundar na discussão sobre formação docente.

No quarto capítulo, teço uma síntese dos principais resultados da pesquisa destacando possibilidades de aprender com as histórias de vida e narrativas de si. Sobretudo ao tomar como ponto de partida os contextos instáveis da formação docente e a realidade dos deslocamentos e da migração na vida de alguns estudantes. Além disso, destaco as considerações finais vislumbrando os alcances da investigação e projetando possíveis desdobramentos da pesquisa para trabalhos futuros.

OCUPA

FAV

**CAPÍTULO 1:
COMEÇANDO
A CAMINHADA**



“Na travessia dessa fronteira de sombra escutei vozes que vazaram o sol. Outras foram asas no meu voo de escrever. A umas e a outras dedico este desejo de contar e de inventar.”

Mia Couto



Figura 1 - Cidade de Montevideo, 2017. **Foto:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

Como para Mia Couto, a escuta de algumas vozes acendeu em mim o desejo de contar e escrever trechos de minhas caminhadas e assim atravessar as fronteiras que demarcam as experiências de vida, pesquisa e formação. Durante o desenvolvimento deste trabalho fui tomada por muitos sentimentos, encontros, visualidades e acontecimentos, que ora me colocavam em movimento, ora me paralisavam. Sem dúvida, escutar as vozes advindas de um lugar diferente daquele onde eu estava foi o impulso para persistir em tal travessia e começar a entender a impossibilidade de separar as experiências da vida cotidiana das experiências de formação docente.

Algumas transformações pessoais acontecem ao longo do percurso, isso porque o caminho não é vazio. O caminho só existe porque a vida passa por ele. Nele seguimos como observadores de um cotidiano vivo a nos colocar em questionamento, seja de pensamento ou ação. As fugas, os afetos e as instabilidades

também estão presentes nesse contexto narrado e em nós mesmos. Além do desejo de continuar descobrindo as fissuras que nos permitem perceber o silêncio das “histórias pequenas”, com sua simplicidade e ao mesmo tempo complexidade, as quais pouco ousamos interpretar ou compreender ao longo da vida.

1.1 Pesquisa narrativa e autobiografia

Quando me descobri na caminhada da pesquisa narrativa, ainda guardando resquícios de uma breve experiência com a abordagem autobiográfica vivida por mim ao longo do curso de graduação, percebi que o mestrado seria o momento oportuno para nele avançar. Ao me dar conta de que a caminhada via narrativas, além de alcançar experiências particulares, também possibilita construir relações intersubjetivas com pessoas, o meio e o contexto narrado, cresceram dentro de mim o interesse e a responsabilidade de buscar entender por que e como lembramos, contamos e recriamos nossas próprias histórias.

Desde a graduação, as leituras de Walter Benjamin me estimulam a refletir sobre o modo como tenho escrito e interpretado minhas histórias, algumas experiências vividas e o cotidiano à minha volta. No tempo da graduação, debruçava-me sobre leituras que a princípio serviam de base para discutir aspectos da imagem, a reprodutibilidade técnica, a obra de arte e sua aura, bem como a produção cultural no mundo capitalista e as grandes transformações culturais e sociais dos séculos XX e XXI. Temas estes que eram constantemente citados e debatidos por professores, pesquisadores e estudantes na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás da qual faço parte.

Embora alguns temas fossem mais recorrentes entre acadêmicos na universidade, especialmente na faculdade de artes visuais, cada texto, livro, ou fragmento de Walter Benjamin que eu lia me ajudava a pensar, além de alguns conceitos e reflexões, a importância de uma escrita criativa e coerente ao narrar e interpretar o que foi vivido, colocando em cheque o sentido da história.

Ao entrar no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, tive a oportunidade de participar de duas disciplinas que contribuíram para o aprofundamento dos estudos e leituras que vinha realizando sobre Walter Benjamin. Especialmente na disciplina “Tópicos especiais tópicos especiais

em arte e visualidades: autobiografia e artes visuais”, ministrada pela professora Dr^a. Carla Damião. No decorrer desta, realizamos leituras que nos possibilitaram discutir os diferentes aspectos e usos da escrita narrativa e autobiográfica a partir da produção de pensadores em diferentes épocas e contextos. Passando por Rousseau (1959), Goethe (1986), Nietzsche (1995), Proust (1948), Benjamin (1985 / 2015), até chegar em textos mais contemporâneos, como Butler (2015) e Damião (2016).

O Caminho estava aberto, e era só o início de um longo trajeto de estudos e reflexões. Diversos textos, inclusive os de Benjamin, tinham sua devida importância por terem me ensinado com fragmentos, aforismos e narrativas um pouco dos temas envolvidos na perspectiva autobiográfica. As experiências do errante e o deslocamento como movimento necessário ao aprendizado e conhecimento aparecem em algumas leituras como: *“As Passagens”* (1982), *“As teses sobre o conceito de história”* (1985), *“O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”* (1987), *“Rua de mão única - Infância berlinense: 1900”* (2013). Era necessário saber como avançar na caminhada da pesquisa narrativa e autobiográfica, isso olhando para o meu contexto naquele momento e observando os espaços por mim ocupados, assim como escutando as vozes surgidas no decorrer da pesquisa.

Em busca de diálogos mais próximos com a pesquisa narrativa e autobiográfica, ousei dar mais atenção às histórias e experiências de vida com o intuito de não as tornar apenas exemplos e ilustrações de “grandes” teorias. As narrativas e fragmentos se desenvolvem na estrutura textual e na organização do pensamento em todas as etapas do desenvolvimento da pesquisa. Metodologicamente, elas me permitiram entrar em contato com relatos de experiências fundamentais para a formulação das perguntas que me ajudaram a compreender melhor o campo e consequentemente o objeto desta investigação. Em sintonia com Martins e Tourinho (2017), posso dizer que do

[...] ponto de vista metodológico, a pesquisa narrativa não se filia a uma linha teórica. Ao contrário, se abre para uma visão multicêntrica buscando associações com lógicas múltiplas. Essas associações devem ser compreendidas como mestiçagens conceituais que através de atitude crítica animada por conflitos e paradoxos, estimulam contatos com diversas epistemologias e práticas investigativas. (MARTINS; TOURINHO, 2017, p. 161).

Vejo claramente a necessidade de desenvolver uma revisão teórica, já que a pesquisa acadêmica não se conclui com a escrita de um trabalho formal. No entanto, ao optar pela pesquisa narrativa e autobiográfica, dedico-me a olhar de modo retrospectivo e introspectivo a fluidez com que as histórias do campo assim como as

minhas foram aparecendo e se reconstruindo. Desse modo, procuro fundamentar na discussão sobre formação docente as relações com o deslocamento e/ou migração e os atravessamentos da educação da cultura visual nas histórias de vida e experiências narradas. Esses novos movimentos que começam a se abrir no campo da cultura visual e educação surgem a partir da necessidade de melhor compreender questões contemporâneas e cotidianas que circundam o cenário no qual atuamos e vivemos. Desse modo, Bueno (2002) explica que

Esse movimento não se deu naturalmente de modo homogêneo, uma vez que cada disciplina, a seu tempo e em função de seus problemas e insatisfações, foi rompendo com os modelos estabelecidos de pesquisa e ousando construir modos próprios de enfrentar suas questões (p.14).

Certamente, esse processo envolve o cuidado para não impor nos relatos e histórias uma visão das coisas marcadas pelo eurocentrismo, ou por um modo de compreensão e narração dos eventos e acontecimentos deslocados dos contextos vividos e experienciados. Contudo, isso se dá construindo maneiras de interpretar as situações e constantes reinvenções de nós mesmos, fazendo-nos pensar o tempo presente reportando ao passado. Ao me encontrar nesse delicado processo, penso nas reflexões de Josso (2007), quando expõe:

Pois, se a invenção de si é possível, é também e sobretudo porque os sinais, as marcas, os símbolos que devem representar o autor em sua dinâmica global ou numa das dimensões de seu ser no mundo são polissêmicos. Aliás, como sabemos que “o mapa não é o território”, essa polissemia nos leva a partir em busca de nossos seres-no-mundo potenciais e, da mesma maneira, a nos inventarmos através de nossos projetos. É assim que nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transmutam em recursos, em fertilizantes, em inspiração para que nosso imaginário de nós-mesmos possa inventar essa indispensável continuidade entre o presente e o futuro, graças a um olhar retrospectivo sobre nós-mesmos. (JOSSO, 2007, pp. 434-435).

Ao desenvolvermos narrativas autobiográficas, vivemos a experiência do confronto com nossas próprias histórias e assumi-las, desfazê-las, recriá-las, requer uma compreensão crítica e reflexiva do ato de narrar-se. Tendo em vista as complexidades da vida cotidiana e contemporânea, essas práticas de autorreflexão, muitas vezes presentes no processo de formação docente, impulsionam um movimento em direção a busca de novos conhecimentos sobre o mundo, sobre os caminhos que percorremos e sobre nós mesmos.

Impulsionam, também, a compreensão de que “as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade

singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto” (JOSSO, 2007, p. 413). Principalmente quando a autorreflexão envolve elementos que construímos e desconstruímos sobre nós mesmos ao seguimos na caminhada da escrita de si. Considero valioso o argumento de Josso (2007, p. 431) ao destacar que

As práticas de reflexão sobre si, que oferecem as histórias de vida escritas centradas sobre a formação, comumente se apresentam como laboratórios de compreensão de nossa aprendizagem do ofício de viver num mundo móvel, globalmente não-dominado e, no entanto, parcialmente dominável na medida das individualidades, que se faz e se desfaz sem cessar e que põe em cheque a crença em uma “identidade adquirida”, em benefício de uma existencialidade sempre em obra, sempre em construção.

No intuito de avançar a caminhada em direção a pesquisa narrativa e autobiográfica, destaco a importância de compreender as metodologias qualitativas nos processos de investigação a partir do aprofundamento em questões que atravessam o campo da educação da cultura visual e a formação docente. A metodologia qualitativa pode potencializar a dinâmica do processo autobiográfico na pesquisa narrativa, principalmente quando tomamos consciência do nosso constante processo de transformação no decorrer das diferentes etapas de uma investigação.

A metodologia pode ir se desenhando e se construindo de acordo com a necessidade de acessar questões intrínsecas ao objeto da pesquisa. Desse modo, a utilização da imagem juntamente às problematizações e reflexões sobre formação docente criam as histórias e narrativas deste trabalho, que me permitem reinterpretá-las nos cenários e contextos nos quais foram narradas.

Explorar possibilidades de narrar fragmentos de histórias de vida e usar esse exercício a fim de deflagrar situações de aprendizagem e conhecimento exige, além da autorreflexão, um intenso diálogo com autores que estudam esse tema. Pensadores tais como Clandinin e Connelly (2015), Goodson (2017), Martins e Tourinho (2017), dentre outros, apontavam a ascensão das histórias de vida e a valorização das narrativas no âmbito da educação da cultura visual, a qual vem desempenhando um papel importante ao pensar a potencialidades das narrativas visuais também nos aspectos autobiográficos.

Seguindo nessa direção, identifiquei a urgência de compreender como as narrativas acolhem pequenos detalhes, relatos, situações e experiências de vida, ou seja, como configuram aspectos de práticas culturais e sociais que constituem o nosso cotidiano. Respalhada por tais princípios, o processo de investigação empírica no qual

me debruço aponta os alcances e potências desse exercício de pensar a vida a partir do ato de narrar-se, de olhar para o que está próximo e ao mesmo tempo distante, olhar para si mesma/o. Segundo Martins e Tourinho (2017, p. 143),

as práticas narrativas de pesquisa são maneiras de agir e interagir no mundo e com o mundo, conosco mesmos e com os outros. Elas revelam aspectos, mesmo que pequenos e parciais, da natureza humana por meio de compreensões críticas que produzimos na forma de lampejos, relances, vestígios ou fatias das nossas ações na cultura.

Nesse sentido, a pesquisa narrativa ajuda a refletir sobre acontecimentos e experiências vividas em diferentes contextos e situações. Por mais simples e pequenas que possam parecer, as histórias de vida podem ganhar força quando criamos formas de escrever, relatar e refletir sobre tais experiências. A pesquisa narrativa é suficientemente potente, portanto, para interpretarmos criticamente os aprendizados surgidos como resultado das múltiplas experiências vividas em nosso cotidiano.

Goodson (2017) mostra caminhos que nos ajudam a entender e questionar a “era da narrativa” provocando uma discussão sobre as narrativas de pequena escala em contraposição às metanarrativas. O autor afirma que esse tipo de pesquisa pode desfazer a ruptura existente entre as narrativas individuais de vida e a experiência coletiva e histórica. Nos estudos de Goodson (2017), assim como em experiências e narrativas empíricas, encontro fundamentação e direcionamento para desenvolver esta pesquisa interligando histórias pessoais, diálogos com outros indivíduos e com o mundo, já que

a crescente utilização da pesquisa narrativa em arte e educação surge da necessidade e preocupação em analisar representações sobre as experiências de formação dos indivíduos, assim como examinar diferentes práticas, redundâncias, processos históricos e suas implicações na vida das pessoas. (MARTINS; TOURINHO, 2017, p. 158).

Os estudos e contribuições recentes de Souza (2008) sobre narrativa autobiográfica também são imprescindíveis nas discussões do tema pesquisa narrativa e educação. O autor entende “a narrativa autobiográfica como uma metodologia de trabalhar e significar esta formação”. (SOUZA, 2008, p. 38). Destaca que narrar é humano, é um fenômeno antropológico. O sentido da autobiografia como “a escrita da vida” sinaliza a escrita do autor sobre ele mesmo, como um registro daquilo que vamos criando e acumulando ao longo da vida. Esse detalhamento ganha potência nas palavras do autor ao explicar que é

no bojo do paradigma compreensivo, que a história de vida se legitima como método/técnica de investigação/formação, situando-se no campo da virada hermenêutica, em que se compreendem os fenômenos sociais como textos e a interpretação como atribuição de sentidos e significados das experiências individuais e coletivas. (SOUZA, 2007, p. 8).

Devo ressaltar que utilizar a pesquisa narrativa em uma abordagem autobiográfica é, no mínimo, desafiador. Porém, sinto-me impelida pelo desejo de tentar me (re)conhecer, ou seja, me aproximar de mim mesma nessa caminhada tortuosa que me trouxe até aqui. Acompanho as palavras de Passeggi (2011, p. 112) ao explicar que a abordagem autobiográfica desperta e nutre o “desejo de considerar o que a pessoa pensa sobre ela e sobre o mundo, como ela dá sentido às suas ações e toma consciência de sua historicidade”.

Nesse percurso, como princípio epistemológico que fundamenta a narrativa autobiográfica, a historicidade torna-se elemento imprescindível no sentido de possibilitar, mesmo que parcialmente, uma consciência sobre nós mesmos como indivíduos e profissionais que trabalham com o ensino e a pesquisa. A narrativa autobiográfica propicia recursos conceituais e metodológicos orientadores da investigação de trajetórias marcadas por mudança, deslocamento ou migração, encorajando a imersão em um processo de autorreflexão a partir de si mesmo em relação ao mundo.

Passeggi (2017) também nos ajuda a compreender aspectos das relações entre reflexão, razão e emoção tomando como referência narrativas institucionais que construímos sobre nós mesmos. Dessas relações emergem questões relevantes envolvendo barreiras, limitações e incertezas que nós mesmos criamos sobre nossas histórias e realidades. Complementando as ideias de Passeggi, Martins e Tourinho (2017, p. 152) explicam que as

histórias de vida põem em discussão questões relativas à natureza e à identidade dos narradores. Não se fixam apenas em dimensões ontológicas, ou seja, características existenciais comuns aos seres humanos como narradores, mas se debruçam sobre problemas epistemológicos que podem ajudar a compreender e explicar como práticas culturais, sociais e artísticas marcam a trajetória e a subjetividade dos indivíduos, seus modos de perceber, interpretar e, sobretudo narrar.

Ao estudar e me aproximar dessa perspectiva metodológica, comecei a perceber que as narrativas, como combustível dos procedimentos autobiográficos, já faziam parte

do meu processo de formação docente. Assim como o exercício de revisitar momentos e acontecimentos da minha trajetória de vida associando-os a experiências, passagens e episódios descritos por sujeitos colaboradores da pesquisa, os quais alargam a compreensão e as aprendizagens que venho construindo sobre a formação docente.

A partir desse reconhecimento, passei a (re)desenhar o projeto inicial de mestrado, assim como se pode observar na Figura 2. Durante o período em que cumpria os créditos das disciplinas, aproveitei para esboçar e entender melhor as principais questões que havia lançado para definir o meu objeto de pesquisa na perspectiva narrativa e autobiográfica.



Figura 2 - (Re)desenhos, esquemas, referências, esboços e perguntas da pesquisa, 2017.

Fonte: arquivo da autora.

Algumas disciplinas foram fundamentais nesse processo. Destaco especialmente a disciplina de metodologia, cujas aulas e encontros foram de grande valia no sentido de incentivar o exercício de (re)desenho do projeto. A partir dos estudos e leituras apresentados por Ribeiro (2003), além das bases teóricas e metodológicas, a turma foi orientada a elencar as etapas do processo de investigação e a projetar um roteiro pensando os atravessamentos da pesquisa de campo.

A partir de então nos debruçamos sobre as possibilidades cartográficas para mapear e identificar os apontamentos das questões formuladas no projeto. Nesse movimento de redesenhar e reformular as questões nos deparamos com outras

perguntas que passaram a ser tratadas a partir de leituras, diálogos com os convidados que contribuíram com a disciplina, mas, principalmente, nas sessões de orientação.

Esses estudos e (re)desenhos me ajudaram a compreender que narrativas, assim como histórias de vida, não ficam prontas e muito menos concluídas. Sempre temos a possibilidade de redesenhá-las, reconfigurá-las à medida em que vamos nos conhecendo como sujeitos no processo de investigação. Esses contornos metodológicos e conceituais mostram a necessidade de trabalhar as narrativas como exercícios de autorreflexão que possibilitam a desconstrução de elementos hegemônicos que, por inércia ou inexperiência, continuam presentes nos discursos formulados sobre a pesquisa. A desconstrução desses elementos hegemônicos reforça a compreensão de que as

histórias de vida, como uma performance na cultura, agarram-se a materiais empíricos da existência, da vida, do cotidiano: a dor, a tristeza, a alegria, os desejos, os sonhos, os fracassos, o sentir, os afetos, mas, sobretudo, as aprendizagens, formais, não formais e informais que nos fazem sujeitos. (MARTINS; TOURINHO, 2017 p. 143).

Assim, rascunhar as vivências, acontecimentos e insurgências do cotidiano que esbarravam nos temas de investigação tornou-se indispensável à pesquisa. Folhas com esboços, desenhos, diário de campo, cadernos, celular, e câmera passaram a me acompanhar e se tornaram ferramentas essenciais para apreender desde o início da pesquisa informações, dados e contextos que constituiriam o pano de fundo das narrativas, dos relatos e das experiências vividas durante a investigação.

Nesse aspecto, um dos primeiros objetivos dessa caminhada foi também perceber a importância de desenvolver a pesquisa no campo da cultura visual e educação. Para mim, refletir sobre os aspectos cotidianos ligados a experiências de vida e formação se valem de novas estratégias e alternativas de interpretação. Principalmente quando desenvolvemos uma investigação a partir de imagens e narrativas autobiográficas que contextualizam e problematizam os cenários no qual a formação docente se encontra no devir.

1.2 Deslocamentos e migração: formação docente em devir

Muitas pessoas alimentam o desejo pelo deslocamento. As ações, comportamentos e mudanças que eventualmente tramam o cotidiano mostram claramente o desejo de

migrar. A possibilidade de sair para outros lugares, contextos e culturas pode gerar transformações subjetivas e crescimento afetivo. Assim como as aprendizagens, essas transformações acontecem de modo particular e de maneiras diferentes.

Quem estuda, parte em retirada de um lugar confortável para ambientes instáveis com a expectativa de conhecer um pouco mais do mundo e de si mesmo. Por vezes, esses trajetos são tortuosos, cheios de adversidades e difíceis de serem realizados. Quando decidimos fazer esse tipo de caminhada, revelamos disposição para correr riscos e viver outras experiências movidos por um desejo de transformação.

Sempre que chego na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), no campus Samambaia (figuras 3), me deparo com ações, transformações, intervenções artísticas e tantos outros acontecimentos que me interpelam e, de alguma maneira, interferem e/ou acrescentam dúvidas no modo como estou pensando a pesquisa. São ações, intervenções ou instalações que suscitam questões envolvendo o tema do deslocamento e da migração nos processos de formação docente.



Figura 3 - Faculdade de Artes Visuais FAV, 2018. **Foto:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

A Figura 3 mostra um espaço do prédio que até então era pouco utilizado. Um *hall*, no piso superior, que dava acesso à área externa, agora é aproveitado como espaço para convivência, descanso, pausa, leitura. Ao me deparar com as redes na FAV, tive a sensação de estar em outro lugar. As redes levaram o meu pensamento para longe da academia. Naquele momento constatei, simbolicamente, a manifestação do desejo de deslocamento

associado a uma ideia que fora concretizada naquele espaço institucionalizado. Para além dessas relações, podemos encontrar a palavra deslocamento empregada em diferentes formas de pensamento, estudos, contextos e pesquisas.

Autores e estudiosos da filosofia, sociologia, antropologia e da arte (BOURRIAUD, 2011; BIANCO, 2009; ONFRAY, 2009; SOLNIT, 2016; NUNES, 2015), FERREIRA, 2015) se dedicaram à tarefa de pesquisar, refletir e escrever sobre a prática do deslocamento, do caminhar, do pensamento nômade, das migrações humanas no mundo. A literatura sobre esse tema é vasta e, dialogando com esses autores, aprofundei conceitos ao mesmo tempo em que me senti instigada a visualizar outros horizontes que apontaram uma diversidade de caminhos, abordagens e aprendizagens.

Para Bourriaud (2011) a ideia de deslocamento está ligada ao conceito, ao pensamento de sujeito ‘radicante’. Radicante é um termo que vem da botânica e define uma planta que possui várias raízes ou que é capaz de produzi-las sempre que replantada. Nesse aspecto, os enraizamentos sucessivos capazes de dialogar em diversos fluxos de espaço e tempo tem implicações para um sujeito cuja identidade pode se constituir a partir da sua trajetória. O autor se preocupa em olhar o mundo e as relações da globalização com a cultura, questionando os modos de representação da arte, a maneira como as obras podem dialogar com os contextos em que são produzidas. Bourriaud (2011) destaca que o artista radicante seria aquele que, não fincando raízes em um só território, possibilitaria, via nomadismo, “trocas culturais”. Embora,

o radicante componha uma linha, ele não se reduz a uma linearidade unidimensional. Se o ego tem por função unificar as diferentes linhas perceptivas e cognitivas de um indivíduo, sabemos que este, instrumentalizado por tecnologias que modificam profundamente sua experiência do espaço-tempo, não pode ser reduzido nem à clássica definição de sujeito nem a um relato monográfico linear. A arte atual mostra-nos como podemos reorganizar a matéria viva através dos dispositivos de representação e produção correspondentes à emergência de uma nova subjetividade, que exige modos próprios de representação. (BOURRIAUD, 2011, p. 122).

O pensamento de Bourriaud (2011) me possibilita inúmeros tipos de reflexão e, nesse aspecto, ousou relacionar e interpretar “o sujeito radicante” em contextos de educação e formação ou, dizendo melhor, a ausência desse sujeito e desse modo de pensar nesse campo. Especialmente no Brasil, lugar onde travamos constantes lutas para avançar na caminhada do estudo e aprendizado, estamos quase sempre presos a sistemas fixos, burocráticos, modelos que limitam o nosso transitar, o erro, os

deslocamentos, elementos tão necessários aos processos de formação. No entanto, Bourriaud nos alerta dizendo que, “o indivíduo globalizado já não pode contar com um ambiente estável: está fadado ao exílio fora de si mesmo e intimado a inventar a cultura nômade exigida pelo mundo contemporâneo.” (BOURRIAUD, 2011, p. 75).

Uma das pesquisas que Bianco (2009) desenvolve, discute questões referentes a migrantes e cidades a partir de um trabalho etnográfico de caráter histórico, social e político. Em vez de adotar o grupo étnico como unidade de análise, a autora foca sua atenção em questões do local para explicar as relações entre globalização, escala da cidade e a incorporação de imigrantes.

Nos últimos anos Bianco (2009-2018) tem se dedicado a discussão da globalização marcada pela intensificação das migrações, dos deslocamentos sociais, das expulsões, da brutalidade e precarização da vida humana em decorrência desses fluxos. A autora procura investigar e compreender a relação entre as imigrações e a produção de uma nova lógica de exclusão. Nesse aspecto, destaca que estamos vivendo uma conjuntura de grandes retrocessos que se assemelham a era colonial em termos de exploração, violência e desumanização no que concerne aos movimentos migratórios e diferentes tipos de deslocamento.

Tendo como cenário esses deslocamentos sociais, assim como as atuais políticas de dominação e controle, a autora salienta a importância da luta pelos direitos dos imigrantes no mundo e nas cidades. A partir do momento em que pessoas, através de movimentos sociais, se mobilizam contra o status realizando marchas e manifestações públicas em defesa de seus direitos, essas mobilizações tendem a se constituir em espaços alternativos de grande potencial para contribuir na construção de uma sociedade mais justa.

Considero importantes as observações de Bianco (2009), ao dizer que esses movimentos criam abertura para o mundo que inclui o reconhecimento de diferenças étnicas, raciais, de gênero, nacionais e religiosas, entre outras. A autora afirma que não se trata de celebrar culturas, mas que em termos de mobilizações sociais essas iniciativas incluem a união de diferentes povos em suas mais distintas condições de deslocamento, em busca de direitos para todos, com a expectativa de conseguir romper bloqueios, barreiras e muros que impedem a humanidade de seguir de um modo mais livre e atuante nas cidades e no mundo.

Buscando e partindo para outros itinerários, as prática de deslocamento e de migração, citadas em pesquisas, em trabalhos artísticos e em performances

contemporâneas oferecem e instigam vários tipos de diálogo e reflexão. Nesta investigação me atenho ao tema do deslocamento e da migração como ação, como movimento de ir e vir, ligados tanto a aspectos físicos de mudança territorial e geográfica, quanto a aspectos metafóricos e subjetivos que se relacionam as formas de pensar e estar, aos fluxos da memória, a dinâmica do lembrar e refletir sobre experiências vividas.

Partindo desse contexto e posicionamento, concentro minha atenção em diálogos que busquei estabelecer com trabalhos e pesquisas que me estimularam nessa caminhada. Lembro-me do quão importante foi ler a tese desenvolvida por Ferreira (2015), intitulada, “Mo(vi)mentos autobiográficos: historiando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em artes visuais”. A ousadia do autor em se aventurar pela pesquisa e escrita autobiográfica no campo da arte e da cultura visual, buscando compreender os movimentos que o levaram a formação docente em artes visuais, foi um grande estímulo para mim.

Na pesquisa de Ferreira (2015) a palavra ‘mo(vi)mentos’ ganha outros sentidos a partir da justaposição das palavras ‘movimentos’ e ‘momento’ projetando possibilidades conceituais para além das questões geográficas e territoriais. O autor apresenta fragmentos narrativos que tecem a ideia de uma ação de movimento nas/pelas histórias de vida. Utiliza a metáfora do espelho retrovisor ao explicar que para seguir em frente é necessário não deixar de olhar, de refletir sobre o que ficou para trás, ou seja, o passado. Esse olhar anuncia lembranças, momentos e experiências que se mantem vivas na memória. Essas memórias e inquietações o levaram a realizar a pesquisa.

Ao ler e dialogar com esses autores percebo o crescente número de trabalhos e pesquisas no campo da arte, da educação e da cultura visual que se dedicam a investigar temáticas que envolvem deslocamento, os movimentos e ou migrações em contextos e processos de formação no ensino superior. Em muitos casos, o desenvolvimento dessas pesquisas ganha sentido quando se estabelecem diálogos e aproximações com relatos de experiências e histórias de vida de estudantes que vivenciam essas experiências, sobretudo para dar conta de discussões que os afetam não apenas no âmbito prático, físico e burocrático, mas, principalmente, em termos subjetivos e o modo como impactam suas visões de mundo, suas ações como sujeitos, suas vivências como estudantes.

A ação intencional de se movimentar pelo mundo frequentemente surge como uma busca ou anseio associados ao estudo, à formação profissional, impulsionada pela expectativa de transformação a partir de novas experiências e aprendizados.

Estudos envolvendo sujeitos que se põem em movimento exigem a observação e compreensão do contexto, do lugar de onde vêm e para onde vão.

Esses estudos têm como pressupostos questões de gênero, raça, etnia, classe social, ou seja, como tais sujeitos se reconhecem em um país ou um determinado lugar/região, quais as condições que garantem sua permanência, os riscos, limites, barreiras e resistências que enfrentam. São questões que vão além do conceito de categoria e cujo intuito é discutir aspectos da condição humana, circunstâncias existenciais, como subjetividades e afetos são impactados por experiências de deslocamento e migração. Nesse contexto de conceitos e ideias, formulei três questionamentos que orientam esta pesquisa:

- Seria possível pensar a formação docente a partir de experiências decorrentes da prática de deslocamento e de migração?
- O que se aprende sobre formação docente, no campo da arte e da cultura visual, ao vivenciarmos práticas de deslocamento geográfico?
- Que narrativas e reflexões individuais e coletivas podem ser construídas a partir do encontro com estudantes de graduação da FAV que viveram a experiência de deslocamento ou migração?

Essas questões foram tomando corpo e sendo repensadas a partir do meu envolvimento com a pesquisa empírica no campo para o qual propus a investigação. No campo da pesquisa, ou seja, na Faculdade de Arte Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG), pude delinear e encontrar meu objeto de estudo. Para além dele, outras perguntas foram surgindo e me fazendo repensar o tema e os objetivos do projeto.

Pensar sobre o que nos faz querer fugir para outras realidades, o que nos afeta no processo de deslocamento geográfico e, ainda, sobre a instabilidade emocional e financeira que por vezes nos acompanha quando migramos ou nos deslocamos de um lugar para outro. Esses pontos ganharam destaque e, a partir deles, comecei a investigar sobre **como esses movimentos incidem na formação docente**.

Logo, fui surpreendida ao constatar no trabalho de campo a quantidade de estudantes oriundos de outros estados que se deslocaram para estudar em Goiânia.

Ao comparar esses dados tomando como referência o ano de 2009, quando entrei no curso de graduação, percebi que um novo sistema no processo seletivo do vestibular havia contribuído para o fluxo e mobilidade dos estudantes, principalmente nas universidades federais.

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi criado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para avaliar o nível de aprendizado dos alunos que concluem o ensino médio no Brasil. Os resultados do ENEM classificam e qualificam estudantes para ingressar em universidades públicas e ganhar bolsas de estudos no país. Por ser nacional, ao se inscreverem os alunos podem optar por três universidades e por até três cursos. Esse processo abriu as portas para muitos estudantes ao mesmo tempo em que reforçou as expectativas daqueles que, ao obterem aprovação, sonham em migrar para outras regiões e instituições do país e aceitam o desafio de viver novas experiências em outras paragens.

Assim, cada estudante passa por diferentes tipos de experiências e aprendizados ao se deslocar e/ou migrar para outro lugar, outra cidade, outra instituição. A mudança pode proporcionar situações boas, ruins, tristes, alegres, pode gerar medo, insegurança, solidão e uma série de outros sentimentos. O que me move nesta pesquisa é refletir sobre como nos formamos docentes ao longo da vida, experimentando ou alimentando o desejo de migrar, ou como nos reconhecemos ao contarmos e recriarmos nossas histórias a partir desses movimentos.

Pesquisas realizadas na área da educação no contexto brasileiro têm focado na formação docente partindo do entendimento que é urgente e necessário problematizar, construir e desenvolver políticas públicas nesse campo para a geração de processos de ensino e aprendizagem mais significativos e em consonância com a realidade brasileira.

O censo escolar da educação básica de 2016, publicado em 2017, assinala que 2,2 milhões de docentes atuam na educação básica, desses, 77,5% possuem nível superior completo e 90,0% têm curso de licenciatura (INEP, 2017a). Em relação ao número de matrículas nos cursos de licenciatura no ano de 2016, 38,1% dos alunos estão em instituições públicas e 61,9% em Instituições de Ensino Superior (IES) privadas. O típico aluno de cursos de graduação a distância cursa o grau acadêmico de licenciatura. Na modalidade presencial, a maioria dos estudantes cursam bacharelado.

(INEP, 2017b). Os índices expostos apontam para o esvaziamento das dos cursos de licenciatura nas universidades públicas.

O Plano Nacional de Educação (PNE)¹ vigente desde 2014, trata da formação inicial e continuada dos professores como uma das formas de valorização do magistério e melhoria da qualidade da educação. A meta 15 do plano, por exemplo, propõe:

[...] assegurar que todos os professores da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam, por meio de uma política nacional de formação dos profissionais da educação em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

Um dos maiores entraves para alcançar a meta 15 recai sobre a garantia da qualidade da formação inicial docente, pois os índices consultados revelam a dificuldade da permanência e da conclusão dos cursos de licenciatura frente aos desafios que a maioria dos estudantes, advindos da rede pública de ensino básico, encontram. Dificuldades financeiras para investimento nos estudos e em atividades correlatas como eventos culturais, compra de livros e recursos/equipamentos tecnológicos são empecilho que impede e/ou retarda uma formação integral. Outra dificuldade está associada a crise dos cursos de licenciatura e o desprestígio da profissão, situação que resulta em baixo valor econômico dos diplomas levando a queda dos indicadores qualitativos dos cursos.

Segundo Gatti e Barreto (2009), devido a essa complexidade, são muitos os fatores que marcam os desafios da formação docente, a carreira e suas perspectivas profissionais. Nesse sentido, fica evidente a necessidade de maior atenção a formação inicial como momento decisivo na vida docente. As autoras pontuam que de um lado

temos a expansão da oferta de educação básica e os esforços de inclusão social, com a cobertura de segmentos sociais até recentemente pouco representados no atendimento escolar oferecido nas diversas regiões do país, **provocando a demanda por um maior contingente de professores**, em todos os níveis do processo de escolarização. De outro, as urgências colocadas pelas transformações sociais que atingem os diversos âmbitos da atividade humana e penetram os muros da escola, **pressionando por concepções e práticas educativas que possam contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e moderna**. (GATTI; BARRETO, 2009, p. 12, grifos meus).

¹ Plano Nacional de Educação (PNE) - lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 06/02/2019.

A formação inicial de professores e professoras precisa estar de acordo com as demandas sociais para suprir as necessidades mercadológicas exigidas na contemporaneidade, mas, também, e principalmente, para garantir a qualidade do ensino preparando o/a recém-licenciado/a para os desafios da profissão, para estabelecer objetivos e alcançar suas expectativas como sujeito educador/a.

Percebo o quão é importante narrar e analisar experiências de deslocamento e migração em processos de formação docente, pois são inúmeras as lacunas deixadas nesse devir. Os índices gerados por números percentuais e estatísticas apontam para uma frágil dimensão que envolve um problema muito mais complexo na formação e vida profissional dos licenciandos. Nesse sentido, ouvir suas histórias, angústias, desejos e sonhos compõe um quadro subjetivo que considero importante e necessário nessa caminhada.

1.3 Caminhos metodológicos e pesquisa de campo



Figura 4 - Caminhos metodológicos trilhados na Faculdade de Artes Visuais FAV/UFG, 2018.

Foto: Angélica Rodrigues. **Fonte:** arquivo da autora.

Procurando os caminhos que me levariam ao desenvolvimento desta pesquisa, coloco em destaque (figura 4) as estratégias que compõem o processo de investigação. A partir delas fui trabalhando e descobrindo formas de reconhecê-las no campo da pesquisa. Nesse momento, pude me ver como uma pesquisadora na Faculdades de

Artes Visuais da UFG à procura de interlocutores, colaboradores para caminharem juntos comigo nessa etapa.

O ano letivo de 2017 foi decisivo para os ajustes da pesquisa. As perguntas da investigação passavam por adaptações que demandavam tanto complementos quanto outros contornos. Mesmo assim, estar na FAV cotidianamente para os estudos do mestrado não era o mesmo que estar no campo da pesquisa. Apesar de ser o mesmo lugar, o meu objetivo, atenção e olhar eram bem diferentes. Iniciei elaborando uma auto-observação naquele lugar, mas o fato de estar ali como pesquisadora não me distanciava do meu posicionamento de estudante e professora.

Comecei a ir para o campo no período da manhã, período de maior fluxo dos estudantes da graduação. No diário de campo registrava os horários, a movimentação, os projetos, quem eram os professores e principalmente quem eram os estudantes, ou seja, tudo que fizesse parte do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Aproximei-me daquele cotidiano, ainda sem coragem para falar do meu projeto. Sem saber como chegar nos estudantes, seguia em silêncio, fazendo sondagens, procurando brechas para conhecê-los. Muitas vezes nos corredores me sentia deslocada, fora do contexto. Perguntei ao meu orientador se seria possível realizar um estágio docência, pois desse modo eu teria maiores chances de me aproximar dos(das) estudantes e conhecê-los(las) melhor.

De início, com a ajuda do meu orientador, cheguei a acompanhar três encontros de uma disciplina muito proveitosos e significativos. Porém, não pude dar continuidade ao estágio devido a uma questão legal e burocrática: já havia dois estudantes do programa de pós-graduação cumprindo estágio docência na mesma disciplina. Tomando como referência a experiência de participação em três encontros de estágio naquela disciplina e contando com a ajuda de algumas pessoas, consegui localizar estudantes que haviam vindo de outros estados para estudar na FAV, em Goiânia.

Daquele momento em diante continuei minhas buscas e aproximações para planejar o trabalho de campo enquanto aguardava a aprovação do projeto no Comitê de Ética. Quando o projeto foi aprovado, o fim do ano já se aproximava. Dessa forma, foi preciso estabelecer algumas metas em relação ao calendário do ano seguinte, tendo em vista que a formação do grupo focal dependeria de inúmeros rearranjos no

planejamento, principalmente em relação aos dias, horários, lugares de encontro e à disponibilidade dos sujeitos que demonstraram interesse em participar da pesquisa.

Em seguida, passei a revisar o planejamento da pesquisa de campo: a organização dos temas e assuntos a serem discutidos, o guia tópico, as perguntas das entrevistas individuais e algumas propostas de reflexão a serem realizadas no grupo. Além disso, havia preparado com antecedência os equipamentos necessários para os registros visuais, áudio visuais e demais gravações que compõem os dados da pesquisa.

Para isso, algumas leituras sobre metodologia de pesquisa qualitativa foram, além de necessárias, fundamentais para o processo de investigação. Flick (2009) detalha aspectos e características relevantes da pesquisa qualitativa. Banks (2009) oferece conselhos pertinentes sobre diferentes possibilidades para uso de dados visuais no planejamento, estruturação e execução da pesquisa de campo. Barbour (2009) contextualiza didaticamente diferentes abordagens de pesquisa com grupos focais, anota itens e sugestões que contribuem para a preparação, organização e realização do trabalho de campo e chama atenção para a pertinência da interação e do diálogo entre os sujeitos participantes da pesquisa. Fiquei atenta às observações de Oliveira (2011) ao explicar que,

no que concerne à metodologia de pesquisa, não há uma prescrição, um modelo, um caminho, o que há são diferentes possibilidades, muitas vias, e nós, pesquisadores, ao examinarmos nosso objeto de estudo, é que vamos definir quais abordagens, quais instrumentos, quais técnicas ou métodos nos servem melhor para este ou aquele momento da pesquisa. (OLIVEIRA, 2011, p. 177-178).

A partir dessas leituras e referências, pude ir a campo com um roteiro orientador de um melhor pensamento e organização para produzir dados empíricos significativos. Durante esse processo, descobri que muitas coisas que contribuíram para a consolidação gradativa das atividades do grupo focal estavam relacionadas a acontecimentos e encontros inesperados constantemente experimentados por nós no campus da UFG. Foram momentos preciosos por haverem me aproximado de maneira singular dos sujeitos da pesquisa.

Em um desses encontros no campus da UFG convidei o grupo para um almoço. Essa iniciativa partiu de um desejo meu de estabelecer maior aproximação e criar outras situações de convivência além dos encontros previstos no planejamento. O

convite foi aceito e partir daquele dia estreitamos ainda mais as relações. Foi possível trocar ideias, conhecer outras histórias, experiências, sonhos e até as predileções de cada sujeito. Houve também oportunidade de narrar aspectos da minha caminhada e falar das propostas de pesquisa para que eles pudessem discutir, questionar e até sugerir direções as quais eu ainda não havia pensado.

Esses encontros informais foram essenciais para entender que não fazemos e produzimos nada sozinhos e que a pesquisa pode possibilitar também a ruptura dos próprios limites permitindo atuar nas fronteiras entre a experiência do cotidiano e a pesquisa científica. Além disso, essas experiências também me fizeram perceber a importância de auto avaliar-me como pesquisadora e participante do trabalho de campo com o grupo focal. Refletir o sobre o meu estado emocional, físico e mental, as minhas competências e incompetências, problemas e dificuldades, conforme afirma Angrosino (2009, p. 46) ao pontuar que “alguns fatores não... [é possível] mudar, esconder, como gênero, idade, categoria racial ou étnica percebida”.

Dinâmica, viva e sempre surpreendente, a pesquisa de campo desafia, inventa-se e reinventa-se constantemente. Ao refletir sobre as relações construídas com os sujeitos da pesquisa no trabalho de campo, constato que se abriram espaços para problematizar questões importantes frequentemente à margem dos trabalhos acadêmicos que produzimos e apresentamos. Além disso, é no campo da pesquisa que encontramos a potência para uma metodologia inventiva, orgânica e viva que não se prende a um único ponto de vista, mas, pelo contrário, se estrutura pelas relações, possibilidades, diferenças, pelas tramas feitas e desfeitas em sintonia com a realidade, a história e o cotidiano que vivemos.

Reporto-me a Deleuze e Guattari (1997) e ao conceito de rizoma relacionando-os à complexidade e amplitude do conhecimento e suas implicações nos processos de educação e formação. São ideias, percepções, relações e afetos que não têm início nem fim, são linhas que se ligam, se expandem, se rompem, sempre abertas a novas possibilidades, acasos e situações passíveis de levar a outros aprendizados.

Como uma cartografia que se desdobra, o projeto foi ganhando contornos inesperados e, aos poucos, fui compreendendo que alguns rearranjos e ajustes eram não apenas necessários, mas inevitáveis. Comecei então a mapear os caminhos metodológicos, bem como a organização deles no trabalho de campo com o grupo focal. Os estudos de Deleuze e Guattari (1997) me ajudaram a compreender os fluxos

desses caminhos e a promover trajetos usando uma metodologia flexível, assim como os mapas que podem ser revistos, discutidos e redesenhados.

Em meio a uma dinâmica de surpresas e acontecimentos inesperados, fui alinhavando ideias, observações e percepções como linhas que ligam pontos de encontro, tecem afetos, entrelaçam temas e se flexibilizam no contexto das realidades de cada encontro. Partindo dessa perspectiva, lancei algumas linhas que foram se cruzando, aproximando, criando rotas, ampliando-se, gerando reflexões, atravessamentos e compondo a pesquisa a partir dos encontros e entrevistas. Assim foram surgindo as narrativas autobiográficas, temas sobre deslocamentos e migração, sobre processos e práticas de formação docente deixando evidente as potencialidades de um grupo focal que movimentou e enriqueceu a investigação em vários aspectos.

1.4 Grupo focal: encontros, expectativas, contextos e subjetividades...

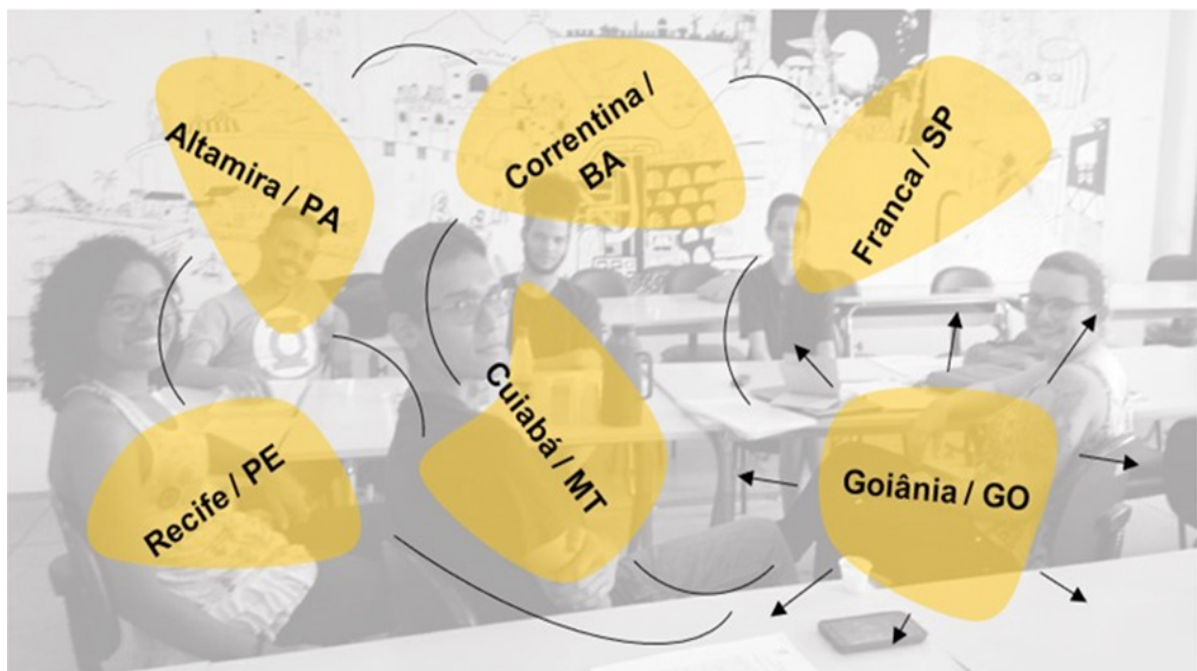


Figura 5 - Primeiro encontro do Grupo Focal. FAV/UFG, campus Samambaia, 2017.
Fonte: arquivo da autora.

O grupo focal foi formado por estudantes originários de outros estados para estudarem na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Todos os colaboradores que aceitaram participar do grupo focal são graduandos do curso de Licenciatura em Arte Visuais. A figura 5 apresenta em amarelo espaços com os nomes dos diferentes estados de onde vieram os/as estudantes. Após a confirmação dos sujeitos que manifestaram interesse em participar da pesquisa, pude

realizar um mapeamento inicial das principais características e especificidades do grupo focal.

Colaboradores	Estado/ Lugar de que veio:
Rebekah, 19 anos	Recife / PE
Thaíla, 20 anos	Franca / SP
Karl Marx, 21 anos	Correntina / BA
Augusto Cesar, 24 anos	Cuiabá / MT
Rafael Vaz, 25 anos	Altamira / PA
Danielli 22 anos	São Paulo/ SP

Tabela 1 – Relação de colaboradores que participaram da pesquisa, 2017-2018.

Fonte: arquivo da autora.

Participaram da pesquisa seis colaboradores, sendo três mulheres e três homens. Um grupo misto, caracterizado por diversidades no que tange às categorias partilhadas, raciais de gênero e cultura. São jovens de 19 a 25 anos de idade que passaram por experiências distintas em relação aos processos de deslocamento e migração no Brasil até chegarem a Goiânia e se lançarem a um objetivo em comum: estudar na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

A ideia de que os participantes do grupo focal tenham interesses comuns de modo a fomentar discussões produtivas e *insights* em relação ao tema da investigação é reforçada por Barbour (2009, p. 21) ao explicar que,

o estímulo ativo a interação do grupo está relacionado, obviamente, a conduzir a discussão do grupo focal e garantir que os participantes conversem entre si, em vez de somente interagir com o pesquisador “moderador”. Entretanto, também se relaciona com a preparação necessária ao desenvolvimento de um guia de tópicos (roteiro) e a seleção de materiais de estímulos que incentiva a interação, assim como as decisões feitas em relação a composição do grupo, para garantir que os participantes tenham o suficiente em comum entre si, de modo que a discussão pareça apropriada, mas que apresentem experiências ou perspectivas variadas o bastante para que ocorra algum debate ou diferença de opinião.

Inicialmente, propus ao grupo a realização de três encontros para discutirmos os assuntos e temáticas da pesquisa. Após os encontros iniciei as entrevistas de acordo com o roteiro do guia tópico visando à produção de uma narrativa visual coletiva do grupo. Cada encontro teve a duração de aproximadamente três horas,

incluindo situações adversas que exigiram adequação do tempo aos compromissos de cada participante.

Certifiquei-me, com antecedência, da disponibilidade de uma sala na Faculdade de Artes Visuais para as entrevistas, visto que os sujeitos colaboradores consideraram a FAV o melhor lugar para realizar os encontros. Além da organização da sala, preparei para os encontros, equipamentos para registros visuais e sonoros e um lanche. Desse modo, poderíamos dispor do período da tarde com tranquilidade, concentrados no objetivo do encontro e evitando pausas longas.

No primeiro encontro, não estava segura se os estudantes que demonstraram interesse e confirmaram participação na pesquisa estariam presentes. No entanto, fui surpreendida positivamente com a presença de cinco participantes e, assim, o primeiro encontro (Figura 6) com o grupo aconteceu no dia 8 de dezembro de 2017, superando as minhas expectativas.



Figura 6 - Grupo Focal. Primeiro encontro na FAV, campus Samambaia, 2017.

Fonte: arquivo da autora.

Apresentei e elaborei uma descrição detalhada do projeto. Informei os participantes sobre os procedimentos a serem realizados no trabalho de campo e, após a assinatura do TCLE², deu-se início às etapas do roteiro. Durante esse primeiro contato com o grupo, fomos traçando informações, tecendo diálogos, conhecendo-nos um pouco melhor a partir da proposta de investigação. O primeiro encontro pode ser caracterizado como um momento de muita escuta e atenção a todas as falas, gestos, olhares, sorrisos, perguntas, apresentações entre outros acontecimentos. Era o momento de abrir caminhos para tocar nos assuntos que interessavam à pesquisa e, de alguma forma, a nós mesmos. Pois, sabemos que

aquele que narra sua história de vida sempre narra para alguém. Ou seja, no processo de elaboração de sua narrativa há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja com um interlocutor imaginário, como é o que muitas vezes acontece com os diários íntimos. Tanto mais isto se aplica à situação da entrevista, na qual o pesquisador é quem estimula e recolhe a narrativa. Quem conta a sua vida, não conta a um gravador, mas sim a um indivíduo. (BUENO, 2002, p. 20).

Criamos um espaço para que todos pudessem falar um pouco sobre suas histórias de vida e formação. Iniciamos a nossa conversa com questões mais abrangentes, possibilitando assim muito mais diálogos que falas e respostas isoladas. Tive a sensação de que todos estavam bem à vontade, demonstrando interesse em participar da conversa.

Rafael foi o primeiro estudante que espontaneamente desejou narrar um pouco da sua experiência na FAV e sobre sua chegada em Goiânia. Ele demonstrou muito interesse no assunto da pesquisa, principalmente quando apresentei o tema, alguns dos objetivos e quando destaquei a questão da migração e dos deslocamentos relacionados aos processos de formação. Rafael falou de sua produção artística, estabelecendo relações com o processo de mudança da cidade de Altamira - Pará, para Goiânia - Goiás. Quase não tocou em assuntos sobre família, suas relações particulares e afetivas, porém, algumas vezes, ao falar de sua relação com a cidade, deixava transparecer um diálogo entre os lugares e o campo afetivo humano.

² TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido, documento oficial apresentado ao Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), exigido para projetos de pesquisa envolvendo seres humanos. Esses documentos são necessários para obter a autorização para ir a campo. Disponível em: <<https://cep.prpi.ufg.br/n/103547-plataforma-brasil>>. Acesso em abr 2018.

Rafael Vaz: “A viagem para mim é bastante importante, principalmente no meu processo artístico, por incrível que pareça. Porque quando vim de Altamira, lá do Pará, eu vim para estudar e foi aqui que eu me descobri com uma produção artística. Foi aqui que eu comecei a escrever as minhas poesias, foi aqui que eu me tornei o poeta que eu sou. Só que a presença das duas cidades na minha escrita só surgiu de um tempo para cá, porque foi quando eu consegui voltar a Altamira, nesse momento pude olhar a cidade com outros olhos, que não foram os olhos com o qual eu saí de lá. E aí ela (Cidade de Altamira) começou a aparecer nas minhas poesias, então eu escrevo muitas poesias que relacionam as duas cidades, os dois modos de vida, a minha percepção dos dois lugares. E dessas viagens como mochileiro, já fui a São Paulo, Rio de Janeiro, principalmente na condição de ir sem dinheiro, experimentando as situações que a estrada apresenta. Acho muito legal você chegar em um lugar sem saber para onde ir, isso é maravilhoso porque você pode ir para qualquer lugar.” (Entrevista realizada em 08/12/2017).

Quando Rafael começa a narrar um pouco de suas experiências, sua voz se sobressai ao silêncio que ele mesmo cria quando inicia sua fala. Nós, em grupo nos mantivemos atentos e interessados ao que ele dizia. Parecíamos surpresos ao vermos sua desenvoltura e disposição para iniciar as falas. Já que falar de si não se configura em uma prática simples e fácil.

Ao notar que Rafael ia finalizando sua fala, pensando sobre o deslocamento e as relações estabelecidas entre as duas cidades a partir do trabalho artístico desenvolvido, procuro um meio de adentrar outras questões que pudessem dar continuidade ao seu breve relato e ainda o contextualizar socialmente em tais processos e percursos. Então, Rafael conta sobre o que motivou sua vinda para Goiânia, a escolha do curso e o que pensa sobre o seu processo de formação docente.

Rafael Vaz: [...] “Eu vim para Goiânia em 2010, fiz três períodos de História na PUC, mas não pude continuar porque tinha que trabalhar e não consegui manter as duas coisas, então desse curso não aproveitei nada. E aí estando aqui, com a saudade de Altamira, comecei a escrever em meus diários de uma forma diferente, essa escrita foi se transformando em poesias. Então, tem sete anos que estou em Goiânia, mas, só há três anos que eu comecei a descobrir a minha poesia. Agora estou pensando elas no campo visual também, depois que comecei o curso na FAV. Por meio delas, falo do cotidiano, das minhas experiências, do meu olhar em relação às coisas do mundo, principalmente por um viés político. Eu não escolhi a licenciatura, foi o universo. O universo contribuiu para isso e o Enem, é claro, ajudou. A minha nota não deu para passar para Artes Plásticas. Mas eu não ligo, até porque a minha preocupação política é muito mais importante do que a minha produção artística. Ser artista é apenas uma consequência desse processo. Comecei a participar de saraus, faço as minhas poesias, espalho elas na cidade por meio de lambes e zines. E a licenciatura me dá abertura para inúmeras discussões e quase nada passa batido. O fato de nos aproximar das escolas e de nos fazer refletir sobre esses contextos de educação é fundamental para nos entendermos nessa caminhada da formação. A licenciatura permite que eu trabalhe a minha arte por um viés político, isso é essencial para mim. Eu não gosto da universidade, não gosto dessa rotina, esse ritmo me deixa muito doido, mas ao mesmo tempo vejo que é preciso estar aqui e que é necessária à minha formação, principalmente para compreender melhor minha produção, meus lugares de atuação no mundo. (Entrevista realizada em 08/12/ 2017).

A narrativa de Rafael me levou a pensar sobre as relações que podemos estabelecer com os lugares, principalmente com a cidade. Sua preocupação em falar da cidade de Altamira, relacionada a um aspecto saudosista, a partir de sua poesia e trabalho artístico, quase assumia sua busca por um cenário o qual parecia não mais existir. Desde o ano de 2010, Altamira vem passando por muitas transformações. A construção da *Usina Hidrelétrica de Belo Monte* é sem dúvida um dos principais motivos dessas grandes mudanças. Por ser uma obra de grande impacto ambiental e social, desencadeou um rápido aumento populacional em função do trabalho e mão de obra. Imagino que Rafael, ao se recordar do rio, das paisagens, de sua gente, das relações sociais que estabelecia no município de Altamira, procure de alguma forma preservá-los em suas poesias, buscando meios para refletir seu diferente cotidiano

na cidade de Goiânia, o qual já se confunde com o que poderia estar vivendo se estivesse em Altamira. Rafael demonstra em suas falas, gestos, desenhos e colagens sua preocupação política e encara o trabalho artístico como uma consequência disso. Por esse motivo, sorri, demonstra um certo orgulho ao falar sobre educação, a importância da licenciatura, a necessidade de uma formação.

Nossas conversas seguem, as narrativas continuam e embora fossem, é claro, bem diferentes umas das outras, já existiam pontos em que compartilhávamos algumas situações e sentimentos. Então, Thaíla, ainda com um ar de timidez, que ela mesma diz ter, decide contar um pouco de sua história, o que motivou sua vinda para Goiânia, suas expectativas e frustrações.

Thaíla: “Eu vim de Franca acreditando que estudar na Universidade Federal de Goiás seria bem melhor do que continuar na faculdade que eu fazia lá. Lá a faculdade era privada, eu fazia artes visuais licenciatura e bacharelado, mas era muito difícil as trocas de experiências. Poucas pessoas tinham produção artística, a maior parte delas estavam preocupadas apenas com o próprio trabalho, não existia a ideia de coletivo. Muito diferente da dinâmica da FAV, em que eu vejo a galera se movimentando e compartilhando suas produções e diferentes experiências. Só que quando eu cheguei aqui na FAV, muito do que eu havia planejado não aconteceu. Eu senti uma grande dificuldade em acompanhar as disciplinas, porque não estava acostumada com esse tipo de bagagem e com a rotina pesada de estudos. Ao mesmo tempo a preocupação que eu tinha de me manter aqui tendo vivido com tantos problemas financeiros em casa me deixava muito preocupada. Eu cheguei a mentir para os meus pais dizendo que tinha conseguido uma bolsa permanência e que as coisas iriam se ajustar. Ainda alimentando um desejo de ficar por aqui e me formar com tranquilidade, mas eu não consegui auxílio. Isso tudo afetou muito o meu psicológico, eu ficava pensando: estou aqui em outra cidade só para estudar enquanto meu pai e minha mãe se matam de trabalhar para me manter. Além disso não estou conseguindo acompanhar o ritmo das disciplinas, a quantidade de matérias, a exigência. Então, ao mesmo tempo que eu queria e buscava essa formação na FAV, não me sinto preparada para estar aqui, ocupando esse lugar. Tipo, reprovei em três matérias no primeiro semestre porque não estava conseguindo acompanhar as aulas, eu tinha muitas faltas, e isso não é um assunto que o professor quer saber o motivo, ele não está nem um pouco interessado em te entender. Então eu fui meio que desistindo, sem ter com quem falar, conversar, apresentar as minhas dificuldades. E mesmo com um desejo muito grande de ficar e aprender na FAV, essa questão da solidão, dificuldade de socialização, as disciplinas e principalmente o financeiro me atrapalham demais a continuar nessa caminhada.” (Entrevista realizada em 08/12/ 2017).

Ao me aproximar desses relatos narrativos, comecei a pensar sobre a minha condição e atuação naquele espaço de escuta e pesquisa. Thaíla, ao falar de sua experiência como estudante na FAV, mostra o quanto esse processo de mudança e deslocamento em busca de formação pode ser difícil e solitário. No início, as expectativas, planos e sonhos são bem estimulantes, mas a realidade de viver a experiência do deslocamento e a mudança de cidade pode ser bem diferente dependendo das condições de permanência e circunstâncias pessoais, psicológicas e subjetivas que se vive. Quando Thaíla termina seu relato, abrimos um espaço para conversar sobre essas experiências e sensações em grupo. Em seguida, Karl Marx se apresenta e começa a falar da sua trajetória.

Karl Marx: “Meu nome é Karl Marx Silva Araújo. Eu tenho 21 anos, sou de Correntina na Bahia “a capital de Goiânia” (Risos). Eu falo que Correntina é a capital de Goiânia, porque Correntina é mais próxima de Goiânia e Brasília do que de Salvador, capital que é o dobro da distância. Eu moro em Goiânia tem três anos. Terminei o ensino médio em Correntina em 2013 e vim sozinho para Anápolis para fazer cursinho. Depois de um ano de cursinho eu vim para Goiânia morar com o meu irmão, que já estava aqui. Então eu vim só para estudar, comecei fazendo Ciências Sociais aqui mesmo na UFG, fiz dois anos e depois passei para as Artes Visuais. É muito louco isso tudo, logo no primeiro mês da minha saída de Correntina para cá eu vi a minha vida mudar completamente. Eu me vi muito diferente, foi a primeira vez que eu me senti sozinho no mundo, e por mais que tenha sido difícil no primeiro momento, foi muito massa, porque me senti dono de mim mesmo, dono dos meus próprios sentimentos. Apesar de ainda ser dependente dos meus pais financeiramente, esse foi um momento de me ver sozinho, onde eu próprio me guiava. Principalmente na questão de agir, pensar, na questão da sexualidade. Em Correntinha, por ser uma cidade pequena, muita coisa me prendia. Meus pais sempre foram envolvidos em movimentos sociais, eles eram militantes da Comissão Pastoral da Terra (CPT), eles se conheceram no movimento e se casaram por conta disso e acabou que colocou meu nome de Karl Marx, e o do meu irmão de Óscar Romero (risos e comentários em grupo). Meus pais não são ricos, mas temos uma certa estabilidade e uma ideologia que é o que mais nos sustenta e nos mantém. Acredito que nós temos um lugar de fala e a gente se afirma nele. Sempre tive contato com movimentos sociais desde criança, eram ambientes de militância e formação que mais frequentávamos, e me sinto privilegiado por isso. O conhecimento nos dá poder e querendo ou não a gente tem um poder de fala sobre aquilo que conhecemos. Ao sair da minha cidade e ficando longe da família e amigos, descobri a possibilidade de entender muitas coisas, a minha própria sexualidade, meus desejos e vontades, isso foi libertador. Aqui eu me vi com a capacidade de conhecer as pessoas, e não me sentir refém delas. Muitas vezes me senti sozinho nesse processo, mas ao mesmo tempo eu pude me sentir dono de mim mesmo e isso é muito bom, é libertador. (Entrevista realizada em 08/12/ 2017).

Karl Marx revela aspectos positivos em relação a sua vinda para Goiânia, principalmente relacionados a questões de um autoconhecimento. Naquele momento percebi que já estávamos mais entrosados e muito interessados em escutar e trocar as experiências, já que partiam de contextos e histórias diferentes para um mesmo lugar de chegada. A FAV era o nosso ponto de encontro, de discussão, era pauta e ao mesmo tempo ambiente de pesquisa. Alguns sentimentos, como insegurança, instabilidade, solidão, surgiam nos relatos narrativos com muita força. No entanto, ficava atenta para buscar entendê-los nas particularidades de suas histórias, já que

as pessoas, ao construírem seus relatos, vão tomando consciência das suas próprias e diferentes opções e dos modos como esses relatos são interpretados e reconstruídos a partir do hoje, ou seja, das condições particulares. Desse modo, os relatos se entrecruzam em pontos comuns, em contextos e momentos históricos, da mesma maneira que se distanciam nas biografias pessoais. (MIRANDA, 2017, p. 250).

Nesse contexto, Rebekah parecia ansiosa para narrar e revelar o que se passava com ela naquele momento, mas decide antes disso se apresentar e falar um pouco de sua história, assim como todos estavam fazendo.

Rebekah: Meu nome é Rebekah Santana Fernandes, tenho 19 aos. Eu nasci em Anápolis, mas com dois anos de idade fui morar em Recife, e eu morava lá desde então até esse ano, por isso me considero recifense. Meu pai sempre foi um viajante, ele era músico, tinha uma banda e viajava o Brasil fazendo apresentações. Em uma dessas viagens meu pai conheceu a minha mãe, que era daqui de Goiânia. Eu vim para cá para estudar, porque Recife é uma Metrópole e a UFPE tem uma nota altíssima, eu não consegui passar. Como minha mãe era daqui e tinha alguns parentes com casa em Goiânia, decidi vir para estudar na FAV. De início acreditamos que os parentes - que eu ainda não conhecia - poderiam me acolher durante o meu período de formação, mas o tempo foi passando e percebi que eu não era nem um pouco bem-vinda na casa deles. Mesmo contribuindo muito com as despesas, e passando pouquíssimo tempo lá (muitas vezes eu só ia para dormir, almoçava e jantava no restaurante universitário, ficava o dia todo na faculdade) eles reclamam muito, e a convivência não é boa. A quantia que minha tia cobrava da minha mãe foi aumentando aos poucos e como se não bastasse ela ainda reclama dizendo que eu dava despesas demais, queria jogar meus materiais de arte fora por conta do pouco espaço, entre outras coisas bastante desagradáveis. Isso pesou bastante no bolso da minha mãe, que passava por dificuldades financeiras em Recife. E embora eu tenha procurado muito por emprego aqui em Goiânia, eu não consegui

[...] Eu sempre tive uma ligação muito forte com a arte, inclusive minha intenção era ter passado para artes plásticas, mas como não deu certo, o SISU escolheu por mim. E não foi ruim, apesar de sentir falta de ter mais matérias práticas, a licenciatura me proporcionou experiências das quais jamais vou esquecer. As aulas da professora Carla de Abreu com certeza me influenciaram muito na maneira de pensar a educação. Como ela mesma falava, o bichinho da educação me mordeu (risos). E meu desejo de ensinar ainda é grande e fica cada vez maior. Como isso vai acontecer eu não sei. Sei que estou pensando e me organizando para voltar pra casa. Eu senti um choque muito grande quando vim para Goiânia, a cidade aqui é menor do que Recife. Sinto falta de muitas coisas, inclusive das paisagens bonitas de Recife, do mar e, é claro, da minha família, dos meus amigos de lá. Estou pensando em trancar o curso aqui e voltar para Recife. (Entrevista realizada em 08/12/ 2017).

Ficamos impactados ao saber que Rebekah já pensava na possibilidade de trancar o curso. Ela vinha enfrentando uma série de questões e conflitos familiares para se manter aqui, estando na casa de alguns parentes e parecia estar se sentindo bem ao partilhar conosco um pouco de suas angústias. Dizia o quanto considerava importante ter alguém para escutar suas histórias e ainda mais saber que há outras pessoas passando por situações parecidas, sobre as quais precisamos refletir. Ao terminar sua fala, tomamos água, café, respiramos um pouco, enquanto nos preparávamos para entrar e conhecer partes da história de vida do Augusto.

Augusto: Eu sou de Cuiabá - Mato Grosso, um lugar quente, conhecem?... A cidade é construída em um buraco. A pior época de lá é no meio do ano, porque tem as queimadas no Parque Nacional. Às vezes elas acontecem por conta do clima, outras vezes é incêndio criminoso. A cidade fica tomada pela fumaça e o dia escurece mais cedo. Então, eu fiz um ano de Física lá na UFMT, o curso era muito puxado. Eu estudava até as madrugadas fazendo cálculos. Eu olhava para os meus professores, consumidos por aquele lugar e suas obrigações e pensava que aquela não era a vida que eu queria para mim. Muitos deles se drogavam para aguentar aquela rotina. Eu sempre gostei muito de desenhar, ouvir música, ler poesia, mas naquele período eu não fazia outra coisa além de cálculos e estudos ligados à Física.

Lá na UFMT não tinha o curso de Artes, que era o que eu queria fazer, era a única coisa que me dava prazer. Sabia que em Goiânia tinha o curso de Artes, e por ter alguns parentes em Trindade, considerei que a minha vinda para cá poderia dar certo. Então, eu comecei a me programar para fugir daquela realidade que eu não queria mais para mim. Meu pai havia abandonado minha mãe para ficar com outra família, meu irmão ainda estava no ensino médio e não trabalhava. Nesse período eu deixei a faculdade de Física, que já não estava me fazendo bem, fui trabalhar para ajudar a minha mãe e para juntar dinheiro para sair daquela situação. O meu desejo era fugir de tudo isso. Comecei a trabalhar em um frigorífico, a experiência também não era boa, muito pelo contrário, eu odiava aquele lugar. Mas eu precisava aguentar porque era com esse dinheiro que eu pagava as contas de casa e juntava para vir para Goiânia. Eu havia passado para o bacharelado aqui, em Artes Plásticas, mas ainda não tinha juntado dinheiro suficiente para vir, então tive que trabalhar por mais um tempo. Prestei o Enem e minha nota deu para eu entrar na Licenciatura em Artes Visuais. Depois, quando cheguei aqui até fiz o processo para transferir o curso, mas acabei ficando na Licenciatura. Algumas professoras me cativaram com suas didáticas e discussões. E isso eu considero muito importante para minha formação e até para eu entender melhor minhas produções artísticas. Por sorte eu consegui a bolsa permanência, e sou monitor voluntário na sala de tridimensional e no ateliê de gravura. Me vejo agora totalmente dentro dessa caminhada, feliz em poder fazer o que eu sempre quis. Sei que mais para a frente as coisas vão mudar e que será preciso dar mais alguns passos. Mas, por enquanto, as experiências aqui estão sendo muito boas e eu pretendo continuar. (Entrevista realizada em 08/12/ 2017).

Augusto me fez enxergar detalhes essenciais para compreender a nossa dinâmica e movimento no mundo. Independentemente das relações que construímos nos lugares e com os lugares, de onde viemos e por onde passamos, é imprescindível que estejamos lúcidos para também olharmos para dentro de nós mesmos e perguntarmos: é aqui que eu quero estar? Estou nessa caminhada por que me faz bem? O que as minhas experiências dizem de mim? Esse processo de autoconhecimento é tão importante quanto a decisão de se permitir mudar, ser outros, se redescobrir. Augusto disse que passarmos por situações difíceis é algo bom por nos preparar para desafios maiores. As narrativas de histórias de vida exercem um papel fundamental

ao acessarmos experiências que nos permitem refletir o passado no tempo atual. Do mesmo modo,

[...] o que os autores ressaltam reiteradamente é o caráter formativo do método, uma vez que ao voltar-se para seu passado e reconstituir seu percurso de vida o indivíduo exercita sua reflexão e é levado a uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo. (BUENO, 2002, p. 23).

Ao reescrever essas histórias, lembro-me da dificuldade que sentia de me ver como pesquisadora naquele momento. Eu sabia o quão grandes eram as minhas responsabilidades, mas ao mesmo tempo não podia olhar só para os dados e perguntas da pesquisa. O tempo todo me sentia afetada pelas subjetividades envolvidas nos diferentes contextos de cada história e o meu desejo era de continuar escutando e acompanhando todas essas trajetórias para além da pesquisa.

Nessa perspectiva, minhas anotações de campo me ajudam a lembrar da preocupação que tinha em transformar aquelas experiências em dados de pesquisa. Eu ainda não sabia como construir muito bem esses caminhos. Contudo, uma coisa eu sabia e sentia: a pesquisa de campo exigia muito mais que um pesquisador e suas estratégias metodológicas.

- **Angélica:** Acredito que não consegui capturar tudo, muitas coisas acontecem ao mesmo tempo. São muitas informações. As histórias são densas, cheias de detalhes. Ao mesmo tempo, penso que muito do que seria importante dizer hoje, não foi dito. É difícil mediar situações de diálogos e conversas quando as experiências são narradas por histórias, pois elas vão surgindo como flechas em uma retrospectiva sem muita ordem. O fluxo de consciência também é recorrente, e está nos levando a alguns desvios para caminhos inesperados. Mesmo tomando cuidado para interferir minimamente nas apresentações, relatos e histórias, me sinto com a responsabilidade de voltar algumas vezes com os assuntos que interessam ao grupo e a pesquisa. Não sei no que isso irá resultar, tenho a impressão de que as perguntas de pesquisa não serão muito bem trabalhadas, talvez elas precisem mudar. Mas o aprendizado com essas experiências narradas, ahh... Essas ficaram! (Caderno de campo, anotações feitas em 8 de dezembro de 2017).

A partir de algumas anotações nos cadernos de campo, recordo-me das minhas sensações e meus sentimentos constantes ao terminar um encontro com o grupo focal. Registrar o que se passava comigo naqueles momentos da pesquisa era um meio de suprir a ansiedade e de mais tarde me entender/situar naquele contexto.

Nesse dia de primeiro encontro, cada um(a) pôde contar um pouco de sua história de vida. Como foi a vinda para Goiânia, suas paragens, a chegada, as expectativas, os motivos que moveram os processos de deslocamento e ou movimentos de migração. Além desse primeiro momento, cheio de histórias intensas que pareciam estar prontas para serem narradas, escutadas, pensadas e discutidas, busquei uma forma de nos concentrarmos nelas a partir dos seguintes tópicos:

- A importância das histórias de vida nos processos de formação docente.
- A graduação e a academia (FAV/UFG) como um lugar de passagem, formação e transformação.
- A potencialidade das narrativas visuais no exercício reflexivo de revisitar caminhos, processos de deslocamento e migração.
- As relações entre vida, arte, cultura visual, cotidiano e educação, tramadas em nosso processo de formação docente.

Como já estávamos no final do ano, lancei esses tópicos para discussão sugerindo que refletissem a partir deles, individual ou coletivamente durante as férias. O objetivo era que no encontro seguinte esses tópicos pudessem ser abordados e repensados a partir de algumas perguntas colocadas ao grupo durante as narrativas individuais.

Para me certificar de que seria possível realizar o segundo encontro e continuar em contato com os participantes, montamos um grupo no *WhatsApp*, maneira rápida e fácil de manter a nossa comunicação. O grupo no *WhatsApp* funcionou como suporte fundamental nos ajudando a manter contato e diálogos durante o período das férias.

Esse instrumento tecnológico de comunicação social, o *WhatsApp*, teve a princípio o objetivo de atuar como um meio para o nosso contato pessoal. Podíamos combinar conjuntamente os próximos encontros, dias e horários. No entanto, não determinei que o grupo do *WhatsApp* ficasse restrito somente para esse tipo de comunicação. Então, mensagens, relatos e imagens começaram a surgir com

frequência e espontaneidade. Todas relacionadas de algum modo à pesquisa, aos temas e às questões que já havíamos conversado. Ao falar dessas ações na pesquisa, e atenta para as inúmeras incertezas e falibilidades que circundam esses processos, recorro as observações de Martins e Tourinho (2013), por destacar “que as metodologias da pesquisa em cultura visual necessitam ser fluidas, diversificadas e abertas a utilização de abordagens criativas”. E ainda,

articuladas com práticas contemporâneas que miscigenam ideias, imagens, artefatos e formas de mediação em diferentes contextos e culturas, essas metodologias enfatizam o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento humano, privilegiando a relação entre “reflexão epistemológica” e “pesquisa empírica”, aqui entendida como pesquisa de campo. (TOURINHO; MARTINS, 2013, p.63).

Na Figura 7, apresento a configuração do grupo no aplicativo e, ao lado, um relato de Karl ao refletir sobre os tópicos e algumas perguntas que foram surgindo durante as conversas.

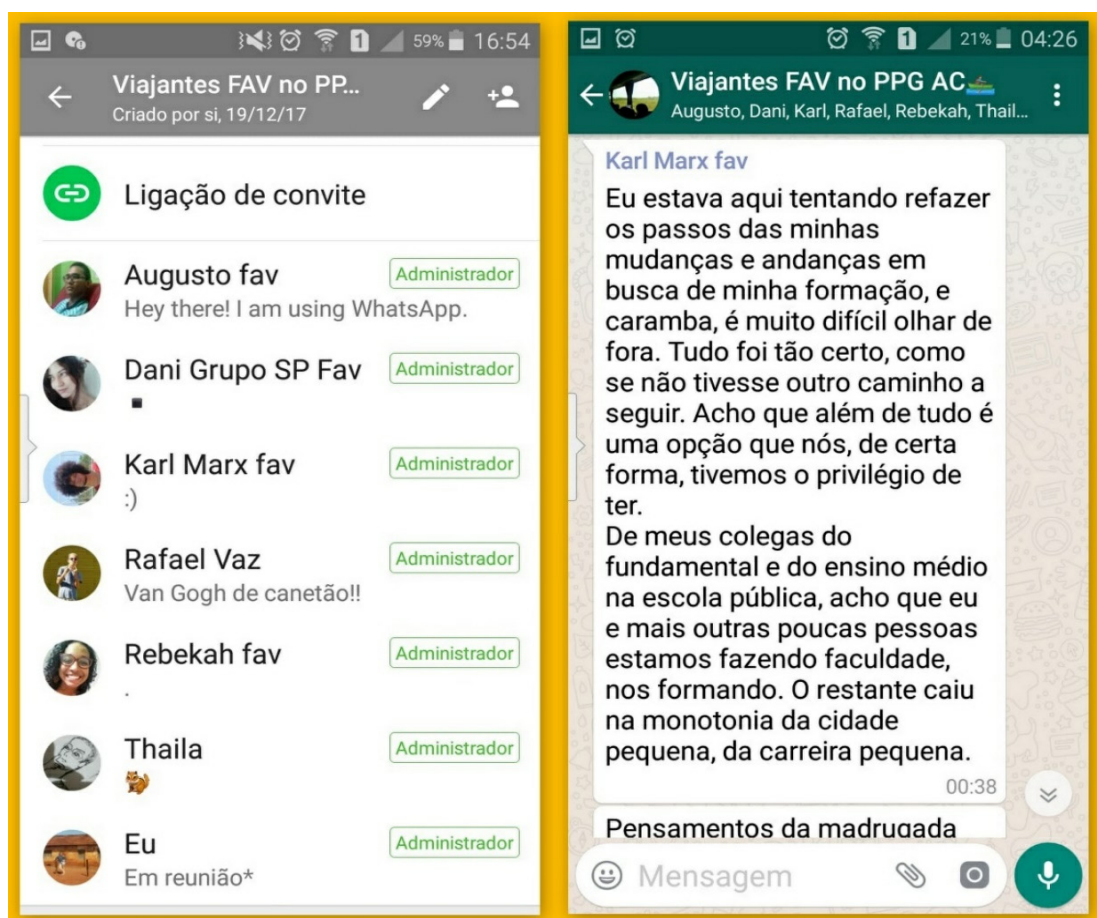


Figura 7 - Grupo no *WhatsApp*, 2017/2018. Relato de Karl Marx.

Fonte: arquivo da autora.

A partir do *WhatsApp*, pude acompanhar também certas mudanças de planos por parte de algumas pessoas do grupo, principalmente em relação à permanência ou ao trancamento da matrícula do curso de graduação. Estávamos no período em que reflexões do tipo eram quase inevitáveis, o fechamento do semestre, o início das férias, a saudade de casa, da família, os recursos para se manterem em Goiânia e uma série de outros fatores subjetivos quase impossíveis de se descrever.

Utilizar o *WhatsApp* para registrar situações que interferiam diretamente no desenvolvimento e na continuidade da pesquisa de campo era para mim um recurso extremamente necessário. Preocupava-me com o distanciamento do grupo e as possíveis dificuldades que enfrentaríamos para organizarmos os próximos encontros, ao saber que muitas mudanças estavam acontecendo naquele período.

No entanto, quando falo dessa ferramenta e estratégia de comunicação, o *WhatsApp*, procuro compreendê-la a partir de três aspectos diferentes. O primeiro é a comunicação direta e pessoal envolvendo as questões práticas do desenvolvimento da pesquisa. O segundo aspecto é o que lida com as mensagens sobre situações e experiências dos participantes acerca das quais encontram-se refletindo no contexto no qual estão vivendo, lugares, instabilidades, permanência, desistência, resistência e outros. E o terceiro aspecto é quando o utilizamos para partilhar relatos, narrativas e imagens das experiências individuais e coletivas que realizamos no grupo focal refletindo sobre os percursos e as histórias de vida. Os dois últimos aspectos se configuram como evidências de investigação contribuindo com a coleta e análise dos dados de pesquisa.

Perceber que o *WhatsApp* estava se tornando uma ferramenta importante no processo de investigação da pesquisa de campo, foi fundamental para entender que as evidências e dados da pesquisa podem acontecer ou surgir de uma maneira inesperada e cabe a nós pesquisadores não as deixar passar em branco. Abaixo conto um pouco dos percursos de Rebekah, que decidiu partilhar conosco seus sentimentos e mudanças pelo *WhatsApp*, e ainda manifestando a sua alegria em poder continuar como participante da pesquisa mesmo que de longe.

Após o primeiro encontro, que aconteceu no final do ano de 2017, Rebekah voltou para Recife, onde residem seus pais, suas irmãs, namorado e família. Por esse motivo, a estudante esteve presencialmente no grupo apenas uma vez. Nos demais

encontros participou à distância por vídeo chamada, o que foi muito interessante, pois nos proporcionou experiências caras aos temas em discussão.

Rebekah relatou algumas vezes que sentia muita saudade de casa e que passava por momentos difíceis morando na casa de parentes em Goiânia. No entanto, demonstrava tristeza quando falava sobre trancar o curso na FAV e se distanciar dos amigos que fizera. Durante nossas conversas pelo *WhatsApp*, Rebekah demonstrou alegria e satisfação ao poder permanecer participando do grupo, mesmo que à distância.



Figura 8 - Grupo no *Whatsapp*, 2017/2018. Relato de Rebekah.
Fonte: arquivo da autora.

Em resumo, a situação dos participantes era a seguinte: Rebekah havia decidido trancar a matrícula e continuar morando em Recife. Thaíla tinha passado uns dias com seus familiares em São Paulo durante as férias e voltou pensando na possibilidade de desistir do curso. Rafael tinha perdido o celular, ficamos uns dias sem nos comunicar e, por esse motivo, ele não conseguiu confirmar presença no segundo encontro. Augusto, sempre presente nos ateliês da FAV, foi mais um colaborador ausente no grupo do *WhatsApp*, porém, participou ativamente de todos os encontros narrando

suas experiências de fuga e histórias de vida. Karl Marx também participou de todos os encontros, mostrou-se muito ativo nas conversas via aplicativo e demonstrava estar satisfeito com seu curso. Tinha pretensão de dar continuidade aos estudos após a conclusão do curso.

Ao fazer esse balanço sobre o que aconteceu com o grupo durante o período das férias e sobre como essas alterações afetavam a formação e continuidade do grupo focal e, conseqüentemente, a continuidade da pesquisa, senti medo, ansiedade e preocupação. Durante a preparação do material, equipamentos e roteiro para o segundo encontro, perguntava-me se seria viável prosseguir com a pesquisa com o grupo incompleto, caso mais um/a não pudesse continuar participando. De todo modo, preparei-me reforçando o convite ao grupo e indo constantemente à FAV na expectativa de encontrá-los lá. Além disso, retomava constantemente algumas leituras que, de algum modo, me preparavam para os momentos de encontro.

O segundo encontro aconteceu no dia 12 de março de 2018. Havia se passado pouco mais de dois meses desde o último encontro. Para marcar o segundo encontro, utilizamos novamente o contato pelo aplicativo *WhatsApp*. Muitas mudanças aconteceram nesse meio tempo, algumas idas e vindas, experiências, produções, mudanças.

No entanto, para minha surpresa, a estudante Danielli, que no final do ano de 2017 tinha se ausentado da faculdade por motivos de saúde, estava retornando às atividades em 2018. Ao me ver com o grupo, demonstrou interesse em participar da pesquisa, pois também estava passando por inúmeras experiências de mudança no processo de formação. Expus, mais uma vez, os objetivos da pesquisa e dos encontros, detalhei o percurso que já havíamos construído e partilhado até aquele momento para que Danielli pudesse se inteirar e se agregar ao grupo.

Antes de realizarmos as entrevistas, fizemos uma revisão lembrando as conversas do encontro anterior, algo muito importante uma vez que havia percebido existiam existência de muitos elementos, acontecimentos, falas e vivências que eram muito pertinentes à pesquisa, dados produzidos sinalizando reflexões profundas a serem analisadas posteriormente.

As perguntas planejadas no roteiro apresentavam temas envolvendo características e reflexões pessoais, mas que não foram direcionadas e/ou discutidas individualmente e partilhadas e discutidas em grupo.

1ª – Quem é você? Como você se vê? se sente? se entende? (Gênero, cor, etnia, cultura, profissão).

2ª – O que motivou sua vinda para Goiânia? (Estudos, viagens, sistema Enem, arte, outros).

3ª - O que te faz permanecer em Goiânia como estudante de licenciatura na FAV? Ou, o que não te faz permanecer aqui? (Curso, perspectiva de futuro, produção artística, formação / ou / instabilidade financeira, falta de apoio para permanência, família, saudade de casa).

4ª - Por que optou pela licenciatura?

5ª – Durante o percurso da sua cidade de origem até Goiânia, o que te fez pensar sobre sua formação, sobre ser professor, professor/artista ou artista/professor? (alguma imagem, desenho, registro, fala, música, fotografia, cena, acontecimento).

6ª - Qual é a sua situação agora, como você se vê nessa caminhada? (Vida, moradia, estudos, formação docente).



Figura 9 - Grupo Focal. Primeiro encontro em 2018. FAV, campus Samambaia.

Fonte: arquivo da autora.

As perguntas retomavam de certo modo o nosso primeiro encontro, formuladas na tentativa de confirmar detalhes que poderiam ter passado despercebidos. Abrindo

espaço para que pudessem acrescentar, retomar, refletir sobre assuntos que já tínhamos falado e outros que estavam mais esquecidos. Exceto Danielli, que vivia a experiência de se apresentar e narrar parte de suas trajetórias pela primeira vez naquele momento.

A maioria dos relatos destacava o desejo de fugir da realidade em que viviam, de se deslocar para adquirir outras experiências. Todas as pessoas que estavam colaborando como sujeitos da pesquisa explicitaram a necessidade de migrar para estudar, falaram sobre a expectativa e a experiência de construir novas relações em consequência dos deslocamentos e como haviam sido afetados por estas.

Karl Marx: Eu me vejo como uma pessoa muito insegura, e acho que isso interferiu bastante no meu processo de saída de casa até aqui. Precisei lidar com esse sentimento para me reconhecer de outras formas. [...] A cada dia que passa, vejo que está ficando mais difícil conseguir uma bolsa permanência, e isso está me preocupando muito, eu fico estagnado! Ou eu trabalho aqui para sobreviver e continuo estudando e ajudando meus pais, ou eu tenho que voltar para Correntinha sem dar continuidade na minha formação e acabar dedicando todo meu tempo trabalhando no caixa de um supermercado. Lá em Correntinha eu não tinha muitas oportunidades de estudar como tenho aqui. Ao mesmo tempo me sinto animado, nesse meu processo de me reencontrar [...]. Me sinto privilegiado por estar aqui na universidade e vejo que preciso aproveitar esse momento. As relações de amizade que construí em Goiânia são muito fortes e me fazem permanecer aqui. Quando penso em licenciatura, me lembro da minha mãe, que é pedagoga, e eu sempre me inspirei muito nela. Sempre tive muito interesse pela docência e uma grande vontade de pesquisar e trabalhar na educação infantil (Entrevista realizada em 12/03/ 2018).

Entre pausas e tempos de silêncio para responder algumas perguntas, Karl tenta rememorar um pouco dos seus caminhos, o trajeto que fez de Correntina a Goiânia, enfatizando a questão dos reencontros e da importância de se rever neles. Karl falava sobre essas são experiências que levamos para a sala de aula e quanto mais a gente se conhece, mais a gente pode encontrar meios para conhecer o outro.

Refletindo sobre as perguntas, Augusto se lembra do nosso último encontro e decide também recontar parte de sua história acrescentando alguns outros detalhes.

Ele reafirma que a sua vinda para Goiânia foi motivada pelo desejo de fugir da realidade que vivia, em busca de algo que lhe faria bem.

Augusto: Quem sou eu, é uma pergunta complicada. Eu sou alto, negro, venho de família negra, sou estudante de artes visuais, tenho 24 anos. Me vejo na figura dos meus avôs, tanto por parte de mãe como por parte de pai. São duas pessoas com as quais muito me identifico e em quem procuro me espelhar. Inclusive um deles eu não tive muito contato e me interessa pesquisar e investigar sobre a sua história de vida, personalidade, essas coisas. [...] O que motivou a minha vinda para Goiânia foi sem dúvida a vontade de fugir. Fuga, isso mesmo. Eu estava passando por uma situação complicada, tanto familiar como no trabalho. Eu trabalhava em um grande frigorífico de Cuiabá, e minha função era de muita responsabilidade, tinha que conferir cargas milionárias, e não podia ter erro. Era um trabalho que me consumia muito, trabalhava dia e noite, sábado e até alguns domingos. Isso me desgastava e aquele não era o ambiente que eu queria estar. Em casa a situação não era diferente, a responsabilidade também era toda minha. Meu pai havia abandonado minha mãe para morar com outra família, da qual não tínhamos conhecimento, minha mãe estava desempregada e meu irmão ainda não trabalhava. Então o salário que recebia de mil e quinhentos reais era o que tínhamos para nos manter durante o mês. A pressão era muito grande, e eu tive que amadurecer rápido demais para dar conta de tudo. Eu queria estudar, mas não estava conseguindo conciliar os estudos com o trabalho, me sentia muito cansado. Então a minha vinda para Goiânia foi uma forma de fugir dessa condição. Nessa época eu comecei a pensar que eu precisava ir atrás daquilo que eu realmente gosto. Então eu voltei a desenhar, passava a madrugada desenhando. E esse era o meu jeito de aliviar a tensão. [...] O que me faz permanecer aqui como estudante de licenciatura é a prática e o ateliê. Sem a prática, sem o desenho e a gravura, eu não permaneceria aqui. [...] eu vim a princípio para fazer o bacharelado em artes plásticas, mas depois optei pela licenciatura e decidi ficar. A licenciatura contribuiu muito para a minha prática, as leituras, as conversas com os professores. Mesmo com alguns conflitos que eu ainda tenho, como a didática, que é um desafio muito grande para mim. Também tenho dificuldade de me reconhecer um artista, me vejo como um fazedor de coisas. Eu faço o que eu quero, vou fazendo experiências com aquilo que eu gosto, seja no desenho, na gravura. Estou focado e dentro dessa caminhada, e essas são as coisas que gosto e que eu quero seguir fazendo. (Entrevista realizada em 12/03/2018).

Entre as narrativas e histórias, sempre tínhamos momentos de parada para refletir e discutir em grupo os relatos. Às vezes perguntas, curiosidades que surgiam e que não deixávamos passar em branco. Thaíla volta a narrar sua história, lembrando e confirmando o seu relato anterior. Depois do período de férias, trazia algumas inquietações e dúvidas em relação a um possível trancamento do curso. Mas, antes disso, se apresenta e relembra um pouco dos seus caminhos até o nosso encontro, momento em que ressalta algumas circunstâncias que acredita influenciar diretamente nesse processo de formação, a dificuldade de permanência devido à instabilidade econômica e financeira era sem dúvida a principal.

Thaíla: Eu sou Thaíla, nascida em Franca - São Paulo, tenho vinte anos, nunca tive muito dinheiro, fui aquela menina criada dentro de casa, que não podia sair para a rua. Meus pais têm uma relação muito forte com uma cultura rural, com o interior e eu acabo absorvendo um pouco disso. [...] eu me vejo como uma pessoa muito insegura às vezes, tenho dificuldade de me expressar, de falar as coisas que preciso. Mas, me esforço para mudar porque ficar sozinha me faz mal. [...] atualmente, sou só estudante, não estou trabalhando. Eu vim para Goiânia porque tinha passado no Enem para estudar aqui, e como eu já havia iniciado o curso de Artes Visuais na minha cidade, eu acreditava que vindo para cá seria uma oportunidade diferente e interessante de aprendizado, já que na faculdade em que eu estudava, era bem tradicional, cada um com seu trabalho artístico e pronto, como já disse no nosso primeiro encontro. Mas, uma outra coisa que contribuiu para a minha vinda era a fuga também. Minha família é bem conservadora, meus pais respeitam as minhas decisões, mas, meus irmãos se intrometiam demais, dizendo que tudo que eu estava fazendo era errado. Então eu não aguentava mais. Precisava sair de lá. Nada mais cabia naquela explicação de Bíblia deles. Eu não pensava em outra coisa a não ser fugir dali.

Eu nunca tive a pressão dos meus pais para fazer um curso superior. Até mesmo porque, nem eles, nem meus irmãos deram continuidade aos estudos. Meu pai e meu irmão são pedreiros, trabalham com construção e obras, minha mãe é costureira e tenho uma irmã que é manicure. Olhando para a realidade da minha família, o meu desejo de continuar com os estudos só aumentava. Mas, confesso que depois de ter passado esse tempo aqui, tenho medo de não conseguir. Sei que a graduação em licenciatura mudaria e muito as minhas chances de transformar essa realidade, mas esbarrei em muitas dificuldades, tanto financeiras como emocionais e psicológicas que não estão me deixando seguir em frente. (Entrevista realizada em 12/03/2018).

Após a fala de Thaíla, a estudante Danielli, recém-chegada no grupo, decide compartilhar também um pouco das suas histórias de vida e experiências do seu processo de deslocamento até Goiânia. Danielli falou do seu grande interesse em participar desses encontros com o grupo focal e da pesquisa. Acredita que esses diálogos são de extrema importância, principalmente para quem vem de fora.

Danielli: Meu nome é Danielli, tenho vinte e dois anos, eu venho de São Paulo, já morei na capital, meus pais moram em uma cidade do lado, fica a 40 minutos da capital. Sempre faziam esse percurso para ir trabalhar. A gente não tem muito dinheiro, mas eu sou branca e entendendo que isso traz alguns privilégios sociais. Sou mulher e me identifico como mulher. Meu pai queria que eu estudasse arquitetura, eu estudei muito e tentei duas vezes na USP, mas não passei. Eu havia passado em outras faculdades públicas de São Paulo, mesmo assim decidi fazer o Enem. Com o passar do tempo eu percebi que não queria fazer arquitetura, e que essa era uma vontade do meu pai e não a minha. Na verdade, eu descobri que o que eu queria mesmo era estudar arte, eu sempre via um potencial muito grande na educação vinculada à arte. E isso era uma coisa que eu queria saber, eu queria descobrir, sempre gostei de desenhar e gostava de prestar atenção em como meus professores ensinavam. A licenciatura em Artes Visuais é um curso em que eu entrei. Então decidi vir para Goiânia. Minha nota do Enem dava para vir estudar aqui em Goiânia e no Rio Grande do Sul, mas, como eu não tinha dinheiro suficiente para ir para lá, optei por Goiânia, eu me surpreendi positivamente com a FAV. Conheci pessoas incríveis aqui, mas também passei por muitas coisas difíceis, institucionalmente e principalmente em relação à situação política e ao governo local. Eu via muitos amigos sofrendo e sendo agredidos por manifestarem seus direitos e por lutarem pela educação. Não tínhamos apoio nenhum. Muitos que estavam nessa luta também vieram de fora, passando pelas mesmas situações que eu. Um amigo meu levou um golpe na cabeça com cassetete e ficou em coma. Um outro amigo foi morto pelo pai porque estava participando de uma manifestação. Enfim, várias situações que aconteceram e me deixaram muito mal psicologicamente. Eu comecei a pensar também em até que ponto essa instituição é um lugar agradável para as pessoas estarem. O quanto as coisas são maçantes e às vezes parecem não ter sentido. Fico me perguntando se esse é um lugar em que as pessoas se sentem bem, que têm apoio, ou estão se sentindo sempre inferiorizadas academicamente, assediadas, constrangidas. [...] A FAV será sim um lugar de passagem para mim, eu pretendo ir para outros lugares, é claro, mas eu não quero simplesmente só passar por aqui, eu quero que a minha experiência possa contribuir de alguma forma para que a experiência de outras pessoas que vieram seja boa [...]. [...] acredito que o que a gente passou influencia naquilo que a gente faz. (Entrevista realizada em 12/03/2018)

O relato de Danielli nos emociona e nos inspira a conversar mais sobre os assuntos que ela toca em sua narrativa. O seu olhar denota uma perspectiva crítica sobre a instituição, sobre a ausência de políticas públicas que favoreçam experiências de deslocamento e consequentemente processos de formação nesse contexto e realidade. O seu relato me reporta à deixa ao argumento de Hernández (2017, p. 70) ao explicar que

Assumir esse posicionamento narrativo pressupõe nos distanciarmos da ideia tradicional de que a finalidade da investigação é apenas produzir conhecimento e assumir que também pode possibilitar formas de compreensão da realidade em que os sujeitos e os possíveis leitores possam reposicionar-se. (HERNÁNDEZ, 2017, p. 70.).

Danielli diz que *“abrir espaços para esses diálogos é extremamente importante, pois temos a oportunidade de partilhar um pouco da realidade que vivemos. Quem vem de fora tem muito a aprender, ouvir e dizer, mas muitas vezes esse é um caminho solitário”*. Começamos a pensar em grupo sobre como esses diálogos e narrativas podem se expandir a ponto de contribuir com a experiência de muitos outros estudantes.

Além das entrevistas, falamos sobre a possibilidade de construir uma narrativa com imagens que pudesse contar os nossos diferentes caminhos e como eles se cruzavam. Nesse dia (Figura 10), além do lanche, levei folhas de papel *Canson* para desenho, lápis, giz pastel e outros materiais, pois já havia percebido que enquanto conversávamos, boa parte dos participantes tinha em mãos algo para riscar, rabiscar, desenhar. Ao final da entrevista, abrimos espaço para outras ideias e diálogos, inclusive utilizando como referência os desenhos que haviam sido feitos naquele dia.

Nesse encontro, percebi que alguns trechos das histórias de vida e experiências com a formação docente poderiam ser narrados com imagens, imagens que poderiam vir dos arquivos pessoais, dos álbuns de família, do registro de uma produção, imagens do cotidiano, de lugares, imagens da internet, entre outras.



Figura 10 - Grupo Focal. Primeiro encontro em 2018. FAV, campus Samambaia.

Fonte: arquivo da autora.

O segundo encontro também foi importante porque me ajudou a perceber que podíamos construir uma narrativa visual e coletiva a partir das histórias de vida e experiências de cada estudante. Considerando a possibilidade de construir uma narrativa visual com o grupo, pedi que selecionassem de quatro a cinco imagens de momentos importantes para que a partir delas pudessemos discutir a formação docente em arte.

O terceiro encontro (Figura 11) aconteceu no dia 20 de março de 2018. Esse encontro foi um pouco diferente dos outros. Percebi que precisava reformular alguns aspectos daquilo que já havia programado anteriormente. Por ser o último encontro formal do grupo contando com a minha presença como pesquisadora, pude me ver na responsabilidade de concluir essa etapa de maneira significativa e agradável para todos. Pensei em várias questões, desde a organização do ambiente, a adequação da sala, espaço, som, projeção até o roteiro, propondo questões objetivas e subjetivas intrínsecas ao tema da pesquisa. Minha preocupação era fazer do último encontro um momento interessante, de criação, partilha e aprendizado. Dessa vez estávamos narrando nossas experiências e reconstruindo histórias com as imagens.



Figura 11 - Grupo Focal. Terceiro encontro. FAV, campus Samambaia, 2018.
Fonte: arquivo da autora.

Depois de revisar e refletir sobre alguns acontecimentos, vivências e experiências que havíamos compartilhado durante o trabalho de campo com o grupo focal, elaborei uma relação de palavras/ideias que haviam sido recorrentes nas falas durante as entrevistas. Além disso, trouxe várias imagens impressas que estavam relacionadas às histórias e experiências relatadas por cada participante.

O encontro desse dia foi especial. As conversas e discussões excederam em muito o horário. Passamos a tarde trocando ideias, ouvindo música, refletindo sobre caminhos, pensando nas trajetórias e percursos do nosso processo de formação atravessados por diferentes contextos, experiências e aprendizagens. No terceiro encontro todos estavam presentes, inclusive Rebekah, fazendo sua participação por chamada de vídeo via *WhatsApp*.

O exercício de exteriorizar vivências de modo coletivo e colaborativo a partir de imagens, pensando nas palavras/ideias que foram recorrentes nas nossas histórias, propiciou que, aos poucos, fôssemos descobrindo e revelando outras formas de aprender com a nossa própria caminhada e os acontecimentos do percurso. Alguns trechos do texto “Fora de Controle: acontecimentos, aprendizagens na cultura visual e na arte contemporânea”, de Fernando Miranda (2015), fizeram parte desse processo de reflexão. A discussão tinha como foco perceber a inclusão de nossas próprias referências ao contexto de aprendizagem que, em muitos casos, transcende as instituições. Essa reflexão nos ajudou a perceber a ‘arte como acontecimento’, no

instante em que estávamos partilhando, construindo, relacionando e desdobrando juntos aspectos/fragmentos de nossas biografias em narrativas. Partindo dessa experiência, reporto-me a Miranda (2015) quando diz que,

as aprendizagens que podemos gerar para uma educação que tenha a ver com a arte contemporânea e a cultura visual devem reconhecer as formas pelas quais produzimos conhecimentos sobre o mundo e sobre nós mesmos. (p. 160).

Desse modo, compreendemos que estávamos construindo uma ‘narrativa de si’ que se configurava como um processo colaborativo. A (Figura 12) é um registro da construção da narrativa visual coletiva. Sem um roteiro, esboço ou esquema a respeito de como deveríamos construir, a narrativa foi surgindo em meio a diálogos e momentos de silêncio, a partir de interações relacionadas ao conhecimento do mundo, de si e de nós.



Figura 12 - Grupo Focal. Terceiro encontro. FAV, campus Samambaia, 2018.

Fonte: arquivo da autora.

O trabalho com o grupo focal gerou um rico registro de falas, dúvidas, incertezas, resistências e afetos que emergiram revelando diálogos e discussões férteis para a análise dos dados. A experiência de revisitar aspectos e diferentes momentos da pesquisa, além de abrir espaço para me confrontar com minhas dúvidas, ansiedades, inseguranças e subjetividades como pesquisadora, trouxe relevância para a investigação ao apontar maneiras de compreender como me construo nesse lugar de fala, de escuta, de reconhecimentos e formação docente (RIBEIRO, 2017).

A imagem da Figura 13 é uma parte da narrativa coletiva criada pela estudante Thaíla. Ao se deparar com imagens impressas, palavras e demais materiais disponíveis

para a criação da narrativa, Thaíla, que até então apresentava uma postura tímida, mudou surpreendentemente. Demonstrou interesse e motivação para recriar com aquelas imagens e palavras, fios, pedaços, sentidos sobre estar ali. Sua fala foi contundente acerca da necessidade e desejo de se localizar no espaço/tempo de suas/nossas escolhas. Ela fez uma síntese do que estava pensando e sentindo ao afirmar que *“a vida é uma passagem, gosto de pensar que estamos todos em movimento, passando por espaços comuns e diferentes, nos encontrando e distanciando ao mesmo tempo”*.



Figura 13 - Parte da narrativa visual coletiva. Produção do grupo focal, 2018.
Fotografia: Clícia Coelho. **Fonte:** arquivo da autora.

Dentre os vários momentos de aprendizado com o grupo focal, muitas questões complexas foram surgindo a partir dos relatos e histórias durante os diálogos, conversas e entrevistas. No entanto, percebi que tais relatos vinham com mais força quando os sujeitos participantes comentavam as imagens posicionando-se em relação a elas ou desconstruindo algumas ideias e passagens a partir da narrativa. Eles/elas interferiam, reposicionavam-se, reagrupavam, redesenhavam, repensavam e reinterpretavam situações, momentos e episódios a partir das imagens.



Figura 14 - Parte da narrativa visual coletiva. Produção do grupo focal, 2018.
Fotografia: Clícia Coelho. **Fonte:** arquivo da autora.

Durante o desenvolvimento da produção da narrativa, pedi aos integrantes do grupo que escolhessem algumas músicas para escutarmos. Nesse momento, Rafael, colaborador que veio de Altamira - PA, escolheu uma música que conta um pouco da sua região, do seu lugar de origem, narra pedaços da sua história, dos seus sentimentos, dos problemas e preocupações que o afligem. O texto da canção é uma espécie de manifesto, uma crítica contundente a um patrimônio símbolo do seu estado que parece estar sob ameaça. Naquele momento a letra da música também se relacionava com aspectos da narrativa visual que ele estava construindo (Figura 14). Segue um trecho da música que tanto nos impactou enquanto Rafael contava um pouco mais sobre Belém, suas relações com a cidade e o desejo de retornar a ela.

“Vão destruir o Ver-o-Peso
Pra construir um Shopping Center
Vão derrubar o Palacete Pinho
Pra fazer um Condomínio
Coitada da Cidade Velha,
que foi vendida pra Hollywood,
pra ser usada como albergue
no novo filme do Spielberg
Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés tropeçando em vocês”

(Trecho da música “Belém Pará Brasil” da Mosaico de Ravena. Disponível no site: <<https://www.letras.mus.br/mosaico-de-ravena/>> acesso em 15 ago. 2018.)

Logo quando iniciei a pesquisa de campo com o grupo focal, por um viés narrativo e autobiográfico, fui surpreendida ao verificar que muitas das minhas expectativas e crenças sobre os deslocamentos e a migração de estudantes que buscam uma formação docente pelo Brasil estavam se desconstruindo, sendo repensadas, reposicionadas. Gradativamente isso foi ficando claro porque a pesquisa qualitativa, de caráter narrativa e autobiográfica, me possibilitou enxergar os entraves, contextos, subjetividades, afetos, questionamentos e preocupações humanas diante das relações que estabelecemos e criamos com e nos lugares.

Do mesmo modo, era preciso compreender que as histórias narradas a partir dessas experiências estavam e estão em constante devir. Reunindo essas percepções e associando-as a reflexões passei a entender que,

como pesquisadores, vamos para cada novo campo de pesquisa vivendo nossas histórias. Nossos participantes também entram no campo da pesquisa no meio do vivenciar suas histórias. Suas vidas não começam no dia em que chegamos, nem terminam quando partimos. Suas vidas continuam. (CLANDININ E CONNELLY, 2015 p. 99-100).

Esse movimento continuo no qual vivemos e criamos nossas histórias, possibilita um trânsito de reflexões sobre aspectos complexos do cotidiano que podem ou não, estar relacionados aos caminhos que tomamos em busca de uma formação docente. Como somos capazes de narrar e refletir apenas uma pequena parte de nossas

vivências e experiências, procuro destacar momentos e situações que carregam marcas e significados e com as quais considero importante dialogar no contexto da educação e da formação docente, sobretudo por apresentarem cenários instáveis, de transformação contínua e muitas incertezas.

Partindo desse contexto, senti a necessidade de olhar para as minhas histórias, verificar o que permanece marcado em minha memória e o que me orienta a continuar nessa caminhada. Os diálogos, perguntas e aprendizados com o grupo focal me levaram a procurar formas de narrar trechos da minha história de vida e formação. Busquei episódios, momentos e experiências que pudessem relacionar e responder a algumas inquietações e provocações que surgiam no decorrer desta pesquisa.

**CAPÍTULO 2:
REUNINDO FRAGMENTOS
DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA
E DA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE**





Figura 15 – Montagens por fragmentos, 2018. **Foto:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

*“O passado está sempre presente, desde que
aceitemos nos mover dentro dele”
(Nicolas Bourriaud)*

Vi-me na difícil tarefa de revisitar fatos, acontecimentos, histórias que eu mesma considerava insignificantes ou até mesmo marginais diante das histórias e experiências dos estudantes que participavam da pesquisa e de outros pesquisadores. Senti medo, atemorizada ao descobrir que estava distante das narrativas que anunciava e coletava para a pesquisa, como se fosse incapaz de enxergar a potência das histórias que carregava comigo. Os diálogos e perguntas que surgiram no decorrer dos encontros do grupo focal me impulsionaram a refletir sobre a minha trajetória, a narrar “pedaços da minha história de vida e formação docente”.

2.1 O desejo de visualizar outros horizontes...

Alguns fragmentos reconstituídos de pedaços da minha história de vida anunciam o desejo que carrego de estar em constante movimento, procurando caminhos que me permitam olhar para outros horizontes a partir das minhas próprias histórias. Movimenta-las no tempo presente, me ajuda a refletir sobre diferentes aspectos

da minha trajetória de vida e formação, as quais foram e ainda são permeadas por dúvidas, instabilidades, afetos, muitos outros sentimentos e situações. Os fragmentos são compostos por imagens, textos e alguns referências que, ao mesmo tempo em que dialogam com a ideia da narrativa na perspectiva autobiográfica, permitem a criação de outros sentidos e percepções em cada uma das histórias narradas.

Fragmento 1 – Olhando para o lugar onde morava!



Figura 16 - Paragens no tempo da memória, 2014. **Foto:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

*“O abandono do lugar me abraçou com força.
E atingiu meu olhar para toda vida.
Tudo que conheci depois veio carregado de abandono.
Não havia no lugar nenhum caminho de fugir.
A gente se inventa de caminhos com novas palavras.
A gente era como um pedaço de formiga no chão.
Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo.”*
(Manoel de Barros)

No dia 11 de setembro de 2001, eu completava 11 anos de idade. Era meu aniversário e uma notícia de grande impacto transformava e marcava o mundo. Estudava em uma escola municipal, em um bairro próximo ao qual morava na periferia

de Goiânia, muito longe de onde aconteceu o fato noticiado pela televisão naquela manhã. Recordo que não fui para aula justamente porque era o meu aniversário.

Contava os dias para que chegasse logo essa data, mas aquele dia no ano de 2001 estava sendo muito diferente desde às nove horas da manhã, quando liguei a televisão. Nossa televisão era velha, bem antiga, de tubo de madeira. Possuía apenas cinco canais que eram acionados manualmente, não havia controle remoto.

Naquele dia todos os canais de televisão falavam sobre o ataque às torres gêmeas em Nova York, nos Estados Unidos. Mesmo sem saber muito bem o sentido e significado daquele grande acontecimento, as imagens provocaram um grande impacto. Durante algum tempo, sentia-me como se as cenas que estava visualizando fossem uma ficção, talvez fossem um filme norte-americano ao qual eu estava assistindo pela televisão, mas sem acreditar que aquele grande desastre estivesse acontecendo na vida de muitas pessoas.

Ainda sob o efeito daquelas imagens, lembro-me de que saí de casa e fiquei durante algum tempo olhando para o céu. Logo o meu olhar caiu sobre o antigo telhado do barracão onde morávamos: Luciana, minha irmã, dois anos mais velha, Lázaro, meu pai, Neuza, minha mãe, e eu. Naquele momento percebi os riscos de morar naquele barracão e do transtorno que viveríamos caso um desastre como aquele ocorresse na minha cidade.

Eu tinha medo daquele barracão de piso vermelho com paredes esverdeadas, gastas pelo tempo. Era um cômodo ao lado do outro e na sala, ambiente que dividia o barracão ao meio, estavam também a entrada e saída da casa. Nos quartos haviam rachaduras que, em algumas partes, cabiam metade da minha mão. Elas formavam brechas extensas, de várias espessuras, curvas e ramificações que desapareciam no fim da parede.

Depois de algum tempo, percebi que os medos que sentia morando naquele lugar estavam, de certo modo, ligados às memórias e lembranças que tinha da minha avó. Não me esqueço de que nos mudamos para lá alguns dias depois de termos velado a minha avó na sala do barracão, lugar onde ficávamos todas as tardes na sua companhia. Eu tinha apenas seis anos quando vi a minha avó sentir uma forte dor no peito e, horas depois, falecer. Desde então, guardei aquele momento como um tempo

de silêncio. Sentia muito a sua falta, mas tinha um medo que era acompanhado pela instabilidade de poucas histórias que não queria contar.

Alguns desastres e situações de violência aconteciam na minha cidade, no meu bairro, assim como na minha família, mas atingiam uma parte minúscula da sociedade. Eram situações que faziam parte do cotidiano, das histórias e da vida de algumas pessoas. Mesmo assim, recordo-me de questionar o silenciamento desses fatos, que eram para mim tão importantes e sérios. Por exemplo, o falecimento da minha avó, a vizinha espancada pelo marido, a amiga de escola que constantemente era violentada pelo pai e várias outras histórias que iam compondo meu cotidiano. Porém, essas histórias farão parte de outros relatos...

Enquanto isso, no dia 11 de setembro de 2001, um acontecimento global roubava toda a cena gravando na história do mundo a impotência de uma grande potência, a fragilidade humana diante de grandes estruturas/edificações reduzidas a pó, fumaça, escombros e ferros retorcidos. Imagens que engendravam visualidades que passaram a fazer parte do cenário onde eu vivia. Um cenário visto pela televisão, mas que me fazia lembrar constantemente do grande desejo de sair daquele lugar. Desejo de recomeçar, de construir outro itinerário, outra história.

O desafio de transformar as várias situações difíceis que faziam parte da nossa história de vida e do nosso cotidiano era imenso. Minha mãe nos encorajava, nos incentivava em tudo, principalmente em relação aos estudos. Ela dizia que o estudo nos levaria longe, e, embora ela nos conhecesse muito bem, parecia não enxergar as nossas fragilidades e medos. Meu pai, apesar de ter passado um longo e difícil período em tratamento para se livrar do alcoolismo, não deixava de acompanhar e incentivar o nosso processo de escolarização.

Como não tínhamos mais a minha avó para cuidar da gente, passávamos o período da manhã na escola e à tarde íamos para o trabalho da minha mãe ou para o trabalho de meu pai, revezando para não sobrecarregar apenas um deles. Minha mãe trabalhava na secretaria de um colégio estadual do bairro e alguns dias à tarde e à noite fazia faxina na casa da diretora desse colégio. Meu pai trabalhava o dia todo na gráfica de uma loja de embalagens em Campinas, o bairro mais antigo da cidade de Goiânia.

O nosso jeito de passar o tempo nesses lugares era ajudando de alguma forma e brincando. A máquina de escrever na mesa da secretaria do colégio onde minha mãe

trabalhava, assim como os papéis coloridos e o cheiro forte da tinta fresca do trabalho do meu pai, eram elementos que nos acompanhavam e marcavam o nosso cotidiano. Podíamos brincar e criar diversas histórias com e a partir daqueles materiais.

Um desses lugares onde passávamos o período da tarde me causava curiosidade e, ao mesmo tempo, um certo incômodo, era o apartamento da diretora do colégio. Era um lugar muito bonito, limpo e organizado, os espaços eram amplos e muito ricos em detalhes. Nas paredes não haviam rachaduras, mas, grandes quadros de pintura, objetos e fotografias. Lembro-me de questionar a ausência de pessoas na casa. Era muito raro encontrar com alguém da família, algum morador do apartamento. O silêncio era constante e o tempo demorava passar.

As imagens daquela casa/apartamento, muito diferente da minha, criavam um cenário que me chamava a atenção. Percebia que quanto mais tentava me aproximar daquele contexto, mais incertezas e dúvidas recaíam sobre a minha presença naquele lugar. O universo da arte, assim como alguns espaços da cidade pareciam distantes e inacessíveis para a minha realidade, por isso, ao mesmo tempo em que admirava e me interessava por determinados ambientes, sentia um certo desconforto ao saber que não era um lugar ao qual tínhamos acesso para viver ou interagir.

Mais tarde, essas percepções me levaram a compreender que as imagens exercem uma forte influência em nosso cotidiano. Naquela época, eu não questionava a diferença que existente entre lugares de moradia e o modo de vida das pessoas. Mas sentia, a partir do deslocamento que fazíamos até a nossa casa, que algumas pessoas tinham mais privilégios, conforto e acesso a diferentes coisas do mundo que outras. Fazíamos o caminho de volta para casa de ônibus e uma parte a pé, e esse trajeto me permitia entrar em contato com muitas outras visualidades e referências.

Essas lembranças do meu tempo de infância, de quando ainda iniciava o processo de escolarização, se tornam importantes e indispensáveis no momento em que procuro tecer novos olhares e reflexões a partir do que foi vivido. Discutir sobre as imagens que faziam parte daquele cotidiano, cheio de incertezas, dúvidas e anseios me fazem acreditar que “a importância das narrativas está naquilo que elas nos provocam a pensar e nas outras conexões que elas nos desafiam a realizar” (CARDONETTI; OLIVEIRA, 2015, p. 54).

As histórias de vida e a pesquisa narrativa possibilitam um retorno ao passado na tentativa de olhar para as rachaduras, as fissuras e brechas que ficaram para trás.

Ao percebê-las como problemas, sofrimento e fragilidades, passamos a compreender que elas podem gerar potência e discernimento no nosso modo de olhar, rever e interpretar as experiências vividas. Tomando como referência essas experiências,

o narrador passa a escutar a si mesmo, fazendo relações que talvez não estivessem tão claras. Essa imersão pode propiciar um momento de contato com situações e coisas construídas durante sua vida e um olhar demorado sobre determinados momentos, possibilitando que outros sentidos possam ser tramados. (CARDONETTI; OLIVEIRA. 2015, p. 54).

O percurso dessa escrita narrativa foi marcado por experiências distintas, limitações, ansiedades, idas e vindas e, principalmente, por um olhar retroativo em direção a alguns trechos, lugares e detalhes que fizeram parte da minha história de vida. Me encontrei olhando para o lugar onde morava, para os ambientes pelos quais passei a maior parte da minha infância.

As marcas desses lugares junto as visualidades que estiveram mais presentes naquele tempo, me desafiaram a pensar em questões que ainda hoje permanecem suspensas, talvez em busca de pistas que possam me ajudar a respondê-las: o que já nos impediu de sair do lugar de origem? O que nos impede de viver outras experiências? De ter outras oportunidades? De tecer novas narrativas e criar diferentes itinerários? Quais as caminhadas que se desenvolveram em minha história?

Essas perguntas, por mais que pareçam banais e comuns, revelam angustias que carrego quando revisito minhas histórias e principalmente quando ainda as identifico, mesmo que de maneira fragmentar, em meu cotidiano. Reporto-me ao pensamento de Bourriaud (2011) ao apresentar o conceito de sujeito radicante, que “se põe a caminho sem se dispor de nenhum lugar para onde possa voltar”. Além disso, esclarece que o “adjetivo ‘radicante’ qualifica o sujeito contemporâneo dividido entre a necessidade de um vínculo com seu ambiente e as forças do desenraizamento, entre a globalização e a singularidade, entre a identidade e o aprendizado do outro”. (BOURRIAUD, 2011, p. 50). Em outro momento, o autor aprofunda questionamentos em relação a algumas de nossas maiores incertezas:

Podemos realmente nos libertar de nossas raízes, ou seja, chegar a uma posição de onde não dependeríamos mais dos determinismos culturais, dos reflexos visuais e mentais do grupo social em que nascemos, das formas e estilos de vida gravados em nossa memória? (BOURRIAUD, 2011, p. 54).

O desejo de visualizar outros horizontes não surge da expectativa de abandonar histórias, experiências, lugares, culturas e pessoas, mas, de fazê-las existir em uma outra dinâmica, em tempos de grandes fluxos. Surge de impulsos, do desejo de criar caminhos com roteiros abertos para diversidade de movimento, que valorizem a errância. Como explica Bourriaud (2011), a capacidade de criar raízes a medida que avançamos, nos encaminha para a constituição de identidades marcadas por diversos contextos e pela globalização. Do mesmo modo, “é possível levar consigo fragmentos de identidade, com a condição de transplanta-los em outros solos e aceitar sua permanente metamorfose” (BOURRIAUD, 2011, p. 50).

Em constante metamorfose, a memória também se reconstrói, a partir “de cacos, de buracos de hiatos e de vácuos”, como escreveu Drummond em um de seus poemas, pois alcança apenas pequenos pedaços e *flashes* da minha história. Pedaços que foram reconstruídos com muita relutância e dificuldade. Com a ajuda de relatos da minha família e uma caixa de fotografias, gradativamente esse exercício se tornou mais coerente e ganhou um pouco mais de sentido. Não podia deixar escapar a oportunidade de escutar as outras “vozes” que fizeram parte dessas histórias. Apesar do meu olhar e fala se sobressaírem na construção desta narrativa em um momento de escrita tão solitária, o modo como escrevo e faço essas reflexões se deve à experiência de lembrar em conjunto, por uma experiência de trocas e de se permitir plantar em outros tempos, olhares e histórias.

Fragmento 2 – Viajando na Kombi a gás do meu pai



Figura 17 - Viagem de Kombi, 1996. Álbum de família.

Fonte: arquivo da autora.

“Terra e claridade se confundem

E o que me vê

Não sabe de si mesmo a sua imagem.”

(Hilda Hilst)

Quando criança, perguntei ao meu pai porque nunca havíamos tido um carro normal para passear e viajar. Ele me respondeu que carros normais eram para pessoas normais e que nossa experiência com os caminhos era diferente dentro de uma Kombi. Achava que meu pai inventava maneiras de justificar a difícil condição financeira na qual vivíamos. Recentemente entendi que meu pai trazia um pouco de ‘verdade’ na sua fala, mesmo sem perceber.

Continuo a me surpreender com imagens antigas e com os álbuns de família, com a caixa de fotografias que fica na casa de minha mãe. Não são muitas imagens, mas, mesmo assim, elas têm o poder de me afetar ao recriar um imaginário acerca do passado e, principalmente, ao instigar novos olhares que me ajudam a entender como as vejo hoje. Sei que elas fazem parte de trechos da minha trajetória como se fossem tatuagens que marcaram minha história de vida. Esse processo de relembrar

via imagens, momentos, situações e experiências, me leva a partilhar o apontamento de Ferreira (2017) ao dizer que,

as cenas da vida cotidiana preservada na memória e nos artefatos fotográficos funcionam como fragmentos, meios para potencializar o que ocorre na mente e na imaginação bem como nas lembranças acerca dos movimentos vividos e experienciados. (FERREIRA, 2017, p. 330).

A Figura 17 é um fragmento visual da nossa experiência de deslocamento, caracterizada por situações bem diferentes das pessoas que viajavam e se deslocavam com um carro normal. Não havia bancos na parte de trás da *Kombi*, apenas o espaço onde a minha mãe carinhosamente preparava alguns colchões para que pudéssemos nos acomodar e deitar durante viagens mais longas. Os caminhos e paisagens das nossas viagens eram marcados mais pelo céu do que pelo chão, era como deitar no asfalto e olhar para cima. Percebíamos o movimento pelo passar das nuvens no céu através das janelas laterais.

A *Kombi* era cheia de remendos e ajustes que meu pai mesmo ia fazendo de acordo com as necessidades, na pintura, nas janelas ou na própria mecânica. Apesar de velha, meu pai sabia tudo sobre o funcionamento das *Kombis*, era muito cuidadoso, estava sempre atento para toda e qualquer situação que pudesse vir a acontecer com o carro nos caminhos. Porém, outros aspectos, recorrentes e relacionados à segurança, eram muito precários. A *Kombi* era um espelho da nossa vida cotidiana. Cheia de ajustes, remendos, cuidados e riscos. Ainda assim, a alegria e o entusiasmo de sair de casa prevaleciam e construía em nós uma história de experiências diferentes com o deslocamento.

A nossa relação com o interior de Goiás era e ainda é muito forte. Quando criança, íamos para a fazenda passar as nossas férias escolares. Eu, minha irmã e mais três primas nos reuníamos para planejar os dias na casa da nossa tia avó. Quando chegávamos lá, a turma se multiplicava. O percurso até a fazenda era tomado por uma grande alegria. Na *Kombi* do meu pai cabia, além de nós, as malas e tudo que considerávamos importante levar para a viagem. No meio do caminho, quando o asfalto terminava e iniciava a estrada de chão, era o momento de parar para trocar o gás. Era o momento de sentir o caminho de outra maneira. Momento para fotos, para perceber as paisagens, para sentir o vento, o cheiro do mato e da terra.

A *Kombi* foi o veículo de meu pai que nos acompanhou até a adolescência. Dentro dela aconteciam várias histórias, muitas construídas a partir das experiências

vividas na própria Kombi e outras vindas de fora. Não guardo somente histórias positivas e talvez seja por isso que ela se tornou, muitos anos depois, um elemento importante nas histórias do meu percurso até aqui. Ainda hoje essas imagens

reverberam sentidos de uma experiência retida no próprio movimento, alcançando-me e reportando-me para histórias que ficaram no rastro da estrada, sob uma perspectiva autorreflexiva que reúne temporalidades marcadas na experiência com a vida. (FERREIRA, 2017, p. 323-234).

Lembro-me do medo de descobrir que durante muito tempo me escondi dentro da Kombi em alguns trajetos e passeios, principalmente na adolescência. Não pela falta de bancos que alcançassem as janelas, mas porque sentia vergonha e medo de tomar consciência de quem eu era naquele tempo, lugar e contexto. Medo de descobrir que a minha vida era muito diferente da vida dos amigos da escola, vizinhos e parentes. Não era pior nem melhor, mas era diferente.

Naquela época, ser diferente era motivo de chacota, éramos alvo de piadas maldosas, algo que me causava muita irritação. Somente eu e minha família sabíamos o quanto era especial andar naquela Kombi. A nossa preocupação não era a velocidade, a marca ou tipo de veículo que nos colocaria em movimento, possibilitando o nosso deslocamento, mas sim se chegaríamos ou não ao destino desejado, aproveitando e desfrutando da melhor maneira os caminhos que percorríamos.

Junto com a *Kombi* foram surgindo situações e vivências que favoreciam inúmeros questionamentos sobre os processos autoreconhecimento e a noção de pertencimento a determinados lugares e contextos, ainda que provisórios e imaginários. Isso não era discutido, muito menos ampliado para outras reflexões, mas era vivido e sentido ao longo dos anos. Infelizmente, na escola não havia espaço para reflexões e questionamentos desse tipo. Havia um grande distanciamento entre o que se aprendia em sala de aula e o que vivenciávamos e aprendíamos na vida cotidiana.

Nasce desse fragmento uma experiência de buscar na minha própria história, reflexões sobre a minha atuação em espaços de formação e aprendizado. São contextos que me fazem pensar em como posso contribuir nesses espaços de aprendizagem da educação básica, sendo professora de arte e como venho construindo uma identidade de professora na busca de uma formação em devir.

Fragmento 3 - A pé... Movimentos, deslocamentos, andanças!



Figura 18 - Registro fotográfico da performance, 2014. **Foto:** Rava Monique.
Fonte: arquivo da autora.

“Quando alguém parte em peregrinação, ficam para trás as complicações decorrentes do lugar que essa pessoa ocupa no mundo.”
(Rebecca Solnit)

No ano de 2014, desenvolvi uma experiência artística com a finalidade de entender algumas andanças e práticas culturais que acompanhavam a minha história de vida. Essa experiência consistiu em uma performance artística intitulada “*mea culpa*”³ (figura 15), na qual caminhei por um trajeto que liga a cidade de Goiânia a Trindade - Goiás. Esse percurso, feito a pé, realizado por muitas pessoas, traça simbolicamente uma manifestação religiosa da tradição católica.

Uma grande festa em homenagem ao “Divino Pai Eterno” movimenta o percurso entre Goiânia e Trindade durante os meses de junho e julho, período ao longo do qual as caminhadas de peregrinos em procissão e romaria acontecem com grande frequência. A performance “*mea culpa*” tinha como foco o encontro com pessoas ao

³ Termo em latim que significa “minha culpa”, parte de uma ladainha de confissão, cantada em um momento da celebração da missa católica.

longo do caminho e colher depoimentos sobre o que os motivava a fazer essa caminhada religiosa e quais as memórias que carregavam. Essa romaria é muito conhecida e, mesmo fora do período da festa, permanece repleta de devotos cumprindo suas promessas.



Figura 19 - Registros fotográficos da performance, 2014. **Fotos:** Rava Monique.
Fonte: arquivo da autora.

Durante a performance (Figura 19), usei uma veste branca e carreguei um balde com água limpa. Ao encontrar as pessoas no caminho, perguntava se elas carregavam alguma culpa e se gostariam de se libertar dela. Quando a resposta era afirmativa eu pedia que a pessoa escrevesse a culpa na veste branca que eu estava usando. Ao final da performance, lavei a veste com todos os escritos.

A performance foi uma maneira de me envolver com as andanças que há muito tempo via acontecer às margens da rodovia 060. Eu realizava esse percurso a cada ano, mas de uma maneira muito particular. As relações e encontros que aconteceram no caminho durante a performance possibilitaram uma aproximação com algumas histórias e relatos. Pessoas que demonstraram curiosidade e interesse pela minha ação durante a performance me deram um pouco do seu tempo para contar por que faziam aquele trajeto a pé.

Ao perguntar sobre a performance, as pessoas abriam espaço ao diálogo e acabavam falando mais de si em uma relação de confiança que surgia de maneira espontânea. Muitos relatos esbarravam ou revelavam sentimentos que eu também

carregava ao fazer a performance e somente algum tempo depois pude compreender que alguns medos, desconfiças e fragilidades faziam parte daquela ação.

Foram muitas as reflexões construídas a partir da performance realizada em 2014. As mais recorrentes estavam vinculadas a um desejo, impulsionadas por uma necessidade intrínseca e individual que leva a uma busca, na maioria das vezes particular. Essa busca quase sempre está ligada a diferentes experiências da vida cotidiana. No trajeto, nas caminhadas a pé para Trindade, prevalecem relatos de uma busca por perdão, algum tipo cura, uma tentativa de alcançar uma graça, algo maior que o ser humano sozinho não teria como alcançar. Essa caminhada, realizada por meio de uma ação performática busca contrapor alguns paradigmas relacionados a aspectos religiosos que Bourriaud (2011) sinaliza ao dizer que

a força da religião reside em ela dar um sentido a tudo: a partir das raízes e das origens, ela determina direções e objetivos. Nada escapa ao império semiótico do religioso, que tudo explica, que justifica a resistência à mudança e fornece guias de marcha. (p. 75).

Essa busca sempre envolve um encontro com o 'outro', com o 'lugar' ou consigo mesmo. É também um processo que nos permite questionar a noção de pertencimento que se constrói pela via de um autoconhecimento provisório. São muitas as variações e alcances da discussão sobre o caminhar relacionadas ao desejo, ao abandono, à busca por encontros com o outro ou com algo diferente. Nesse aspecto, retomo a ideias descrita Bourriaud (2011) ao afirmar que

em todos esses casos, o sujeito da globalização move-se em uma época que favorece as diásporas individuais e escolhidas, que incita à imigração voluntária ou induzida. É a própria noção de espaço que está sendo transformada: em nosso imaginário do habitat a fixidez sedentária já representa apenas uma opção em meio a tantas outras. (p. 55).

Referências contemporâneas no campo da arte, da literatura, filosofia, sociologia, cultura visual e da educação nos dão bases e referências para refletir e interpretar os dados produzidos ou decorrentes dessas ações. Pesquisadores se dedicam a investigar e discutir temas que envolvem deslocamentos e diferentes tipos de movimentos dos sujeitos pelo mundo, sejam eles viajantes, caminhantes, migrantes, nômades, errantes, entre outros.

Rebecca Solnit (2016), por exemplo, aponta as estreitas relações entre o caminhar e o pensamento ao afirmar que diferentes variações de deslocamento a

pé também podem configurar uma ação política ou estética de grande significado social e cultural. Merlin Coverley (2014), por sua vez, apresenta o escritor como um caminhante, destacando as transformações da figura do caminhante no decorrer dos séculos, incluindo desde filósofos românticos até experimentalistas radicais.

Em um plano atual, o retorno da figura do peregrino continua mapeando territórios e registrando novas percepções da paisagem apoiado no princípio de que o ato de caminhar provoca e gera o ato de escrever. Francesco Careri (2013), ao construir uma história da percepção da paisagem a partir do ato de caminhar, traça um olhar retroativo sobre modos de caminhar, incluindo desde os primeiros nômades até os artistas da *land art* dos anos 60 e 70 do século passado. O autor destaca que caminhar é um ato que faz parte da história da civilização humana, assim como de percursos individuais.

Ao registrar esses apontamentos, reflito sobre a motivação que me levou a fazer uma performance a partir de deslocamento em um trajeto que já conhecia identificando assim o desejo de investigar e tentar compreender, mesmo que parcialmente, alguns episódios, momentos e registros integrantes da minha história de vida.

Entendo que não se trata de um percurso de peregrinação ou uma tentativa de deixar para trás problemas e complicações associados aos lugares que ocupo no mundo ou à expectativa de viver uma experiência espiritual, religiosa, contemplativa. O ato de caminhar, de deslocar-me e manter-me em movimento reforça o meu desejo de refletir e investigar momentos e experiências vividas nos trajetos e itinerários que possibilitaram a minha chegada até aqui.

Por isso estou sempre atenta para percepções e questões que vão sendo desconstruídas durante esse percurso. Do mesmo modo, tenho consciência de que essas reflexões não dão conta da complexidade dos problemas e questões, das inseguranças e incertezas que me acompanham nessa discussão sobre os conceitos de movimento, deslocamento e caminhada. Busco apenas desdobrar e discutir alguns assuntos que parecem trazer, ainda que de modo embrionário, a possibilidade de enxergar nesses movimentos e itinerários práticas culturais que configuram a minha identidade em constante transformação.

Fragmento 4 - O grande caminhão amarelo



Figura 20 - Viagem de caminhão, 2013. **Foto:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

Durante a escrita deste trabalho, meu esposo, ao me ver virando noites acordada lutando contra o sono e o cansaço, me disse algo importante. *“Escrever é como estar em viagem dirigindo um caminhão, se você não parar para descansar em algum momento, você estará correndo grandes riscos de cometer um acidente, te impossibilitando de cumprir seus maiores objetivos”*. Mal sabe ele que esforço e resistência fazem parte da minha trajetória e que arriscar é preciso, mesmo quando me sinto à beira de um estresse que confunde trabalho, estudo, leituras e experiências, atividades que há muito tempo compõem a minha história de vida. Mas reconheço que sua fala foi importante, pois funcionou como um alerta que me fez refletir, rever e me reposicionar em relação aos objetivos que havia proposto para esta pesquisa.

Um grande caminhão amarelo entrou na nossa história, minha e do meu companheiro, quando ainda éramos namorados. Já compartilhávamos um gosto especial pela ideia de movimento, já tínhamos apreço e afeto pelas estradas. O tempo que viajamos no grande caminhão amarelo foi bem diferente do tempo de outras viagens. Por ser antigo e grande, quando pesado andava bem devagar, principalmente nas subidas. Era o tempo suficiente para prestar atenção nas paisagens, nos cenários e nas cidades que se apresentavam para nós em diferentes trechos das viagens. Eram poucas as vezes que rodávamos durante a noite e de madrugada. A gente

procurava parar sempre que possível em algum posto de abastecimento para jantar, descansar e dormir. Esse também era o momento de fazermos algumas amizades, trocarmos informações com pessoas que viajavam no sentido contrário ao nosso ou com as pessoas que moravam nesses lugares de parada. Nesse tipo de situação

o primeiro passo instala, de fato um entremeio que tem a ver com uma lógica especial: não mais no lugar deixado, ainda não no lugar cobijado. Flutuando, vagamente ligado a duas margens, num estado de ausência de peso espacial e temporal, cultural e social, o viajante penetra no entremeio como se abordasse nas costas uma ilha singular. (ONFRAY, 2009, p. 35).

Sempre que conversamos a respeito das viagens de caminhão, percebemos que para nós, o ponto mais importante é o processo de deslocamento, ou seja, o entremeio. A chegada a um lugar era o momento de pausa e entrega às responsabilidades que nos eram confiadas entre uma série de eventos e situações com os quais o caminho nos presenteava. Algumas rotas se tornaram importantes e marcaram a minha história. A primeira viagem que fizemos, cujo destino era o litoral do nordeste brasileiro, me afetou profundamente.

Conhecer o sertão nordestino foi bem diferente de simplesmente vê-lo através de imagens pela televisão. O cheiro, os sons, a temperatura, as pessoas, os animais eram reais. Alguns lugares, situações e paisagens me faziam lembrar do livro “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, assim como do poema o “Cão Sem Plumas”, do mesmo autor. Lugares tomados pelo abandono, pelo silêncio, pelo sol que parece cortar o vento e rachar o fundo dos rios. As vias que cortam esse cenário se derretem aos pés de muitas crianças e adultos que se abrigam temporariamente em casas de barro, adobe e pau a pique ou nos barrancos às margens da rodovia. Sem acesso à energia elétrica ou água potável e sob condições mínimas para viver durante os períodos mais extremos de seca, muitos partem em retirada para os vilarejos e cidades mais próximas.

Não sabia muito bem o porquê do meu interesse em registrar com a minha câmera as casas abandonadas ou pessoas se deslocando para longe delas. Por alguma razão, esse movimento me chamava muito a atenção. De algum modo, o sertão me fazia lembrar o lugar onde morei quando criança. As realidades eram bem diferentes, no entanto, algumas casas marcadas pelo tempo, com frestas e rachaduras, tinham o poder de falar com algumas das minhas memórias da infância.

De alguma maneira, eu havia construído uma relação forte com essa região do Brasil e rememoro o impacto que senti ao ver o mar pela primeira vez. Mas reconheço

que esse contato foi tão forte e impactante quanto conhecer o sertão. A potência e a força da aridez me tocaram profundamente, sentia-me diante de espaços secos e vazios que me diziam algo, como que sinalizando ou orientando meus passos.

O que mais assemelha a viagem de caminhão à produção de uma pesquisa e à formação docente são as responsabilidades, o cuidado e o medo. A viagem de caminhão acontece porque existe um desejo, existem objetivos envolvendo responsabilidades que invadem e configuram o percurso. Do mesmo modo, sinto que a pesquisa e a docência se desenvolvem a partir de desejos e objetivos que, atrelados a responsabilidades, não dispensam conhecimentos construídos quando nos movimentamos, nos deslocamos, informações e dados que produzimos no trabalho de campo.

Aproveitar essas experiências como potência para responder questões urgentes e alcançar objetivos parece-me uma oportunidade de aprender com algo que acontece fora das instituições, a partir de outros olhares, situações e experiências. Essas reflexões me assediam quando paro, mesmo que por pouco tempo, para olhar álbuns de fotografia. As imagens têm a capacidade de recarregar sentimentos, de nos transportar para paragens distantes reaproximando-nos de experiências que alimentam a necessidade de refletir sobre o vivido.



Figura 21 - Viagem de caminhão. Bahia, 2012.

Fonte: arquivo da autora.

Selecionei essa imagem (Figura 21) de um álbum de viagens que olhava dias atrás. Por ter me demorado nela, surpreendi-me rememorando e questionando vários aspectos que marcam a imagem. Reinterpretá-la foi um dos meus primeiros exercícios. Abaixo há uma legenda que descreve o lugar, o momento vivido ali e algumas preocupações que me acompanhavam à época.

Legenda que acompanhava a fotografia (figura 21), 2012 - Arquivo da autora.

"Visita a família de Dona Francisca # recepção carinhosa# As margens da BR 242 à alguns Km da pequena cidade de Lajedinho na Bahia, dias antes da chuva que fez o rio transbordar devastando tudo na pequena cidade. Já faz alguns dias, mas meu coração ainda está abalado e cheio de preocupações. Gostaria muito de saber notícias... Infelizmente tenho até agora apenas as lembranças dos abraços, das conversas, histórias e aprendizados que compartilharam comigo. Espero que apesar das circunstâncias, tempestades e dos grandes problemas sociais e políticos desse país, estejam bem para seguir na luta! Gostaria realmente que tivéssemos um Natal Feliz e um Próspero Ano Novo!

Na maioria das vezes não nos damos conta das provocações, aberturas e interpretações que uma imagem pode suscitar. Tal reflexão me faz pensar na subjetividade daquelas pessoas, desperta sentimentos e afetos estranhos ao mesmo tempo em que instala uma sensação de instabilidade e insegurança. Hoje, ao rever essa imagem (Figura 21), me vejo estabelecendo uma autocrítica, principalmente em relação à minha postura na imagem.

Reconheço na minha atitude um gesto egoísta impulsionado pelo desejo de registrar aquele momento para mim, com a minha câmera. Hoje, outras questões me angustiam ao rever essa cena, semelhante e recorrente em outras imagens. Questões que me fazem lembrar de detalhes, falas, momentos de proximidade, diálogos e situações que marcaram a minha história e estão presentes no momento em que tento escrever esta dissertação e refletir sobre experiências vividas e minha prática docente.

Falar de caminhos, deslocamentos geográficos, afetos e instabilidades é uma maneira de refletir criticamente sobre histórias de vida, mas principalmente sobre processos de formação docente, tarefa de certa forma estranha e complexa. Por vezes,

é necessário afastar-me conceitualmente desses movimentos e deslocamentos como estratégia para me encontrar na escrita. Sentada à mesa, de frente para o computador, visualizo esquemas na parede, reviso registros, cadernos, livros e principalmente imagens. Nesse processo de sair de mim para conhecer outros mundos e experiências subjetivas, crio narrativas relembando e revisitando pedaços de histórias, flashes de outros tempos que, embora diferentes, compõem uma espécie de mosaico, um itinerário do que foi vivido.

2.2 Uma estrada e suas encruzilhadas!



Figura 22 - Campus Samambaia – FAV, UFG, 2017. **Foto:** Angélica Rodrigues
Fonte: arquivo da autora.

Nesta teia de encontros, mais ou menos episódicos, de relações e de afetos, de ideias e de partilhas, insinua-se uma aproximação inovadora à pesquisa educacional e à formação de professores.

(António Nóvoa)

Ao puxar da memória alguns fios que ligam e dão sentido a caminhos que estão sendo narrados, vejo mais claramente a importância de visitar situações e momentos da minha própria história como uma maneira de compreender como nos formamos professores. Nos próximos fragmentos, estabeleço descrições com o intuito de contextualizar algumas vivências e etapas importantes a partir do curso de graduação. Relato algumas experiências que afetaram a minha prática pedagógica como professora, experiências importantes que marcaram os meus trajetos e caminhadas até o mestrado em Arte e Cultura Visual.

Fragmento 5 – O curso de graduação: coisas do cotidiano e suas brechas

No ano de 2008, participei do processo seletivo concorrendo a uma vaga no vestibular da Universidade Federal de Goiás para o curso de Licenciatura em Artes Visuais. Lembro-me de que foi o primeiro ano da implementação das cotas pelo sistema “UFG inclui”. Como sou aluna oriunda de escola pública, inscrevi-me pelo sistema de cotas para concorrer a uma vaga. Fui aprovada. A escolha do curso não veio por acaso, foi pensada e planejada. Por ter passado boa parte da minha juventude e adolescência participando de cursos livres de arte, cinema, indo a exposições, trabalhando em festivais, tais vivências me aproximavam não só do cenário artístico da cidade de Goiânia, mas provocavam em mim um desejo profundo de atuar e me descobrir nessa caminhada como estudante, pesquisadora e professora.

Ao ingressar na Faculdade de Arte Visuais da UFG, tive o privilégio de conhecer e estudar com professores e professoras que me mostraram caminhos bem diferentes daqueles que eu estava acostumada a percorrer, como a arte contemporânea e os estudos de cultura visual. Devo admitir que foi difícil abandonar algumas concepções culturais confortáveis que estavam enraizadas no meu pensamento e migrar para outras ideias, conceitos, outras formas de olhar e aprender que, aos poucos, foram se tornando indispensáveis e necessárias.

Durante o curso de graduação, pude viver momentos importantes, experiências com viagens, projetos e incentivos oferecidos pela universidade. Entre os anos de 2009 a 2013, pude conhecer diferentes regiões do Brasil, ir às bienais de arte graças ao apoio e ajudas de custo que conseguíamos com muito empenho. Aqueles anos foram de muito estudo, mas também de oportunidades e aprendizagens gratificantes.

Tive a oportunidade de viver na universidade uma época de incentivos, com vários tipos de investimento que abundavam na forma de projetos de pesquisa e infraestrutura. Situação bem diferente da que estamos vivendo atualmente nas universidades públicas. Elas estão acuadas, encolhendo em consequência de cortes no financiamento, de restrições orçamentárias que sufocam gestores, professores e alunos que se sentem pressionados de muitas maneiras e por todos os lados diante de uma perspectiva de insegurança orçamentária e financeira.

No segundo ano do curso de graduação, em 2010, surgiu uma oportunidade de trabalhar no Centro Cultural da UFG (Figura 23), que ainda estava em reforma.

Com alguns estudantes de arte nos reuníamos catalogando o acervo de obras da UFG. O espaço da galeria de arte e do acervo era dirigido pelo professor e artista plástico Carlos Senna Passos, cuja participação foi fundamental, eu diria especial, em nosso processo de formação. A convivência diária no Centro Cultural com Carlos Senna e outros estudantes possibilitava um aprendizado empírico, experiências que agregavam informação sobre o dia a dia de um centro cultural.



Figura 23 - Centro Cultural da UFG, 2010.

Fonte: <<http://centroculturalufg.blogspot.com/>>. Acesso em 20/07/2018.

O aprendizado sobre ‘aquele mundo da arte’ era estimulante. O contato com os diferentes trabalhos e exposições faziam-me sentir não apenas estudante, mas uma pesquisadora e mediadora naquele espaço. Foram várias as experiências nas quais atuei no acervo, na montagem de exposições e nos grupos de ação educativa. Durante aquele período, tive a oportunidade de me engajar e desenvolver trabalhos artísticos colaborativos e em grupo.

Chegamos a realizar três exposições que também foram levadas às cidades de Anápolis e Jataí, no estado de Goiás, e a Uberlândia, em Minas Gerais. Os trabalhos que foram expostos nesse itinerário de exposições foram importantes e significativos por várias razões. Primeiramente, porque como estudantes no início de uma formação acadêmica, ainda não conseguíamos focar com clareza o rumo que

seguiríamos profissionalmente na área de artes visuais. Em segundo lugar, porque estávamos aprendendo, expondo-nos a riscos e responsabilidades na tentativa de nos descobrirmos e nos encontrarmos nesses caminhos e processos.



Figura 24 - Catálogo da exposição “Eu e outros *eus* possíveis: poética em construção”, 2011.

Fonte: arquivo da autora.

A Figura 24 apresenta uma imagem que produzimos e escolhemos para o catálogo daquela exposição itinerante. Além de ser um registro, uma espécie de rastro imagético, a imagem retrata simbolicamente aquele período de estudos e construção de aprendizagens significativas sobre nós e sobre o nosso engajamento com as artes visuais.

Fragmento 6 – Vivências de sala de aula

Estava com 20 anos de idade quando fui chamada de ‘professora’ pela primeira vez. No momento que ouvi, fiquei assustada. Não sabia muito bem como era estar novamente na sala de aula de uma escola pública, agora assumindo outro papel, como professora. Ainda cursava a graduação, mas consegui um contrato temporário, uma vaga para lecionar a disciplina arte e ensino religioso em uma escola da rede estadual de educação. As aulas eram ministradas no período da tarde para estudantes do

quinto e sextos anos do ensino fundamental e à noite para o ensino médio. Essa foi a minha primeira experiência como professora.



Figura 25 – Fachada do colégio, 2012.

Fonte: arquivo da autora.

O colégio estadual Solon Amaral está localizado na região noroeste de Goiânia, no setor Vera Cruz II. Com estrutura física muito precária e espaços reduzidos, o prédio do colégio se resumia a dois grandes pavilhões. Entre os pavilhões, um pátio de cobertura provisória e uma quadra descoberta. Os muros eram de placas baixas de concreto e ofereciam o mínimo em termos de segurança. Apesar das limitações estruturais, lembro-me da imensa felicidade ao ir dar aulas naquele colégio. A minha primeira experiência em sala de aula como professora aconteceu lá.

No primeiro dia de aula, não sabia muito bem como conduzir os trabalhos e colocar em prática o planejamento que havia preparado. A realidade na sala de aula era bem diferente daquilo que eu havia pensado. Como era o primeiro dia e também a minha primeira experiência como professora, fiquei muito nervosa. Lembro-me de ter entrado na sala com medo de olhar para as crianças. Era uma turma de quinto ano, com alunos na faixa etária entre 10 e 11 anos. Comecei a aula me apresentando e, em seguida, passei a falar sobre arte.

Falava intermitentemente, sem pausas, acreditando que os alunos estavam compreendendo tudo que eu estava dizendo. Entre uma história e outra, fazia

comentários sobre o poder das imagens nas nossas vidas. Mas, subitamente, fui surpreendida com uma voz forte que me interrompeu dizendo: *“Eu sei do que você está falando professora, eu sei o que são as artes abstratas”*. Houve uma pausa, uma respiração profunda e aquela voz continuou: *“São aquelas que podemos mostrar os nossos sentimentos. Quando estamos felizes, pintamos mais de leve... e quando estamos tristes utilizamos muita tinta, o traço fica forte, grosso, a pintura fica pesada”*. E aquela voz finalizou dizendo: *“Eu amo fazer arte, eu amo a arte abstrata porque ela me deixa livre para eu fazer o que quiser”*.

Até aquele momento, cerca de vinte minutos da aula já haviam se passado e eu não tinha me dado conta de que naquela sala havia três crianças com limitações visuais. Uma delas era a criança que acabara de narrar as suas experiências com a arte. Isso me afetou de tal modo que, a partir daquele dia, procurei recursos, busquei estratégias pedagógicas para me preparar e oferecer melhores aulas às crianças. Comecei também a repensar sobre como é ou deve ser a atuação de uma professora em um cenário tão surpreendente e desafiador.

Aquela experiência me ajudou a entender que antes de apresentar ou planejar qualquer proposta didática, ao chegar a uma escola é necessária uma aproximação cuidadosa. É necessário ouvir, observar e tentar compreender o contexto e a lógica de funcionamento do ambiente escolar. “Perceber o espaço onde está inserido e tentar dialogar com esse espaço, esse grupo, essas pessoas, que já conformavam esse território antes de ali chegar.” (OLIVEIRA, 2011, p. 214). Dei-me conta de que ouvir era mais importante que falar. Era importante aprender a ouvir.

Após essa experiência e muitos outros episódios, acontecimentos, projetos e aulas nas várias escolas e espaços educativos por onde passei, fui aprendendo e sendo ensinada um pouco mais sobre ser professora. Cada realidade, espaço e situação apresentava desafios que me obrigavam a olhar a partir de pontos de vista diferentes e até mesmo por “brechas” pouco aparentes. No entanto, ao mesmo tempo em que entendia e sentia a potência do cotidiano escolar, também percebia o seu distanciamento das relações acadêmicas e reflexivas sobre educação.

Aos poucos fui compreendendo que era preciso estar sempre em alerta, buscando caminhos que me levassem a equilibrar esses dois mundos, esses dois contextos, a escola e a academia, espaços de passagem, de formação e transformação docente. Desde então, meu desejo tem sido romper limites, as fronteiras que cercam

ou separam esses espaços férteis e ao mesmo tempo conflituosos que se tornaram indispensáveis às minhas trajetórias pessoal e profissional.

Fragmento 7 - Retornando à Faculdade de Artes Visuais

*Não escolhemos os lugares de predileção,
Somos requisitados por eles. (Michel Onfray)*



Figura 26 - Caminho para o campus samambaia, 2017. **Foto:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

Encontro-me de volta às estradas e encruzilhadas que me levaram aos caminhos da arte e da educação. Após alguns anos me dedicando à sala de aula, atuando como professora, percebi que havia chegado a hora de fazer um retorno, de enfrentar experiências e aprendizagens que me habilitassem a trabalhar no âmbito da pesquisa. Entendi que havia chegado o momento de reencontrar, de retomar esses caminhos. Mas, dessa vez, diferentemente da pesquisa que realizei para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao final da graduação, estou acompanhada.

Nesta investigação, sinto-me privilegiada ao compartilhar com estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais fragmentos da minha história de vida. Ao mesmo tempo sou grata a eles pela generosidade de contribuir para esta pesquisa com relatos e reflexões sobre momentos das suas trajetórias, deslocamentos e mudanças. Esses

fragmentos e pedaços de experiências nos motivam e dão sentido a nossa caminhada em busca de uma formação docente.

O caminho para o campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás constantemente me coloca em situações de aprendizagem e reflexão. As idas e vindas são repletas de imagens, movimentos e paisagens que estimulam diálogos entre o que aprendo e partilho sobre arte e educação da cultura visual ao fazer esse trajeto cotidianamente. Ao pensar nas imagens, nos movimentos e nas paisagens que delineiam as minhas idas e vindas à universidade, associo-me ao argumento de Ferreira (2013, p. 63), ao expressar que esse

modo de pensar cotidianamente, de fazer do cotidiano um campo de experiências, permite potencializar às próprias experiências auto formativas sobre a vida e a formação em conjunto com os Outros, especialmente, quando pensamos a abrangência desse “(com) partilhar” no âmbito da educação.

Pensando em mim e nos ‘Outros’, em sintonia com as ideias de Ferreira, e motivada por desafios que me impulsionam a sair do lugar de costume em busca de caminhos e aprendizados que me confrontem com o processo de autoconhecimento, coloco-me novamente nessa trajetória de estudante e pesquisadora. Tenho a expectativa de que outras histórias possam movimentar e contribuir para esse cenário de partilha de experiências narradas por estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Que as reflexões que nos fazem lembrar, narrar, e pensar sobre fatos vividos possam influenciar positivamente as nossas práticas pedagógicas, o modo como vemos o mundo e como atuamos ao nos vermos nesse mundo.

Cruzando os caminhos da minha atuação profissional em sala de aula, com a minha experiência de estudante na graduação e agora na pós-graduação, pretendo buscar meios de entender o que vem contribuindo para a minha formação docente e o que me transforma nesse processo. Para isso, a pesquisa narrativa e autobiográfica surge como uma oportunidade de acesso a experiências subjetivas que podem e ajudar a discutir e compreender, mesmo que parcialmente, problemas cotidianos que enfrento ao me colocar no movimento de formação docente.

CAPÍTULO 3 : ANALISANDO TRECHOS DA CAMINHADA





Figura 27 - Entrada da Fav na Ufg. campus samambaia, 2018. **Foto:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

“As histórias que trazemos como pesquisadores também estão marcadas pelas instituições onde trabalhamos, pelas narrativas construídas no contexto social do qual fazemos parte e pela paisagem”
Clandinin e Connelly

Grande parte dos dados desta pesquisa vêm desse lugar, a ‘FAV’. Lugar de passagem, de sonhos, de refúgio, de afetos. Lugar de luta, de desespero, de opressão, de oposição. Lugar de encontros, trocas, amizades e namoro. Lugar de dormir e acordar. Lugar de estudo, de trabalho, de experiências. Lugar de fala, de voz e silêncio. Lugar de formação, de transformação. Lugar de ocupação, partilha e colaboração. Lugar de conflito, manifesto, solidão. Lugar de muitos e poucos. Lugar de imigrantes, passantes, viajantes, visitantes. Lugar de calor e frio, de cor, concreto e pó. Lugar dos bichos, da mata, da praia e da lama. Lugar de contrastes e contradições, Lugar de tramas, resistência, criação e saudade.

Para analisar alguns trechos dessa caminhada, destaco três pontos importantes das minhas passagens e experiências com a pesquisa de campo, que desencadeou

aspectos narrativos e autobiográficos. O primeiro ponto a ser analisado é o ambiente narrativo, escolhido para o desenvolvimento da pesquisa de campo. O segundo ponto de análise surge com o aparecimento das imagens nos encontros com o grupo focal, as quais possibilitaram outras narrativas sobre as histórias de vida. Como terceiro ponto, destaco a importância das imagens na construção de narrativas e contra narrativas que me possibilitam pensar sobre deslocamentos, movimentos migratórios e a formação docente em diálogo com os princípios da cultura visual.

3.1 O ambiente narrativo: das fugas aos afetos

O ambiente narrativo desta pesquisa é compreendido e analisado de duas maneiras. A partir do lugar físico, onde se deram os encontros com o grupo focal, ou seja, na Faculdade de Artes Visuais da UFG, e, o segundo momento, de pensar em como esse lugar é visto e compreendido a partir de discussões, aspectos simbólicos e subjetivos surgidos com as narrativas.

Em meio a uma série de transformações cotidianas a Faculdade de Artes Visuais da UFG, vem ao longo de alguns anos se tornando um lugar de referência nacional e internacional no que diz respeito à qualidade e oferta de cursos de graduação e pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

Há pouco mais de cinco anos, a FAV passou por uma mudança estrutural. Um novo prédio foi projetado e construído para atender a demandas de espaço físico e assumir uma certa autonomia e identidade de Faculdade de Artes Visuais. No antigo prédio, os espaços eram limitados, algumas disciplinas eram ministradas em salas do campus Universitário (Região mais central de Goiânia), bem distante do campus Samambaia. Naquele tempo, a Faculdade de Artes Visuais dividia o prédio com a Escola de Música e Arte Cênicas - EMAC.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais (PPCAV), resolução – CEPEC Nº 1333, devido as demandas educacionais da época a mudança não foi marcada somente pela ocupação de um prédio novo, mas principalmente pela implementação da proposta de reformulação curricular elaborada em 2000 que visava superar a perspectiva polivalente existente nos projetos anteriores instituídos pelas resoluções UFG/CCEP nº 200/1984 e UFG/CCEP nº 333/1992.

A partir da Resolução UFG/CEPEC nº 518, ocorreu uma importante mudança de perspectiva filosófica e científica com a criação do Curso de Graduação em Artes

Visuais na modalidade de licenciatura. “Essa reformulação de curso ocorreu com o intuito de atualizar as diretrizes da formação profissional, respondendo às mudanças e aos desafios vividos pela educação brasileira, em especial, em relação ao ensino na área de arte.” (PPCAV, 2015, p. 8).

No ano de 2006 foi encaminhada para a provação uma nova proposta de reformulação curricular do curso licenciatura, a qual está em vigor atualmente. Nela, a resolução UFG/CEPEC nº 804 instituiu o currículo do curso de licenciatura plena em artes visuais para os alunos ingressos a partir de 2004 e ampliou essa possibilidade aos os veteranos que optassem pela nova estrutura curricular. Três anos depois, em 2007 foi instituído o curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV na modalidade de ensino à distância (EAD), pela resolução CEPEC Nº 837.

Lembro-me da transição e mudança do antigo prédio para o atual. Eu já havia finalizado a graduação e aguardava pela colação de grau no ano seguinte. Naquele tempo já escutava muitos comentários e críticas sobre a estrutura do novo prédio. Após a minha colação de grau, decidi dar continuidade aos estudos, então entrei como portadora de diploma no curso de Artes Plásticas, foi quando de fato comecei a vivenciar um pouco mais do novo espaço da FAV. Daí em diante, cursei disciplinas como aluna especial do mestrado, o que despertou em mim o desejo de avançar na caminhada da formação docente. Em seguida participei do processo seletivo e iniciei o mestrado em Arte e Cultura Visual.

Para pensar o espaço da FAV, era preciso vivenciá-lo e observá-lo de várias formas, por vários ângulos e aspectos. Essa dinâmica foi necessária e fundamental para que eu pudesse entender a FAV como campo de pesquisa e ao mesmo tempo como um espaço de formação. Dentre as minhas observações e registros, percebo semelhanças e recorrências na observação e fala de alguns estudantes. No prédio novo, sentíamos falta dos espaços de convivência, da lanchonete, copiadora, dos desenhos, lambes e grafites nas paredes, e de uma série de outros elementos que faziam parte da cultura que havíamos cultivado no prédio antigo.

Por esses e outros motivos, no início da mudança sentia a FAV ‘nova’, pouco acolhedora, era difícil acessar suas paredes, descansar e trocar ideias nos corredores com colegas e professores. A FAV era um lugar para passagens rápidas, para estar nas salas e ateliês durante as aulas em um tempo específico, cronometrado. Essa sensação, vivenciada por muitos estudantes e professores, eram constantemente

narradas e contestadas. O desejo de transformar o novo prédio em um lugar que atendesse as necessidades cotidianas e as demandas criativas de ocupação da FAV vinha aos poucos rompendo com a rigidez daquele novo prédio.

Muitos projetos, ideias e eventos foram movimentando a FAV a ponto de colocar em questão as estruturas e dinâmicas de um espaço acadêmico. Algumas adaptações criativas e interferências foram surgindo a fim de suprir a necessidade de transformar e reparar algumas falhas do lugar, como os bancos de madeira, as redes para descanso, espaços expositivos, a praia da FAV, entre outros. Mesmo assim, a FAV, ainda alvo de críticas para uns, atacada ou defendida por outros, segue com seus movimentos e transformações diárias.



Figura 28 - Faculdade de Artes Visuais FAV. 2017. **Foto:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

Foi nesse ambiente que decidi realizar o trabalho de campo desta pesquisa e, observando esse lugar em constante transformação, percebi ao mesmo tempo seus paradoxos e potências. Buscamos liberdade e criatividade no mesmo lugar em que sentimos opressão. Falamos de aprendizado, de formação contínua e experiências no mesmo lugar em que as estruturas acadêmicas são extremamente limitadas e pouco acessíveis. É lugar para fuga e ao mesmo tempo lugar de onde se quer fugir. Lugar que nos afeta, provoca e inquieta, de várias formas e em vários sentidos.

Nos últimos anos tenho acompanhado o crescente número de estudantes imigrantes entrando nas universidades públicas do Brasil. A grande maioria são jovens que vêm de outros Estados. Na UFG não é diferente, os números só aumentam. Muitos estudantes realizam processos seletivos como o Enem, a fim de pleitear uma vaga na Universidade Federal. A UFG se destaca como uma das melhores universidades do

país ocupando a 20ª posição do Ranking Universitário Folha (RUF) em 2018 e talvez essa referência seja determinante na escolha de muitos estudantes.

Atualmente, o curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFG, modalidade presencial, tem por objetivo contribuir para a prática do/a futuro/a professor/a de modo que ele/a possa construir sua identidade profissional nos termos de uma docência reflexiva que vá além de uma profissionalização disciplinar e técnica, visando o desenvolvimento crítico e o potencial criativo que configuram as demandas sociais contemporâneas.

O curso está organizado a partir dos seguintes eixos temáticos: Produção e Criação Artística; Fundamentação Histórica e Sociocultural em Artes Visuais; Fundamentação Sócio-histórica e Pedagógica da Artes Visuais na Educação; e Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais. Esta organização visa

[...] propiciar conhecimentos que projetem uma visão ampla de educação e produção artístico-cultural, comprometida com a ética e com os contextos e processos educativos criados pela sociedade contemporânea. Assim, o licenciando em Artes Visuais deverá ser capaz de lançar olhares diferenciados sobre relações entre arte, sujeitos, contextos, aprendizagem e ensino. (PPCAV, 2015, p. 13).

Como já foi salientado no primeiro e segundo capítulos, são inúmeros e complexos os princípios, valores e referenciais teóricos/práticos que compreendem a formação docente inicial e continuada. Ser aluna do mestrado e egressa do curso de licenciatura da FAV me faz pensar se de fato estou desenvolvendo a minha trajetória docente de maneira crítico-reflexiva diante da necessidade de atender, minimamente, os desafios desta profissão.

Vivenciando esse contexto, tenho pensado cada vez mais sobre o que esse espaço da universidade representa em nossa trajetória de estudo e pesquisa, para onde pode nos levar, quais são as responsabilidades que assumimos ao adentrarmos um curso superior numa universidade pública, o quanto se perde quando abandonamos ou trancamos um curso. Quais são as realidades enfrentadas, principalmente por estudantes que vem de fora, para se manter nesse processo de formação.

Apesquisa de campo me permitiu refletir e vivenciar muitos desses apontamentos, uma vez que os encontros eram realizados nas dependências do prédio da FAV que, apesar de suas contradições e alguns problemas já apontados anteriormente, abriu portas e espaços para que pudéssemos desenvolver nossos diálogos e trabalhos. A

FAV é também o lugar que motiva deslocamentos, encontros, produções e pesquisas. É, talvez, o espaço principal e fundamental nesse processo. Foi necessário estar na FAV para perceber que esse lugar movimenta nossas histórias de vida e formação.



Figura 29 - Pesquisa de Campo, Encontros com o Grupo focal. 2017/2018.
Fonte: Arquivos da autora.

Todos os ambientes e salas nos quais realizamos nossos encontros eram lugares já conhecidos e vivenciados cotidianamente pelo grupo. Essa familiaridade e conhecimento dos espaços da FAV, vivenciada, é claro, de formas diferentes por cada um de nós, fez com que ficássemos mais à vontade para conversarmos e partilharmos as narrativas e histórias de vida. Ao revisitar esses encontros e experiências com o grupo focal, percebo a FAV como ponto de chegada, de encontros e paradas, mas também como ponto de partida. É nesse lugar, compreendido de maneira física e simbólica, que também podemos criar, guardar, contar, reinventar nossas histórias.

3.2 Grupo focal: Como as imagens movimentam a criação de narrativas autobiográficas?

Durante o desenvolvimento da pesquisa de campo com o grupo focal, percebi que as imagens movimentavam as histórias narradas e de alguma forma recriavam cenários, itinerários e contextos cuja compreensão pôde se dar a partir delas, assim como a reinterpretação e análise do que foi vivido. As imagens abriam caminhos para entrarmos em contato com detalhes, particularidades e intimidades, dos trajetos e cotidianos de cada um de nós. Reporto-me a Martins (2009, p. 36) ao afirmar que

Essas imagens são, de certa forma, marcas da trajetória e das vivências dos indivíduos. Processadas culturalmente como visualidades e transformadas em experiências, essas imagens tem fortes componentes emocionais que expressam sentimentos de alegria, satisfação, medo, insegurança, vergonha, timidez, tristeza, decepção etc.

Tomei como referência alguns textos sobre narrativas visuais, além de um ensaio que vinha escrevendo inserido em um viés autobiográfico para uma disciplina do mestrado. No ensaio eu partia das imagens para pensar trajetórias, experiências e percursos pessoais sobre a formação docente. Ao ver que este trabalho se desdobrava e assumia cada vez mais uma parte importante na minha pesquisa, decidi compartilhar com o grupo focal e ao mesmo tempo lançar uma proposta para que também pudessem pensar suas trajetórias e experiências a partir das imagens.

No campo de estudo da cultura visual muitas são as investigações que tem como foco a emergência da tecnologia e da imagem no mundo contemporâneo, suas implicações e, especialmente, seu potencial para deflagrar sentimentos, ideias, emoções que contribuem para a configurações de mundos virtuais. Do mesmo modo, com frequência, os sujeitos usam imagens como fonte, referências para contar histórias, construir narrativas apropriando-se de representações visuais como representações de si.

Sobre essa apropriação Martins (2009, p. 34) explica que associamos as imagens a situações marcantes de nossas vidas por diversos motivos, as “preservamos para nos proteger das emoções que elas acionam ou, ainda, imagens que guardamos com afeto – e nos reservamos o direito de reviver as emoções que elas desencadeiam apenas em épocas ou momentos especiais.” Quando transformadas em narrativas, ao serem usadas como matéria-prima, as imagens acionam propriedades interpretativas dos episódios contados de maneira elucidativa e/ou ficcionalizada aos quais vão sendo atribuídas dimensões da própria vida. Ainda de acordo com Martins (2009, p. 33), narrativas podem ser

manifestações orais, escritas, sonoras e visuais que se organizam a partir de uma sucessão de episódios ou ocorrências de interesse humano que integram uma mesma ação. Uma sequência de ideias articulada através de palavras faladas ou escritas, e/ou através de sons e imagens é condição para que uma manifestação seja reconhecida como narrativa. Sequência e organização são elementos que dão algum tipo de unidade a ideias, falas, frases, sons e imagens que se complementam como narrativa.

Essa organização sequencial da narrativa visual não é condicionada a uma linearidade cronológica obrigatória dos fatos, ao contrário disso, ela vai sendo organizada com base na polissemia e ambiguidade do campo semântico da imagem.

A foto-elicitación conceituada e descrita por (BANKS, 2009) foi uma maneira encontrada para acessar e construir narrativas com os colaboradores da pesquisa.

Convidei cada estudante do grupo focal a selecionar imagens que permitissem falar sobre o processo de migração e/ou deslocamento, ou seja, da sua vinda para Goiânia. Por meio delas seria possível refletir também sobre formação docente com a criação de narrativas visuais individuais e coletivas. Esse convite, feito ao final do segundo encontro, foi acatado por todos os participantes da pesquisa.

Já sabendo que esta seria uma tarefa difícil e complexa, estipulamos entre quatro e cinco imagens para cada pessoa do grupo. Definimos uma data próxima ao último encontro para que pudessem enviar via *WhatsApp*. Dessa forma, foi possível ter um acesso rápido às imagens, pensar sobre elas e conhecer um pouco mais das histórias de cada um. Além disso, pude imprimir e levar todas as imagens no último encontro, momento no qual construímos a narrativa visual, compartilhando, unindo, fragmentando, recriando as diferentes histórias de vida e unindo pontos em comum.

No entanto, devo destacar que foi recorrente uma dificuldade de selecionar as imagens. Falavam de suas dúvidas em relação a como estavam interpretando e pensando as imagens, preocupavam-se em tentar estabelecer diálogos com as perguntas da pesquisa, mas nem sempre eram nítidas para eles. Mesmo assim, esforçaram-se e quatro dos seis participantes enviaram suas imagens.

Sobre essa dificuldade de seleção e interpretação das imagens para adotá-las como narrativas, Martins (2009, 36) afirma que as

[...] sutilezas do ver, olhar, espiar, espreitar, observar, vigiar e, também, do prazer visual, são um problema tão profundo quanto as várias formas de leitura - decifração, decodificação, interpretação, etc. Essas sutilezas e especificidades apontam para a constatação de que a experiência visual não é explicável apenas através do modelo da textualidade.

Dito de outro modo, nem sempre é possível externar os afetos acionados pelas imagens por meio da fala ou da escrita porque, como explica o autor, as “sutilezas e especificidades” dessas modalidades de expressão lhes conferem diferentes características. Há uma complexidade que envolve as narrativas em relação ao som, as pausas, os silêncios, os sentimentos..., aos quais recorreremos, muitas vezes, sem compreendê-los ou sem ter consciência sobre o modo como são constituídos e emitidos.

As quatro imagens (Figura 30) escolhidas por Karl Marx transitam entre dois lugares: Correntina e Goiânia. Ele as descreve a partir de acontecimentos e cenas que integram seu movimento de deslocamento e experiências por esses dois lugares.

Estabelece vínculos afetivos e busca referências e elementos que o fazem se lembrar de Correntina, mesmo estando em Goiânia.

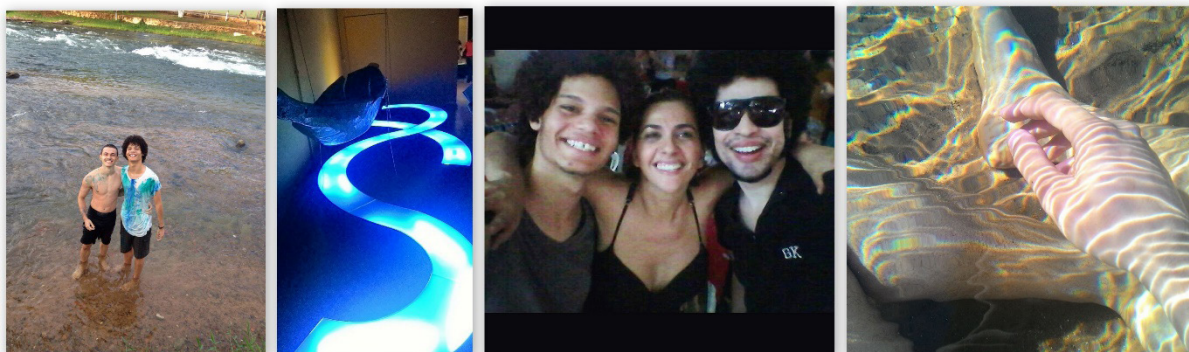


Figura 30 - Imagens escolhidas por Karl Marx para a narrativa, 2018.

Fonte: Arquivos de Karl Marx.

Karl Marx descreve cada uma de suas imagens na medida em que as vai enviando.

1ª Imagem - Essa foto é de quando esse meu amigo e eu tivemos o resultado do Enem. Janeiro de 2015, Correntinha, Bahia.

2ª Imagem - Visita ao museu antropológico, não me lembro o nome da exposição, mas ela ainda pode ser visitada. Me lembro de me reconhecer em várias sessões dela. Acho que nessa canoa posso refletir muito em relação a esses caminhos percorridos e as referências ancestrais que carrego com minha família. Fevereiro de 2015, Goiânia.

3ª Imagem - Esses foram meus primeiros amigos de Goiânia, antes de começar as aulas. Eles me apresentaram várias pessoas que foram e são muito importantes no meu processo de adaptação. O da direita é de Correntina, não éramos próximos, mas foi o primeiro a me chamar pros rolês. Vários rolês inclusive. Fevereiro de 2015, Goiânia.

4ª Imagem - Essa foto foi durante a greve de 2015. Eu voltei para minha cidade e passei toda greve por lá. Acho que essa foto representa a ligação emocional que tenho com Correntinha. Energia. Agosto de 2015.

Rebekah também selecionou quatro imagens (Figura 31). Todas elas remetem de alguma forma a trabalhos artísticos, mas deixam transparecer principalmente alguns sentimentos e descobertas pessoais a partir da relação e comparação que esta-

belece entre as duas cidades, Goiânia e Recife. Além disso, destaca com a primeira imagem a experiência de autoconhecimento que vivenciou ao ver os trabalhos de Rosana Paulino na exposição “Vozes do silêncio”, em Goiânia.

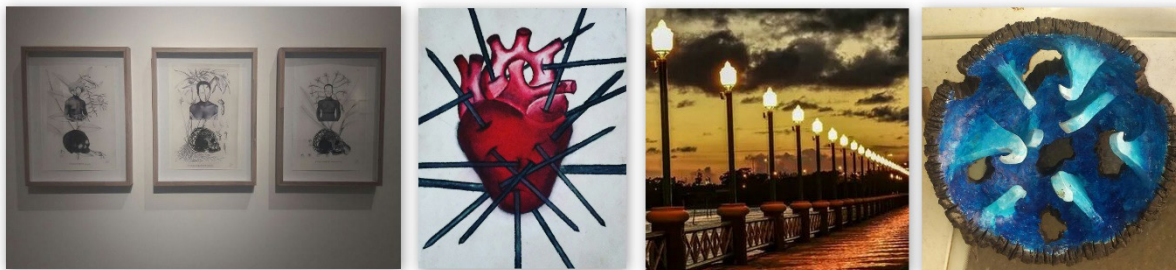


Figura 31 - Imagens escolhidas por Rebekah para a narrativa, 2018.

Fonte: Arquivos de Rebekah.

Rebekah descreve suas imagens procurando relacioná-las ao conhecimento de si, principalmente a partir de suas produções e trabalhos artísticos.

1ª Imagem — Essa imagem é de uma das obras que eu vi na exposição “Vozes do silêncio”. Foi uma exposição muito marcante e importante para mim, principalmente em relação ao meu processo de autoconhecimento. Antes eu não me via como uma mulher negra. Ir a essa exposição, fazia parte de um trabalho que a professora Carla Abreu havia passado. Um trabalho extenso composto de duas partes, uma delas era pensar uma ação educativa nessa exposição. Essa experiência me fez refletir sobre uma série de coisas inclusive sobre formação docente.

2ª Imagem — Essa pintura surgiu como proposta para uma escultura que as pessoas pudessem interagir. Mas infelizmente não saiu ainda do papel. Mesmo assim, reflito sobre a ideia, que era, pensar sobre as dificuldades que eu passava no meu relacionamento com as pessoas que ficaram em Recife.

3ª Imagem — Essa é uma imagem que me lembra muito Recife, eu a escolhi para fazer minha primeira aquarela. Essa imagem está relacionada também ao desenvolvimento de um artigo no qual teríamos que escolher um artista para discorrer sobre sua vida e obra, e depois produzir um trabalho a partir dos impactos e relações que ela provocou em nós.

4ª Imagem — Essa imagem é de um trabalho que desenvolvi em argila, considero um tanto egoísta porque fala da saudade que sinto de Recife. Quis representar o meu mundo, como eu via e o que mais sentia falta, no caso o mar. Por isso as ondas e a cor azul no centro da esfera.

Thaíla foi mais sucinta na descrição de suas imagens (figura 32). Disse que não conseguiu relacionar muito bem as imagens à proposta da pesquisa, mas imagina que o fato delas serem marcantes, ou mesmo por considerá-las como imagens bonitas das suas passagens, possam vir a contribuir com as narrativas.



Figura 32 - Imagens escolhidas por Thaíla para a narrativa, 2018.

Fonte: Arquivos de Thaíla.

1ª Imagem — Essa imagem é um registro do meu primeiro dia em Goiânia, logo quando acordei, vi meus colares dependurados na parede com uma luz diferente incidindo sobre eles, era o sol de Goiás. Os colares me remetem a muitas lembranças de Franca.

2ª Imagem — Essa fotografia foi feita no dia da nossa recepção a FAV, dia que também acontecia a praia. Esse momento ficou marcante para mim, um dos motivos pelos quais me fazem ter vontade de ficar na FAV.

3ª Imagem — São de fotografias que coleciono. Fiz durante as viagens de Franca para Goiânia. Gosto das luzes e movimentos.

4ª Imagem — Também faz parte das fotografias que fiz nas viagens de ônibus entre Goiânia e Franca. Só que as luzes são diferentes.

Danielli selecionou cinco imagens (Figura 33), dentre as quais três são fotografias de momentos marcantes que lhe deram satisfação e prazer, e duas imagens nas quais fazia montagens e criações que representam o oposto. As experiências negativas e positivas que passou estando aqui em Goiânia.

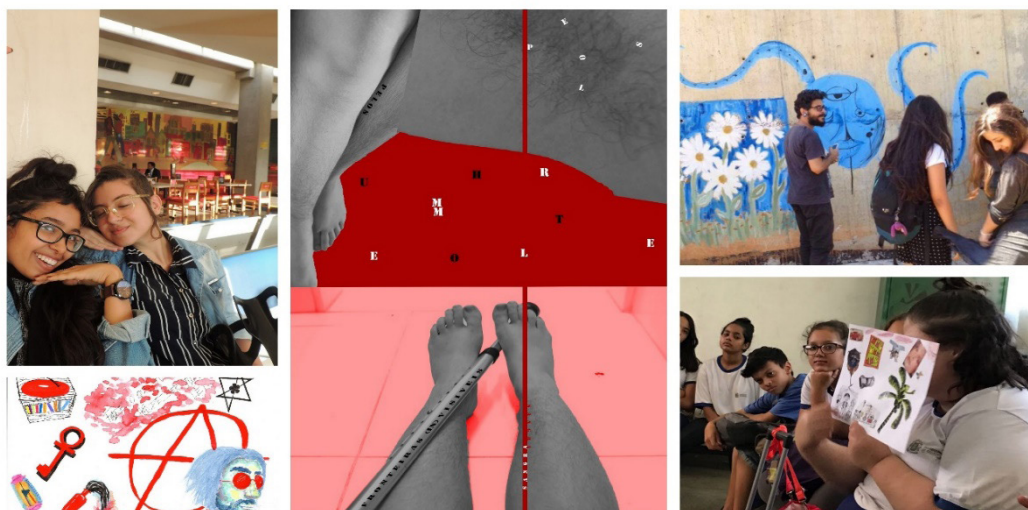


Figura 33 - Imagens escolhidas por Danielli para a narrativa, 2018.

Fonte: arquivos de Danielli.

1ª Imagem - Nesse período eu decidi colocar três fotos porque algumas sensações e acontecimentos diferentes me marcaram muito. Foto 1: Depois de ajudar em várias assembleias a FAV tinha sido ocupada e eu quebrei a perna fazendo dança contemporânea e circo, a Rafa (fazia licenciatura comigo na época) foi comigo para SP, ela conheceu um pouco. Fomos a bienal de arte de São Paulo e em um show do Chico Cesar. (eu estava feliz em ir para casa descansar e me recuperar, mas também queria estar ajudando na ocupação). Outubro/Novembro de 2016, SP.

2ª Imagem - Descobri que um amigo meu tinha sido morto pelo pai por participar das ocupações, e muita gente destilava ódio nos comentários das fotos dele. Fiquei com muito medo da violência, da intolerância, pensei em desamparos eu e meus pais tivemos alguns desentendimentos sobre objetivos de vida. Novembro 2016, SP.

3ª Imagem - A faculdade já tinha sido desocupada e eu estava tentando me entender, sobre sentimentos e objetivos, me senti muito mal por não conseguir andar e depender muito das pessoas e não conseguir entregar tudo que a faculdade me exigia no momento. Já não sabia se me sentia tão em casa na minha casa, nem em SP e nem GYN, não sabia direito qual era meu lugar. Ou se não era nenhum, se todos eram passagens... Novembro/Dezembro de 2016, SP.

4ª Imagem - Essa foto foi no começo do curso, já tinha conhecido um pouco mais as pessoas e estava bem feliz com a escolha do curso e com os amigos que tinha ganhado. Tínhamos decidido pintar a parede de fora da FAV juntos, e foi um dia muito bom, acho que abril ou maio de 2016.

5ª Imagem - Aqui são meus alunos do PIBID apresentando os trabalhos de colagem que eles tinham feito. Fiz um artigo sobre esse projeto e fiquei muito feliz de trabalhar em sala de aula, foi uma experiência incrível que com certeza me dá muita força para continuar no curso. junho de 2017 em GYN.

Danielli descreve com detalhes a importância de cada uma das imagens, fala dos seus posicionamentos políticos e ideológicos em defesa da educação. Além disso, ressalta que os vários momentos de transição e deslocamento ao ir e vir de Goiânia para São Paulo e de São Paulo para Goiânia fez com que refletisse sobre a qual lugar pertencia, ou se já não era mais de lugar nenhum, entendendo todos eles como passagens. Danielli fala também de suas primeiras experiências em sala de aula e o quanto foi feliz com seus projetos naquele ambiente escolar. Essas imagens muitas vezes despertaram narrativas e histórias densas que precisam ser ouvidas, vistas e questionadas.

As falas dos colaboradores, em especial a de Danielli sobre a 5ª imagem, ajudam a contextualizar uma preocupação do âmbito da formação inicial de professores e professoras em relação a necessidade de aproximar a teorização científica, conceitual e metodológica empreendidas na universidade às práticas cotidianas do “chão” da escola, lugar da atuação docente. Segundo Hernández (2015, p. 21), essa aproximação requer

[...] pensar um modelo de formação flexível e compreensível que desencadeie processos formadores nos futuros docentes que vão de dentro para fora, para dizê-lo de alguma maneira. Processos que tenham que ver com o desenvolvimento de conhecimentos e a construção de competências vinculadas à realidade da educação nos seus diferentes níveis, integrando as experiências dos estudantes com suas leituras e suas construções como sujeitos.

Para além das salas de aula da universidade existe um “mundo” acontecendo lá “fora”, as experiências de mundo dão conta de uma parcela significativa dos aprendizados necessários a formação docente os quais a dinâmica acadêmica, em muitas situações, não consegue acompanhar.

Como Rafael e Augusto não puderam enviar suas imagens, busquei nos arquivos pessoais disponíveis nas redes sociais de cada um, para que a partir delas também pudessem criar seus próprios enredos e narrativas tendo como base suas histórias de vida. Além disso, selecionei algumas imagens dos nossos encontros anteriores e imprimi algumas palavras que foram recorrentes nas falas de cada participante durante os encontros em grupo focal.

As imagens geraram um forte movimento nas histórias de vida de cada um. A partir desse momento começamos a descobrir que pensar as imagens da nossa trajetória poderia ser arriscado, mas ao mesmo tempo necessário para

compreendermos as subjetividades e os sentidos de cada uma delas em nosso processo de autoconhecimento e reconhecimento de si. Ao refletir sobre esses aspectos, destaco o posicionamento de Martins (2009, p. 36) ao afirmar que,

a experiência de construir narrativas visuais dá aos alunos a oportunidade de identificar situações significativas na sua trajetória de formação, de criar vínculos com questões subjetivas, mas, principalmente, de buscar uma compreensão de si mesmo tendo como referência as imagens e informações que escolheu como importantes e instituidoras da sua vivência pessoal e social.

A partir das imagens e palavras, as subjetividades e experiências compartilhadas no grupo focal também provocaram um impacto significativo no modo como vinha pensando a pesquisa. A criação coletiva, assim como algumas reflexões, nos levou ao exercício do reconhecimento de si, do *outro* e de nós mesmos a partir de um mapeamento das histórias de vida questionadas pelas imagens e narradas pelos sujeitos participantes da pesquisa. Esse exercício me ajudou a compreender um pouco mais a realidade na qual os estudantes se situam, como interpretam seus itinerários e histórias de vida.

3.3 Narrativas Visuais e histórias de vida na perspectiva da cultura visual: diálogo entre deslocamentos, migração e formação docente

As narrativas visuais possuem características próprias, geralmente concentram histórias em uma relação de tempo e espaço de modo que possam criar sentido para quem a produz. A narrativa que foi desenvolvida a partir do trabalho de campo desta pesquisa apresenta como característica principal a coletividade e o compartilhamento das histórias de vida de cada participante em um único espaço e suporte. Foram cerca de quarenta imagens escolhidas pelos colaboradores e algumas por mim. Além das imagens impressas, havia também uma lista de palavras que foram recorrentes nas falas e narrativas de cada participante. Outros materiais e suportes estavam à disposição para possíveis criações: um tecido branco 2x2, tesoura, barbante, fita, cola, pincel, canetinhas, papéis em diversos formatos, tamanhos e espessuras, entre outros.

Diante das imagens e dos materiais, o silêncio e ao mesmo tempo a curiosidade transpareciam nos gestos, sorrisos e no olhar de cada um(a). As imagens foram primeiramente tocadas, vistas uma a uma. As palavras foram lidas, compartilhadas e comentadas. Depois, todos começaram a manipular, modificar, recortar, desenhar, colar e tramar as imagens e palavras nos diferentes contextos e cenários da ideia de

cada um. Desse modo, “ao narrar imagens e visualidades, os indivíduos reorganizam sua experiência de modo que elas ganhem coerência e significado, dando sentidos a eventos/acontecimentos marcantes nas suas trajetórias”. (MARTINS, 2009, p. 36).



Figura 34 - Narrativa visual coletiva. Produção do grupo focal, 2018. **Fotografia:** Clícia Coelho.
Fonte: arquivo da autora.

A narrativa era frágil no sentido de sua plasticidade, as imagens foram impressas em papel comum, além disso gambiarras, riscos, recortes, remendos e falhas eram evidentes, assim como o dia a dia de muitos estudantes que têm suas histórias marcadas pelos deslocamentos e pelo modo como partilham parte dos seus trajetos. Como arquivos em construção (MIRANDA, 2015) as imagens da narrativa visual coletiva foram montadas e recriadas sobre o suporte de um tecido branco, instável, sem estrutura, como o cotidiano dos estudantes que migram e insistem em criar em seus processos de formação, espaços de aprendizado, luta e resistência, mesmo sem um amparo familiar, ou qualquer tipo de apoio institucional. Continuam a caminhada nessa fase longa, difícil, determinante e transformadora que é a graduação.

Montar e remontar acontecimentos reais ou ficcionais por meio de imagens é um exercício complexo, dinâmico e aberto no qual o tempo e a sequência dos fatos são determinados pela necessidade do montador/narrador de organizar a história. Metaforicamente, Miranda (2015, p. 157) compara a construção de narrativas com o processo da informática, no qual

a condição do acontecimento faz da produção e da recuperação de arquivos de memória verdadeiros repositórios abertos à inclusão de novos dados e à constante reinterpretação. Funciona como um evento no qual, em entornos coletivos, pode produzir-se o acesso a pastas de atuações, que permitem a recuperação de dados, a elaboração de novos textos e de novas narrativas.

Ao transitar pelas histórias de vida com as imagens associando-as a acontecimentos com os quais se pode aprender, é imprescindível compreendê-las a partir dos estudos da cultura visual. Os apontamentos de muitos autores que trabalham nesse campo mostram a importância de pensar o uso das imagens e visualidades nos contextos cotidianos, nos cenários contemporâneos, assim como no campo afetivo. Tourinho e Martins (2011, p. 53) deixam evidente que,

como campo de estudo transdisciplinar, a cultura visual, além do interesse de pesquisa pela produção artística do passado, concentra atenção especial nos fenômenos visuais que estão acontecendo hoje, no uso social, afetivo e político-ideológico das imagens e nas práticas culturais que emergem do uso dessas imagens.

Corroborando com essas ideias, Hernández (2007) afirma que a cultura visual não se encerra em um campo disciplinar. É uma investigação feita tendo como centralidade as interpretações da imagem e a produção de significados que possibilitam contar e recontar narrativas que antes eram vistas sem ou pouca importância como é o caso das histórias de vida docente.

Para este autor, o “ponto de convergência desses estudos está na afirmação de que as disciplinas relacionadas com as ciências humanas e sociais são mais artefatos de linguagem do que resultados de uma busca de verdade”. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 21). Portanto, sua transdisciplinaridade tem potencial para abranger aspectos significativos da ação humana concentrando-se nos modos de ver e nas interpretações que podemos fazer deles cotidianamente porque associam-se a referenciais teórico-metodológicos “vivos”.

A aproximação com os sujeitos participantes da pesquisa, para além do trabalho de campo e dos encontros, foi intensa e decisiva no processo de construção e interpretação do trabalho colaborativo, sobretudo da narrativa. Principalmente ao revelarem sentimentos e situações cotidianas que até então eram pouco aparentes, tais como solidão, saudade, dificuldade de encontrar um emprego, etc. Esses e vários outros problemas me fizeram entender que caminhar pela pesquisa de campo é pisar em terreno instável e surpreendente. A partir das narrativas e imagens podemos

acessar realidades e sentimentos que nos dão abertura para discutir, dialogar e aprender com os participantes da pesquisa.

Compreender os vários elementos que compõem o nosso cotidiano, os cenários cultural, social e político que nos afetam e estão presentes em nossas histórias, imagens e narrativas que construímos, são o primeiro passo para reconhecer os alcances da pesquisa narrativa e autobiográfica, principalmente o modo como podem nos ajudar a problematizar, mas, principalmente, a partilhar experiências e subjetividades individuais e coletivas. Reafirmo esse posicionamento a partir das ideias de Josso (2006, p. 383) ao afirmar que,

Em um mundo tão sofredor de laços impossíveis, rompidos, recusados, traídos, maltratados, entre os seres e os povos, eu só posso enunciar uma esperança e uma convicção. Minha esperança é que os procedimentos e histórias de vida se multipliquem afim de que todos aqueles e aquelas que os utilizam e os vivem possam encontrar, por meio dessa forma particular um novo laço social, um caminho de humanidade partilhada.

Essa possibilidade surge como potência para criar narrativas que, nesse contexto, ajudaram a desconstruir elementos enfatizando a importância de partilhar o reconhecimento de si nos processos de investigação e formação docente. Até mesmo porque os relatos de experiência apresentam possibilidades na perspectiva da pesquisa narrativa as quais não se limitam somente ao campo biográfico, mas incluem o cultural, social e histórico (HERNÁNDEZ, 2017). Nesse sentido, compactuo com o autor quando afirma que considera

a cultura visual não somente uma atitude e uma metodologia viva, mas um ponto de encontro entre o que seria um olhar cultural (visualidade) e as práticas de subjetividade que se vinculam. Esse ponto de encontro permite pesquisar as relações entre os artefatos da cultura visual e aquele que vê (e é visto), e os relatos visuais que, por sua vez, constroem o visualizador. (HERNÁNDEZ, 2013, p.83).

O pensamento de Hernández (2017) nos ajuda a compreender alguns desses aspectos. Ao quebrar paradigmas sobre a pesquisa narrativa e a cultura visual, o autor nos instiga a pensar sobre questionamentos recorrentes em relação às novas metodologias que possibilitam o surgimento de novas formas de caminhar com uma investigação. O autor complementa esse argumento explicando que

assumir esse posicionamento narrativo pressupõe nos distanciarmos da ideia tradicional de que a finalidade da investigação é apenas produzir conhecimento e assumir que também pode possibilitar formas

de compreensão da realidade em que os sujeitos e os possíveis leitores possam reposicionar-se. (HERNÁNDEZ, 2017, p. 70).

Em sintonia com essas ideias, Ribeiro (2017) destaca a importância e a oportunidade de expandir o diálogo para a produção de uma narrativa visual coletiva como uma maneira de abordar e discutir o reconhecimento de “outros saberes localizados e a importância de se romper com determinados tipos de silêncio” (p. 89). Foi uma oportunidade pedagógica para examinar e debater sobre a necessidade de criar lugares de fala que desestabilizem normas e discursos dominantes. Como explica Ribeiro (p. 89), uma maneira de tratar da “importância de refutar a neutralidade epistemológica”.



Figura 35 - Narrativa visual coletiva. Produção do grupo focal, 2018. **Fotografia:** Clícia Coelho.
Fonte: arquivo da autora.

Olhando para a figura 35 percebo que a diversidade de arranjos e rearranjos “sampleando” recortes de imagens para a criação da narrativa visual coletiva foi um acontecimento de formação em devir que, apesar de ter dia e hora marcada para acontecer, foi sendo construído sem regras rígidas a partir da delimitação do suporte – o tecido branco e fino, não poderia suportar e conter aprendizados que transbordaram as fronteiras da plasticidade narrativa, da sala de aula, do prédio da FAV e se espalharam para a vida.

Acredito que o mesmo ocorre com o processo de formação docente. Conhecimentos teóricos e práticos produzidos e incorporados no decorrer do curso de formação precisam estar ancorados à atuação do profissional nos espaços educativos. De acordo com Gatti e Barreto (2009), há

um consenso, nos dias atuais, sobre a necessidade de se elevar o nível do desenvolvimento profissional dos professores integrando atualização teórico-científica e fortalecimento da prática profissional. Cobram-se das instituições formadoras a concepção e o desenvolvimento de programas de formação continuada que articulem de forma orgânica o aprofundamento no campo dos fundamentos políticos, sociais e pedagógicos da educação escolar, o domínio dos conteúdos das áreas de conhecimento e suas didáticas especiais, com temáticas relevantes e desafiadoras da realidade escolar, identificadas mediante um trabalho conjunto com os sistemas de ensino e seus professores. (GATTI; BARRETO, 2009, p. 227).

Para as autoras, infelizmente, esse consenso não condiz com muitas práticas existentes no âmbito da formação docente oferecidas pelo poder público e também por instituições privadas. Em muitos casos, o distanciamento entre os ensinamentos ofertados e a prática docente é muito discrepante gerando uma necessidade urgente de reformulação curricular visando uma adequação qualitativa do currículo.

Ao trabalharmos com as imagens na perspectiva das histórias de vida, podemos criar formas de atuação e resistência para enfrentarmos as instabilidades, circunstâncias e ingerências vividas pelos estudantes que migram em busca de estudo e formação. Pensando nesses contextos, recordo-me de uma fala extremamente importante da Prof^a. Dr^a. Zeila de Brito Fabri, no *“VIII CIPA Congresso Nacional de Pesquisa (Auto)biográfica”*, 2018, sobre o tema *“Mobilidades e incertezas: novos arranjos sociais e reconfigurações identitárias.”* Ela chamava atenção para o fato de que *“no Brasil, os imigrantes sempre foram considerados como “outros” nem sempre como “sujeitos”. Tornaram-se números, parte dos estudos econômicos sociológico, históricos, mas de certa forma estavam ausentes da produção sobre eles próprios.* Em outro momento da sua fala, Fabri enfatizou que cabe a todos e todas nós, estudantes, pesquisadores e professores, problematizar e refletir sobre essas questões. Tive a sensação de que Fabri estava falando diretamente para mim que estava desenvolvendo esta pesquisa e me sentia emaranhada em vários dos problemas e situações de pesquisa que estavam sendo apresentadas e debatidas no congresso. Ela afirmou que esse tipo de *“... pesquisa coloca desafios ao Estado, as políticas públicas, as pessoas que passam a “conviver” com os que chegam e até com os que dela não estão próximos. Ela complementou seus argumentos fazendo a seguinte pergunta: Como as pesquisas podem auxiliar na superação dos problemas enfrentados pelos sujeitos que se deslocam?*

Além disso, a Dr^a. Fabri apresentou mais dois aspectos indispensáveis para as relações que abordo e discuto nesta investigação. Primeiramente, destaca que “as

questões relacionadas com os imigrantes levam a sociedade a pensar sobre si própria e o modo como trata não só os que vem de fora, mas os que a compõem". Num segundo momento ela falou da importância da abordagem biográfica relacionada à temática das migrações as quais justamente nos permitem captar a presença e atuação dos sujeitos envolvidos na complexidade dos mundos pelos quais se deslocam. Fez questão de ressaltar que nenhuma trajetória é idêntica a outra, mesmo quando os indivíduos partem do mesmo contexto de origem em direção ao mesmo destino.

3.4 Unir para formar-se docente: o trabalho colaborativo como potência e resistência na pesquisa em educação



Figura 36 - Encontro do grupo focal no EXPOLAB. Rascunhando projeto de exposição, 2019.
Fotografia: Karl Araújo. **Fonte:** arquivo da autora.

*“As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros,
incluindo os jovens e os recém-pesquisadores
em suas comunidades”.*
(Clandinin e Connelly)

Ao chegar nessa etapa da caminhada, algumas trilhas se abriram em direção a reflexões contundentes sobre a formação docente, tendo como base o trabalho colaborativo desenvolvido com o grupo focal. Avaliando as experiências vividas e analisadas nesse contexto, considerei importante aprofundar a discussão sobre a prática docente e o trabalho colaborativo no desenvolvimento da pesquisa narrativa e autobiográfica, pois foi nisso que a nossa parceria se configurou.

O grupo tímido dos primeiros encontros se tornou mais confiante, unido e proativo. O entrosamento foi tanto que em muitos momentos das nossas conversas eu me via como ouvinte das proposições que eles e elas faziam. Nesses momentos as fronteiras imaginárias que costumam separar o lugar da pesquisadora e dos(as) interlocutores(as), já não existiam, ou se existiam, eram muito tênues, quase imperceptíveis.

Como lembram Clandinin e Connelly (2015), o interesse da pesquisa narrativa surge com nossas próprias histórias que vão dando forma ao enredo da investigação. Histórias lembradas, narradas, vividas e criadas através dessa proposta coletiva e colaborativa que durante a pesquisa de campo foram determinantes para suscitar reflexões, discussões e ações com a experiência de pensar e gerar juntos(as) um processo de formação docente.

Como já escrevi em outros momentos, a relação que estabeleci com as pessoas que fizeram parte do grupo focal nesta pesquisa desencadeou o rompimento de muitas barreiras que a princípio pareciam duras e difíceis de serem modificadas, dentre elas estão o distanciamento entre pesquisador(a) e colaborador(a), o tempo de realização da pesquisa, o deslocamento geográfico dos(das) estudantes nas idas e vindas para Goiânia, os espaços dedicados aos encontros em grupo, os diálogos entre graduação e pós-graduação.

Essas barreiras, ainda que brevemente discutidas, representam também as instabilidades e incertezas que atormentam a minha compreensão sobre o que é fazer pesquisa em arte e educação no Brasil, principalmente, com foco na perspectiva narrativa e autobiográfica. A tentativa de seguir enfrentando questões como essas e ao mesmo tempo questionando os modos de fazer pesquisa, também me levaram a repensar os processos e as práticas da nossa formação como formas de resistência e potência para futuras atuações na educação.

Ao me deparar com uma série de situações e uma multiplicidade de métodos e ferramentas que questionavam alguns dos planos e roteiros que eu havia proposto para a investigação, percebi que outras reflexões precisavam ser construídas. Não era somente enxergar a realidade do campo de pesquisa, mas assumir a necessidade de aprender a escutar, trocar e partilhar nossas histórias. Afinal, a única certeza que nós, equipe de professores em formação, tínhamos era o desejo de produzir significados a partir de nossas trajetórias de vida.

Não era só pensar sobre as problemáticas e surpresas vindas desse contexto, mas se dedicar na construção de relações mais próximas entre pesquisador(a) e colaborador(a). Ao pensar nessas possibilidades e relações, Martins e tourinho (2013) nos ensinam que

como “ferramenta”, podemos entender que o(a) pesquisador(a) se entrega ao uso, porém também é usado na construção da pesquisa. Isso implica num trânsito contínuo entre “estar dentro” e “estar fora”, entre pensar e sentir as bordas e o terreno, entre o que leva consigo e o que recebe de outros, entre o que guarda e o que esquece – entre ser pesquisador e ser pesquisado. (MARTINS; TOURINHO, 2013, p. 70).

Como docentes em formação, precisamos questionar as relações desse entremeio: como nossos posicionamentos, histórias e contextos impactam os ambientes e espaços de pesquisa que criamos em coletividade? Como escutamos e narramos nossas histórias no processo de investigação que se utiliza das narrativas autobiográficas? E ainda, quais histórias nos ensinam sobre arte, educação e formação, tendo como foco o trabalho colaborativo?

Por intermédio de perguntas como essas é possível identificarmos maneiras de interpretar os cenários de ser pesquisador(a) e sermos ao mesmo tempo pesquisados. Ainda em diálogo com Martins e tourinho (2013), busco pensar as ações desse trabalho pelo viés da reflexividade, no qual passamos a valorizar os diversos acontecimentos e arranjos que surgem no decorrer de uma investigação, sem esquecermos da autoavaliação e do exercício contínuo da consciência de si nesse processo.

Banks (2009) também discute sobre a reflexividade na pesquisa qualitativa e esclarece que “o termo é usado para indicar a consciência que o pesquisador tem de si mesmo, a condução de sua pesquisa e a resposta à sua presença; ou seja,

o pesquisador reconhece e avalia suas próprias ações assim como as de outros”. (BANKS, 2009, p. 71).

Assumir o posicionamento da reflexividade é também uma forma de criar meios e espaços de escuta, é poder escutar o outro e a si mesmo em um processo de alteridade. A formação docente solicita a prática da alteridade e da autorreflexão para a produção de conhecimentos mais plurais e inclusivos. Nesse ponto somos convidados desarticular as hierarquias que tradicionalmente separam professores, alunos e pesquisadores para criar outros acontecimentos educativos, pois o exercício da alteridade e da reflexividade edificam pontes entre ensino, aprendizagem e pesquisa.

A relação de aproximação e amizade com os(as) estudantes além de promover inúmeros desdobramentos afetivos, permitiu uma tomada de consciência no processo de formação, um pensar/junto, as individualidades sem universalizar os diferentes contextos de aprendizagem. Desse modo, trilhar pelo caminho do trabalho colaborativo fazia mais sentido ao discutir e aprofundar nossas reflexões sobre o que é formar-se docente.

Ao perceber as vivências e experiências repercutindo para além da pesquisa de campo, busquei transformar o desfecho desta investigação para não correr o risco de finalizá-la com uma única “voz”, e ainda alimentar uma suposta neutralidade do(a) pesquisador(a) ao anunciar os resultados obtidos no processo da investigação.

Ao contrário, procurei voltar a atenção para a possibilidade de interseccionar nossas histórias, estender a experiência da pesquisa com a fala de todos(as) que participaram do grupo focal, ampliando os momentos de escuta, ocupando os espaços acadêmicos com ações e propostas que priorizassem o diálogo e a reflexão sobre os diferentes caminhos que nos levam a pensar sobre uma formação docente mais crítica e consciente. A formação devir coletiva, a qual acontece por redes de contatos e no interlúdio da colaboração de sujeitos em formação.

Diante dessa experiência de aprendizagem em que a escuta, as trocas e partilhas prevaleciam, não via outra forma de dar continuidade nesse processo que não fosse por meio das narrativas, das histórias de vida e por intermédio de diálogos mais próximos, com os quais descobrimos a produção artística de cada participante, entrelaçada na temática dos percursos de sua formação. Para isso, precisava

considerar a possibilidade de me abrir para desenhar as tramas desse tecido coletivo e colaborativo que surgia após a pesquisa de campo.

No início do ano de 2019, quando já me preparava para a finalização do trabalho de mestrado, muitas reflexões e questionamentos que surgiram dos resultados da pesquisa se fortaleciam em busca de compreender como as produções coletivas contribuem para novos processos de formação docente. Além disso, existia uma expectativa e uma vontade de partilhar esses resultados, bem como todo o material da dissertação, além de dar continuidade na caminhada desbravando novas trilhas com todos os(as) colaboradores(as).

No entanto, dar um retorno significativo ao campo e as pessoas que fazem parte desses processos não é fácil, raramente acontece de modo efetivo. É comum encontrarmos pesquisadores, falando do sentimento de impotência quando chegam na fase final da pesquisa, no momento de levar para o campo algum retorno do que foi construído como contrapartida, e comigo não foi diferente.

Ciente de que existe uma série de dificuldades quando envolvemos outras pessoas nos movimentos que iniciamos, procurei continuar a caminhada sem deixar que a presença e a fala dos(as) interlocutores(as) ficassem limitadas ao campo, tempo e espaço da investigação. Ou seja, que seguissem juntas comigo para sentir e ver a repercussão dos diálogos e narrativas expandindo-se para outros campos e momentos.

Levei minhas dúvidas e inquietações para o grupo, juntos pensamos em propostas que poderíamos continuar trabalhando em coletivo. Então, a ideia de organizar uma exposição artística surgiu como contrapartida para a FAV, lugar que possibilitou essa investigação. Esta proposição seria uma forma de ampliar e compartilhar com outras pessoas os nossos aprendizados formativos, além de ocupar o espaço da faculdade com os trabalhos artísticos gerados pelas narrativas, falas, histórias e experiências dos seis estudantes que participaram da pesquisa. Juntos percebemos que os acontecimentos de aprendizagens pelos quais passamos poderiam ressoar e tocar outras pessoas que de alguma maneira também ocupam o espaço da FAV em busca de formação.

Almejamos uma ação na qual pudéssemos convidar mais pessoas, professores e estudantes para partilhar sentir e escutar um pouco dos diálogos construídos entre a

graduação e a pós-graduação. Pois, como lembra Miranda (2016, p. 169), “o espaço da arte e das imagens é um lugar privilegiado para desenvolver aprendizagens que deem conta dos percursos e trajetórias dos estudantes”.

Então, depois que todos(as) do grupo aprovaram a ideia da exposição, começamos a organizar e a pensar nos trabalhos artísticos de cada um(a) a partir dos diálogos com as histórias de vida e o tema da pesquisa. Todos do grupo demonstraram muito interesse na proposta e começaram a contribuir de inúmeras formas, tecendo ideias para a montagem, apresentando trabalhos em processo e até produções já finalizadas. O empenho para que a exposição pudesse acontecer partia de cada um(a) de nós, de maneira muito especial.

O primeiro passo foi estruturar e apresentar ao grupo a escrita do projeto. Conversamos sobre os objetivos e as ações que poderiam acontecer durante a exposição, além de discutir as primeiras ideias da proposta de montagem e seleção de trabalhos. Com todos esses pontos bem costurados, encaminhamos o projeto para a direção e coordenação da FAV para ser avaliado e aprovado.

A partir do momento que conseguimos a aprovação do projeto, agendamos a abertura da exposição para a semana de defesa da pesquisa e retorno efetivo das atividades da graduação, isto é, em uma ocasião na qual a comunidade faviiana pudesse estar reunida. A importância de pensar a exposição nesse momento, marcava o desejo de encerrar o ciclo da pesquisa de forma consciente e diferente, na expectativa de iniciar outros diálogos para novas etapas, as quais pudessem se desdobrar a partir de aproximações e trocas entre graduação e pós-graduação.

Como já foi relatado no primeiro capítulo, Rebekah e Thaíla não puderam dar continuidade no curso de licenciatura em Artes Visuais da FAV, ambas tiveram que trancar a matrícula e voltaram para suas cidades de origem. Mesmo assim, as presenças de Rebekah e Thaíla no grupo permaneceram fortes, e foram fundamentais para a construção de muitas reflexões coletivas durante e após a pesquisa de campo, marcando a união a continuidade de novos processos de formação. Mesmo elas estando em outros Estados, nosso desejo de também movimentar essas experiências, quebravam as barreiras institucionais e de distância.

Nesse sentido, foi possível compreender que o “desafio do educador é trabalhar com a multiplicidade de lugares nos quais se informam as ideias que produzimos

sobre a missão e o papel de tais instituições, justamente aquelas nas quais se leva adiante o trabalho educativo. (MIRANDA, 2016, p.170).

No período de férias, início do ano de 2019, somente o Augusto estava em Goiânia, todos(as) os(as) demais estudantes, interlocutores(as) da pesquisa, ainda estavam em suas respectivas cidades, alguns aproveitando as férias, outros matando a saudade de casa e da família. Então, cuidei para que o envolvimento de todos(as), nos processos e na organização da exposição fosse o melhor possível, desde o início do planejamento até o encerramento da exposição, no dia da defesa. Com isso, voltamos a nos comunicar através do grupo de WhatsApp, o qual já estávamos afinados e acostumados a usar desde os primeiros encontros.



Figura 37 - Grupo no WhatsApp, 2019. Conversas sobre a exposição. **Fonte:** arquivo da autora.

A imagem acima (figura 37), apresenta trechos de nossas conversas pelo grupo do *WhatsApp*. Por meio dessa ferramenta, conseguimos marcar nossos encontros, organizar o material da exposição, trocar ideias sobre os trabalhos e falar das expectativas e dos sentimentos de cada um(a) diante desse acontecimento.

No grupo, postamos e acompanhamos todas as etapas e processos do projeto, incluindo a montagem, a abertura e o encerramento da exposição. A partir da imagem

é possível depreender que havia na conversa um clima de descontração e entusiasmo, além de cumplicidade e euforia pela a realização da mostra.

A exposição foi composta por uma seleção de quinze trabalhos artísticos, enviados pelos seis estudantes do grupo focal, que seguiam acompanhando os desfechos e resultados prévios dessa investigação. Nossas ideias e ação se configuravam como potência e resistência buscando transformar os movimentos acadêmicos instituídos, bem como, buscar outras formas de produção de conhecimentos na pós-graduação. Pois o

educador da pós-produção é alguém que incorpora e integra, mediante a possibilidade de construção narrativa, experiências estéticas que envolvem a sensibilidade e o emocional, mas também o conceitual e o sensível. São experiências que refazem as práticas culturais – entre elas as práticas da educação artística – a partir do direito de acesso da comunidade e dos pertencimentos particulares. (MIRANDA, 2016, p.166).

Receber as propostas artísticas dos colaboradores, foi, sem dúvida, um dos momentos que mais me surpreenderam nesse processo. Perceber como os trabalhos estavam carregados de histórias e subjetividades que se ligavam aos aspectos levantados pela pesquisa. Esses acontecimentos me fizeram acreditar num aprendizado coletivo de fato, numa formação colaborativa processual em devir, na qual os diferentes percursos e experiências puderam ser pensados, discutidos e compartilhados a partir da interação com visualidades, montagens, vídeos, pinturas, desenhos, gravuras, instalações e narrativas orais.

No meio dos acontecimentos me vi desenvolvendo o papel de curadora da exposição, situação que me fez rememorar outras experiências que vivi em minha época de estudante do curso de licenciatura em artes visuais, um período cheio de desafios e possibilidades no qual já percebia a força de trabalhos e projetos colaborativos. Durante a graduação, eu e um grupo de amigos, estudávamos pela manhã e no período da tarde trabalhávamos no Centro Cultural da UFG. Lugar onde aprendemos muito sobre os circuitos artísticos, mas, principalmente com os processos de formação que nos envolviam desde a organização de um acervo até a montagem e mediação de exposições.

Essa volta ao passado, me fez compreender melhor os ensinamentos de Clandinin e Connelly (2015, p. 108) ao dizerem que “na construção de narrativas de experiências vividas, há um processo reflexivo entre o viver, contar, reviver e recontar

de uma história de vida.” Isto é, ao contar a experiência vivida na organização e montagem da exposição artística colaborativa, vi que o passado e o presente estão em constante conexão, basta acionar a memória para desarmarmos outras experiências formadoras, mas que ao emergirem no presente, fazem isso com uma nova roupagem adequando-se as necessidades do contexto vigente, suscitando outros aprendizados.

O processo de curadoria da exposição foi facilitado porque cada colaborador(a)/artista teve a liberdade de construir e escolher as obras que iriam expor, o único critério foi de elegermos trabalhos que partilhassem subjetividades e experiências que tinham como base as histórias de vida, os deslocamentos e a formação docente.

A estudante Danielli apresentou três propostas com formatos distintos: fotografia, vídeo e gravura. Essa tríplice poética falava de como suas trajetórias e deslocamentos geravam relações de afeto com pessoas, lugares e consigo mesma. Além disso, Danielli também discutia em suas gravuras aspectos complexos do corpo feminino, colocando em questão os processos de estranhamento do próprio corpo, questionando a ideia do autoconhecimento atrelado aos processos de formação.

O Augusto optou por selecionar duas gravuras em metal, cujas produções partiram de uma investigação sobre o seu passado, baseada em histórias familiares. As produções dele foram construídas a partir de fotografias antigas, as quais expressavam subjetividades que marcaram sua trajetória, retomando aspectos de uma memória que transita entre sonhos e pesadelos, os quais também questionam os distanciamentos e as aproximações que influenciam a criação de nossas próprias histórias.

Karl apresentou duas propostas, um lambe de gravura e uma instalação com desenho. Ambas tinham nas imagens seus pés representados, figuras que constituíram o ponto de partida para criação da instalação e do lambe que foram para a exposição. O trabalho de instalação se desdobrou em vários sentidos, além do desenho dos pés, Karl montou no espaço uma trama de fios brancos que ligavam o chão ao teto, perpassando, cercando e atravessando com as linhas o seu próprio desenho.

Este trabalho, em especial, nos fez pensar tanto na perspectiva dos diferentes rumos e caminhos que nos ligam, como no aprisionamento que impedem o ato de caminhar. Um outro elemento importante foi a presença da terra na instalação, ela, tinha uma força simbólica e potente para Karl, pois o fazia lembrar dos movimentos sociais, dos quais ele e sua família participavam ativamente em sua cidade, a Comissão

Pastoral da Terra. Além disso Karl via que todos esses elementos, ligados a uma reflexão sobre a sua própria história de vida, contribuíam para os seus processos de formação docente e artística.

Thaíla, estava em Franca / SP, e, encaminhou via serviço de transporte aéreo suas propostas e trabalhos para participar da exposição. Ela optou por enviar uma série de três desenhos que compunham uma narrativa, cuja personagem principal era representada na figura de uma galinha. Em um dos quadros, a figura do animal vinha acompanhada por duas frases, questionando os complexos processos de migração e deslocamentos. Embora cômica, as imagens criadas por Thaíla, problematizam cenários contemporâneos que as colocam-na diante das incertezas e instabilidades de um cotidiano marcado pelo movimento.

Além desse trabalho, Thaíla enviou também uma proposta de vídeo criados com *Graphics Interchange Format* (Gif), no qual se apropriou da figura de um relógio em movimento, mirando os ponteiros para pequenas imagens que simbolizavam tempo, lugar, objetos, pessoas e personagens, sobretudo aqueles que marcaram seus trajetos durante suas idas e vindas para Goiânia.

Rebekah, mesmo estando em Recife, também fez questão de enviar três produções, as quais geraram forte impacto e curiosidade em muitas pessoas que visitaram a exposição. Os trabalhos selecionados, teciam relações diretas com lugares de afeto e com o sentimento de saudade construída pelos deslocamentos. Rebekah optou por explorar em cada trabalho técnicas diferentes como, pintura, desenho com pastel oleoso e assemblagem.

Na pintura, apresentou um de seus lugares preferidos de Recife, lugar com uma paisagem e horizonte completamente diferente das que encontrou em Goiânia. Isso a levou a criar outras duas imagens que pudessem dar conta do peso dessa experiência e dos impactos desse tempo em sua história de vida. Então, Rebekah explorou essas subjetividades na figura de dois corações, os quais surpreendiam a todos que se aproximavam, justamente porque traziam elementos e detalhes em sua materialidade que nos causava curiosidade e ao mesmo tempo empatia.

Rafael, enviou uma única proposta que contemplava três trabalhos. Sua ideia principal era trazer para a exposição objetos que fizeram parte dos seus trajetos e cotidiano. Alguns objetos eram pessoais, outros foram encontrados na rua. O primeiro era

a cabeceira de uma antiga cama onde dormia em Altamira / PA. Nela, Rafael escreveu, “todos os dias eles nos matam, todos os dias nós nascemos”, essa frase faz referência a força e resistência que ele e muitos outros estudantes e artistas desenvolvem para chegar e ocupar alguns espaços, como por exemplo, o espaço da universidade.

O segundo trabalho, era composto por suas sandálias de couro sobre um banco de madeira antigo. As sandálias gastas por suas andanças foram companheiras em muitas viagens. Nas tiras de couro desse par de chinelas, Rafael escreveu a seguinte frase: “Minha casa são meus pés”, sugerindo a ideia desenraizamento.

No terceiro trabalho, com o título “O transito afeta”, Rafael apresentou um cone de sinalização de trânsito com palavras como; “casa”, “esperança”, “eu”, “você”, “nos”, “eles”, “outros”, colocando-o na exposição em um ponto estratégico para interferir na passagem de todos(as) que entravam na sala de exposição. Este trabalho questionava os espaços demarcados e como os trânsitos entre os diferentes lugares podem nos afetar de diferentes formas.

As imagens abaixo (figura 38), apresentam parte da montagem da exposição, momento em que todos esses trabalhos citados estavam presentes no mesmo espaço, dialogando entre si. O envolvimento, interesse e compromisso de todos(as) durante a montagem, nos possibilitou enxergar nas propostas, muitos processos formadores que revelaram a potência de um projeto construído na perspectiva colaborativa.



Figura 38 – Montagem da exposição, 2019. **Fotografia:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

Embora os assuntos e focos de cada trabalho não falassem diretamente sobre formação docente, os processos artísticos que cada colaborador(a) escolheu, caminharam juntos assumindo uma experiência de aprendizado coletivo partindo das diferentes histórias de vida e trajetos de cada um(a), tendo como ponto de encontro e reflexão a formação docente na FAV.

Encerramos o dia da montagem lendo o texto que acompanhou a exposição, cujo título e nome da exposição já havíamos pensado e escolhido em grupo. O texto, buscava abrir caminhos para o diálogo com estudantes, professores e outros possíveis públicos. Era o momento de pensarmos desde a abertura até o bate papo de encerramento da exposição. Por isso, também organizamos um folder (figura 39) para divulgar o evento, bem como vinhetas nas redes sociais. Abaixo do folder, segue o texto curatorial da exposição.



Figura 39 – Folder da exposição, 2019. **Fotografia:** Angélica Rodrigues. **Fonte:** arquivo da autora.

Poeira: onde você estava até chegar aqui?

A poeira acompanha, se move, marca, encarde. Poeira do chão, da estrada, dos passos, dos objetos guardados, das constru-

ções e desconstruções de nós mesmos. A poeira somos nós, pequenas partículas unidas umas às outras em um constante movimento, resistindo, incomodando, perambulando, interferindo e vagarosamente atingindo os lugares mais limpos e pouco ocupados. A poeira simboliza e fala do nosso lugar de encontro, de criação, de partilha e aprendizado, a **FAV**. Nesse lugar geramos além de criações, muitas inquietações e questionamentos atravessados por histórias, narrativas e imagens que nos ajudam a repensar nosso posicionamento e subjetividades levando-nos a questionar: Quando e como contamos nossas histórias de vida? Quando e para quem falamos das fugas, afetos e instabilidades que envolvem os ambientes de formação e transformação?

Convidamos você, leitor, visitante, observador, para também nos dizer um pouco de sua trajetória e partilhar nesse espaço, antigas e recentes lembranças de **“onde você esteve até chegar aqui?”**

Esperamos encontrar mais pessoas rompendo barreiras e abrindo caminhos com seus diferentes movimentos cotidianos, quebrando silêncios, extinguindo preconceitos, principalmente porque em tempos de instabilidades e incertezas, precisamos praticar mais a escuta e o diálogo.

A exposição narra fragmentos das histórias de vida de seis estudantes de artes visuais em formação – Rafael, Rebekah, Thaíla, Danielli, Augusto e Karl que têm em comum as trajetórias marcadas pelo deslocamento geográfico e subjetivo do sujeito docente errante, o qual serve-se das aprendizagens de suas caminhadas, passagens e viagens para formar-se, em um constante processo de vir.

Angélica Rodrigues

Curadora

Para nossa satisfação, o convite feito nessa exposição foi atendido. Muitas outras histórias surgiram e experiências diversas foram narradas nesse encontro. O ambiente expositivo se transformou em um espaço de trocas, de afetos, de emoções, de descobertas e aprendizados. No último dia, encerramos a mostra com a apresentação e fala de todos(as) os(as) estudantes que participaram da pesquisa. Essas pessoas

que deixaram de ser “simples” interlocutores, e passaram a ser agentes ativos dos desdobramentos e rumos que a investigação tomou.

Foi possível perceber que essas falas e emocionadas se estenderam a todos que estavam presentes, isso porque as histórias de vida traziam pontos que nos ligavam, então, nos reconhecíamos nas histórias uns dos outros. Foi lembrando esse momento que compreendi a importância da fala de Delory-Momberger (2017) ao referir-se sobre os efeitos dos processos de criação coletiva. Segundo esta autora a

a criação compartilhada leva de si para o outro e traz de outro para si, via a arte que deixa assim o território circunscrito dos experts e dos conhecedores: o mesmo acontece na formação – quando é retomada enquanto gesto pedagógico –, a criação compartilhada desloca a linha dos ‘que sabem’ e dos ‘que não sabem’ para todos construírem juntos um espaço dos possíveis, onde a aventura de si abre para todas as audácias e as criatividade. (DELORY-MOMBERGER, 2017, p. 183-184).

Nesse processo de trocas e partilhas, além de escutar e aprender com a fala dos estudantes e professores, tive o privilégio de ouvir também a fala do meu pai, o qual fez questão de participar a exposição artística. Tomado por uma grande emoção, imagino que sua vontade não era outra se não a de também poder falar. Ao referir-se a minha defesa de mestrado como uma conquista de formação que não era só minha, mas, também dele e de mais pessoas de nossa família, me ajudou a perceber que um trabalho, pesquisa e ou estudo não pode ser construído ou gerado sozinho.

Meu pai, dotado de saberes “não acadêmicos” e rica experiência de vida, diante das obras de arte, falou o quanto era importante saber olhar para elas e aprender que a educação é uma prática importante e libertadora. Depois de um depoimento emocionado, ele finalizou dizendo que embora não tenha tido a oportunidade de estudar e se formar em espaços de educação institucionalizados, “*o mundo é uma boa escola para aqueles que querem aprender*”. Ou seja, existem outras maneiras de aprender que são construídas na dinâmica de viver, as quais podem tornar a formação docente muito mais significativa se forem levadas em consideração.

A diversidade dos trabalhos artísticos, assim como os seus processos, temáticas e até a montagem da exposição, foram muito comentadas e dignas de elogios. Muitas pessoas estiveram presentes durante a semana de exposição.



Figura 40 – Encerramento da exposição, 2019. “A voz de todas” **Fotografia:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

Muitas outras falas me marcaram nesse dia, e ainda permanecem vivas em minha memória. Passar por essa experiência me ajudou a pensar sobre a minha atuação como pesquisadora e professora de arte. Me ajudou a perceber como podemos transformar as distâncias e abismos criados entre nós, professores-alunos, pesquisadores-pesquisados, para relações mais próximas de respeito, escuta, alteridade e formação.

No final da manhã, quando Rafael e eu fechávamos a sala de exposição, felizes e relembrando com carinho cada momento desse dia de encerramento. Senti nos seus gestos e sorriso uma expressão de gratidão. Em seguida, ele me revelou o quanto sonhava e esperava por esse momento. Então, com uma fala esclarecedora ele disse: *“Sempre tive vontade de falar para os professores e professoras exatamente o que o que eu disse hoje, poder falar o que eu acredito, falar do meu trabalho, contar minha história e das pessoas que são invisíveis na sociedade, pessoas que não tem acesso a esses espaços me deixa esperançoso e com muita vontade de continuar nessa caminhada. Esse momento foi muito importante para mim.”*

Essa fala de Rafael me fez questionar: Afinal, quais são as histórias que estamos construindo e como elas configuram experiências de formação? Como professores(as), em muitos momentos subestimamos a capacidade dos nossos alunos de perceberem os vícios da profissão nos quais aos poucos vamos sucumbindo com o passar do

tempo. São armadilhas como desencanto com a profissão, pouco retorno financeiro e falta de políticas públicas educacionais..., que nos deixam susceptíveis a negligência no ato de ensinar e aprender. Os alunos (as), diariamente, acompanham nossos dilemas, por isso a importância de buscarmos produzir relações menos assimétricas entre: professores(as) e alunos(as), bem como, pesquisadores(as) e colaboradores(as) da pesquisa em educação.

**CAPÍTULO 4 :
DAS MARCAS AOS
DESDOBRAMENTOS
DE OUTRAS CAMINHADAS:
CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Figura 41 – Marcas da FAV e de outros caminhos, 2018. **Foto:** Angélica Rodrigues.
Fonte: arquivo da autora.

Muitas vezes é preciso parar e olhar com atenção para os lugares e caminhos por onde decidimos passar. Observar os relatos e narrativas construídos na pesquisa afetou o modo como venho entendendo e olhando para os processos e as práticas da formação docente. As experiências vividas durante a pesquisa de campo foram importantes não apenas para a produção dos dados empíricos, mas, se revelaram fundamentais para a criação de novos caminhos que possibilitam um ‘olhar’ para histórias de vida, situações e acontecimentos que frequentemente deixamos à margem das pesquisas acadêmicas.

A partir das histórias de vida, volto a lembrar alguns questionamentos sobre temas recorrentes da vida contemporânea que se sobressaem e marcam grande parte das narrativas, minhas e dos colaboradores: o que nos faz fugir para outros lugares e realidades? Quais os afetos construídos nesses lugares de fuga? Que elementos geram instabilidade quando migramos ou nos deslocamos para outros lugares? E, principalmente, como esses movimentos provocam reflexões e nos ajudam a problematizar os processos e as práticas da formação docente?

No caminhar desta pesquisa, algumas vezes partilhei o sentimento/desejo de fuga. Ao refletirem sobre suas histórias, alguns participantes me revelaram que partiram para Goiânia carregando essa sensação. Partilhávamos um mesmo sentimento em contextos diferentes. Continuamente me sentia tomada por esse sentimento, uma vontade de fugir quando pensava que a faculdade era o meu principal campo de pesquisa e as várias responsabilidades envolvidas nesse contexto. Já os estudantes imigrantes, vindo de outros estados e realidades, narravam suas fugas em direção a esse espaço da universidade, ou seja, em busca de formação profissional, experiências e transformações.

Discutir sobre formação docente, a minha e a dos/as colaboradores/as, foi fundamental para a compreensão de que este é um processo constante e atual. Essa construção é um continuum e se faz necessária primeiramente durante o curso superior e depois para a atuação em sala de aula. No entanto, em muitos momentos, devido a outras atribuições da vida, não nos damos conta ou passamos por cima dessa necessidade por não termos tempo para dedicar a formação. Costumamos atribuir essa tarefa e iniciativa às instituições nas quais trabalhamos como se fosse responsabilidade delas ou, apenas responsabilidade de um “outro” e não nossa.

Encontrar um grupo de pessoas que se aventuraram a migrar para outros espaços, deixando para trás comodidades e optando por algo distante de suas realidades imediatas parece ser um desafio muito grande. E de fato é. Os relatos, descrições e desabafos dos/as colaboradores/as desta pesquisa demonstraram que ao narrarem as dificuldades encontradas nesses deslocamentos, a luta pela permanência num lugar/instituição até então desconhecidos como forma de alcançar metas e realizar sonhos, é uma força/potência que os/as impulsiona a ponto de fazê-los encarar e vencer o desafio.

A respeito da construção de uma identidade docente com base na formação inicial, Hernández (2015) observa conflitos de ordem estrutural nas relações estabelecidas na contemporaneidade, sendo essa condição responsável por muitos entraves e desarticulação entre teorias e atuação profissional. No âmbito da escola a visão de sujeito docente que prevalece ainda é unificada, racionalizada e disciplinar. Para o autor, uma perspectiva de formação articulada a condição contemporânea deveria considerar os processos como dinâmicos, múltiplos, provisórios, transdisciplinares e, principalmente, como fatores importantes na construção das subjetividades dos futuros docentes.

A experiência coletiva de narrar, discutir e produzir subjetividades ampliou as possibilidades que cada componente do grupo possuía de acionar suas subjetividades a partir da escuta do outro. Os encontros e discussões em grupo foram essenciais para entender que não fazemos e produzimos nada sozinhos, que a pesquisa pode possibilitar a ruptura dos nossos próprios limites estimulando-nos a atuar nas fronteiras entre experiências do cotidiano e pesquisa científica. Além disso, essas experiências me fizeram perceber a importância de auto avaliar-me como pesquisadora e participante do trabalho de campo com o grupo focal. Ajudaram-me a refletir sobre o meu estado emocional, físico e mental, sobre minhas competências e incompetências, problemas,

idiossincrasias e dificuldades. Como afirma Angrosino (2009, p. 46, grifos meus), existem “alguns fatores (...) [que não conseguimos] mudar, esconder, como gênero, idade, categoria racial ou étnica percebida”.

As ideias de Angrosino me reportam ao argumento de Passeggi (2017) sobre a pertinência de compreender ou estarmos atentos às relações entre reflexão, razão e emoções tomando como referência as narrativas institucionais que construímos sobre nós mesmos. A autora destaca que

o encontro consigo mesmo, sua verdade provisória, é o que mais inquieta. A consciência de tal provisoriedade afugenta o desejo de criar uma imagem de si cristalizada pela narrativa, o processo de escrita cria momentos de silêncio, zonas mortas, longas horas de solidão. (PASSEGGI, 2017, p. 114).

Embora tenhamos trabalhado com a expectativa de criar uma narrativa com imagens fixas, como um “*momento de verdade provisória*”, as imagens sempre nos remetem a pessoas/tempos/memórias/lugares. As palavras recorrentes nas falas dos sujeitos ao narrarem suas histórias, nos alertam e ajudam a compreender que o conhecimento e reconhecimento de si estão em constante transformação.

Revisitar as situações vividas na pesquisa de campo, bem como as experiências construídas nesse espaço, é uma maneira de reacender algumas inquietações, provocações que marcaram a investigação e construção da narrativa em grupo. É também uma oportunidade de olhar e refletir sobre questões que por alguma razão e/ou circunstância, ficam à margem das discussões que atravessam os cenários da universidade. Um exemplo é a grande instabilidade que assombra muitos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica dependentes de bolsas e outros recursos para se manterem no processo de formação, principalmente no cenário político que estamos vivendo, no qual os cortes das verbas educacionais destinadas as ações afirmativas têm sido cada vez mais evidente.

As relações que criamos com os sujeitos colaboradores no campo da pesquisa geram, além de dados empíricos, subjetividades e aprendizados que nos orientam ao mesmo tempo em que causam impactos nos percursos de uma investigação, sobretudo quando se trata de uma investigação fundamentada em questões envolvendo formação profissional e aprendizado.

Ao longo da pesquisa de campo encontrei formas para trabalhar a metodologia de modo inventivo, orgânico. Uma abordagem metodológica ‘viva’ não se prende

a um único ponto de vista, mas, ao contrário, se estrutura em função de relações, possibilidades e diferenças que costuram as tramas que compõem a realidade, ou seja, em sintonia com a história e o cotidiano que vivemos. Em meio a uma dinâmica de surpresas e acontecimentos inesperados, fui alinhavando essas ideias e observações a partir de um movimento construído colaborativamente.

Ao rememorar essas experiências, ainda recentes, compreendo que a pesquisa via narrativas e o trabalho de campo são, sem dúvida, parte importante do meu processo de formação docente. Retribuir ao campo ou, sendo mais específica, àqueles que participaram da pesquisa os resultados da investigação é o mínimo que podemos fazer para tornar esse processo significativo. Tenho a expectativa de que outras histórias possam movimentar e contribuir para esse cenário de partilha de experiências narradas de pesquisadores e estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Que as reflexões que nos fazem lembrar, narrar, e pensar sobre fatos vividos possam influenciar positivamente as nossas práticas pedagógicas na aproximação e reconhecimento de si e do mundo.

Ainda percebo que algumas vezes somos tomadas/os pelo medo de romper barreiras, limites e fronteiras que nós mesmos criamos sobre o objeto de pesquisa, negligenciando o poder que temos de nos deixar afetar e aprender com a própria história e as dos *Outros*, com gestos, falas, silêncios, encontros e situações que extrapolam qualquer cronograma e/ou roteiro planejado em relação àquilo que buscamos na pesquisa.

No entanto, vejo que o enfrentamento desse medo é o que nos coloca diante de relações mais humanas e conscientes, buscando articular as relações da vida cotidiana ao processo de investigação. O sentimento ou a incapacidade de reajustar o modo de olhar para imprevisibilidades e acontecimentos ainda permanecem fortes na cultura acadêmica. Esse sentimento ou incapacidade também estão presentes nas burocracias atreladas ao trabalho científico, distanciando-nos e/ou impedindo o surgimento de discussões mais ricas a partir de realidades que extrapolam o campo da pesquisa.

Pensar a formação docente em um constante devir é pensar sobre a possibilidade de transformação, sobre continuidade, sobre os diferentes tempos que habitam e transbordam os campos da pesquisa. Do mesmo modo pode acontecer com as experiências de migração e deslocamento que enfrentamos, experienciamos

ou resistimos ao longo da vida. São meios que me levam a tentar compreender o movimento do mundo, das pessoas, o que se passa dentro e fora de nós e como esses movimentos afetam as trajetórias e os processos de formação docente.

Foram muitos os aprendizados proporcionados por esta pesquisa, alguns, imateriais, se tornam difíceis de serem relatados e residem somente em espaços recônditos de minhas subjetividades sendo, hora ou outra, acionados como fragmentos que dão sentido a atividade docente e a própria vida.

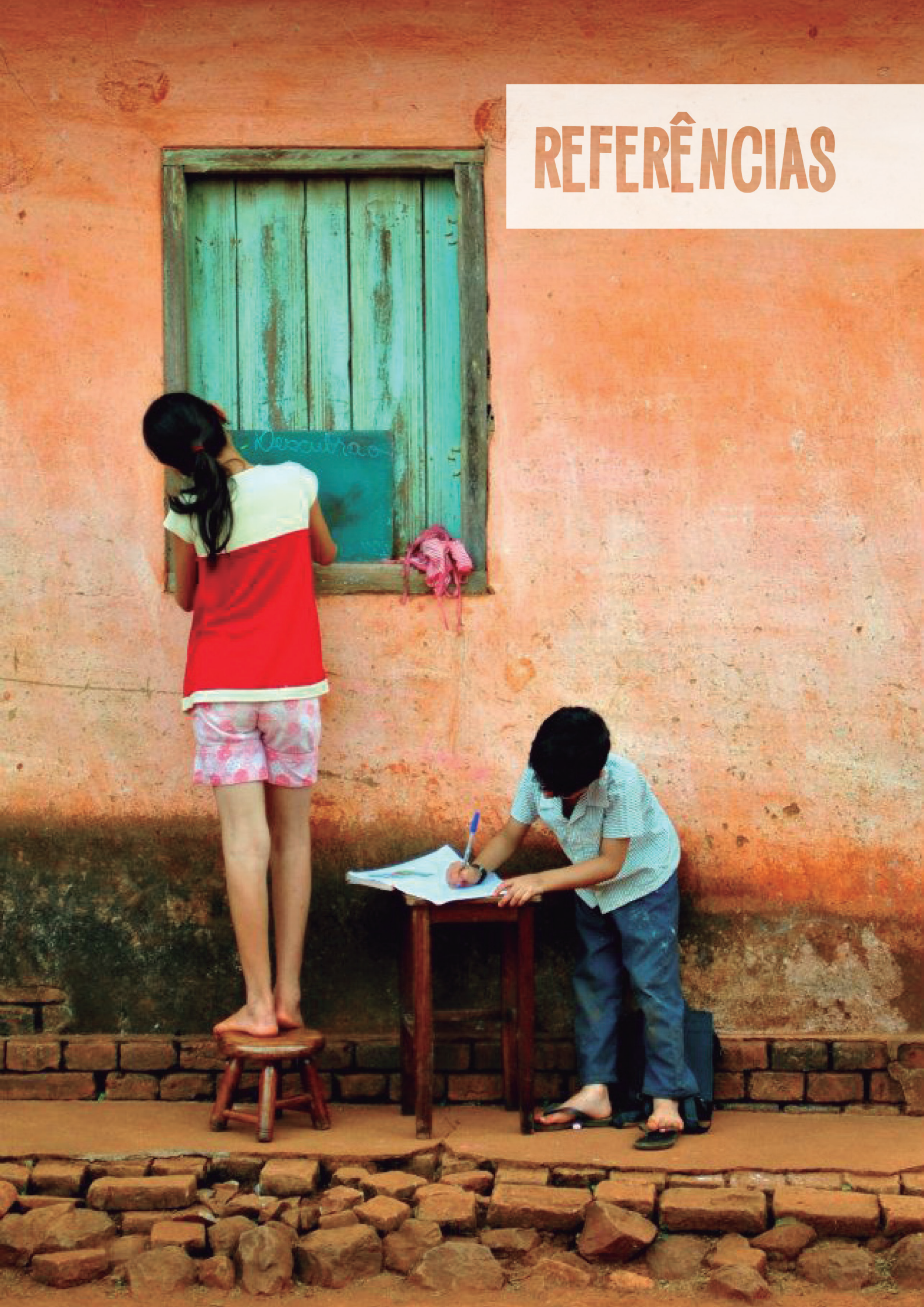
Durante a realização da pesquisa muitas possibilidades investigativas foram surgindo como lacunas da formação docente. Entre elas, elejo duas como sugestão para pesquisas futuras, talvez, para a realização de um doutorado. A primeira diz respeito a necessidade de discutir investigar e discutir as políticas de permanência dos/as estudantes imigrantes que entram nos cursos de licenciatura em artes visuais visando uma maneira de mobilizar e valorizar a carreira docente. A segunda proposta, seria focar na formação continuada dos/as estudantes egressos/as da licenciatura da FAV/UFG e nas políticas de atração desse alunado para projetos de extensão e pós-graduação da instituição. Ao pensar nessas propostas, considero a pesquisa qualitativa e, de maneira específica a abordagem autobiográfica, uma oportunidade de conhecer as subjetividades que envolvem esse cenário, assim como as particularidades que nos possibilitam refletir sobre as diferentes demandas que impactam e afetam o devir da formação docente.

Além disso, reflito sobre os vários problemas políticos que assolam e corrompem a educação e a formação crítica de estudantes, professores e pesquisadores quando se colocam em movimento. A histórica situação de desigualdade social e econômica que enfrentamos no Brasil parece ser perene à medida que tais desigualdades continuam se intensificando. Grandes transformações cotidianas envolvem conflitos, divisões, geram medo e barreiras que muitas vezes nos impedem de planejar e realizar planos de fuga e aprendizados que propiciem conhecimento e formação.

Enfrentamos a escassez de oportunidades e o excesso de barreiras que nos impedem de seguir com o desejo de conhecer e se reconhecer em outros lugares. A realidade de sair, fugir e se encontrar em lugares distantes de onde estão nossas raízes pode estar carregada de muitos significados, sentimentos e acontecimentos, positivos ou negativos. Em tempos de luta e melancolia, somos alvo, mas podemos ser, também, as flechas que procuram espaços, brechas para escapar, atingir e

resistir. É preciso seguir e continuar a caminhada porque o mundo não para. Tudo está em movimento e, diante dessas situações, precisamos encontrar maneiras de alçar novos voos.

REFERÊNCIAS



ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca, Porto Alegre: Artmed, 2009.

BANKS, M. **Dados Visuais para Pesquisa Qualitativa**. Tradução José Fonseca, Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Tradução Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BIANCO, B. F. **Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais**. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 19-50, jan./jun. 2009.

BOURRIAUD, N. **Radicante – por uma estética da globalização**. Tradução Dorothée de Bruchard. – São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. **Censo escolar da educação básica 2016 notas estatísticas**. Brasília, DF: INEP, 2017a. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em: 06/02/2019.

BUENO, B. O. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002. <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>> - acesso 11/12/2018

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como pratica estética**. Tradução Frederico Bonaldo. 1ª ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CARDONETTI, V. K; OLIVEIRA, M. O. **Diário de aula: disparador de problematizações e possibilidades para pensar a formação de professores de artes visuais**. In: Marilda Oliveira de Oliveira; Fernando Hernández. (Orgs.). A formação do professor e o ensino das artes visuais. 1ª ed. Santa Maria, RS: UFSM, 2015, v.1, p. 51 – 74.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. – 2ª edição ver. - Uberlândia: EDUFU, 2015.

COVERLEY, M. **A arte de caminhar: o escritor como caminhante**. Tradução Cristina Cupertino. São Paulo: Martins Fontes. 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

FERREIRA, L. C. P. **Mo(vi)mentos autobiográficos: historiando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em artes visuais**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2015. Disponível em: <<https://culturavisual.fav.ufg.br/p/6212-dissertacoes>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

FLICK, U. **Introdução à coleção pesquisa qualitativa**. Tradução José Fonseca, Porto Alegre: Artmed, 2009.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. de S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184682>>. Acesso em: 06.02.2019.

GOODSON, I. **“Políticas do conhecimento: vida e trabalho docente entre saberes e instituições”**. Organização e tradução. Raimundo Martins e Irene Tourinho. Coleção Desenrêdos. Goiânia: Cegraf, 2007.

GOODSON, I. **A ascensão da narrativa de vida**. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (Orgs.). Pesquisa narrativa - interfaces entre história de vida, arte e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2017, p. 25-47.
HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, F. **Pesquisa com imagens, pesquisa sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual**. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p. 77-95.

HERNÁNDEZ, F. **A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de artes visuais**. In: Marilda Oliveira de Oliveira; Fernando Hernández. (Orgs.). A formação do professor e o ensino das artes visuais. 1ª ed. Santa Maria, RS: UFSM, 2015, v.1, p. 15-36.

HERNÁNDEZ, F. **Minha trajetória pela perspectiva narrativa da pesquisa em educação**. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (Orgs.). Pesquisa narrativa - interfaces entre história de vida, arte e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2017, p. 49-74.

_____. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Relatório do 1º ciclo de monitoramento das metas do PNE: biênio 2014-2016. – Brasília, DF: INEP, 2016.

JOSSO, M. C. **Experiência de Vida e Educação**. Educação, Porto Alegre, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.

LECHNER, E.; FABRI, Z. de B. D. **Migrações, pesquisa biográfica e (auto) biográfica**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 03, n. 07, p. 14-20. 2018. Disponível em: <www.biograph.org.br> Acesso em: 20/12/2018.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. **(Des)Arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência**. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (Orgs.). Pesquisa narrativa - interfaces entre história de vida, arte e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2017, p. 143-165.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. **Circunstâncias e ingerências da cultura visual**. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 51-68.

MARTINS, R. **Narrativas visuais: Imagens, visualidades e experiência educativa.** In: VIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte. Brasília: Editora Brasil, v. 8, n. 1, Janeiro/Junho de 2009.

MIRANDA, F. **Fora de Controle: acontecimentos e aprendizagens na cultura visual e na arte contemporânea.** In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). Educação da cultura visual – aprender... pesquisar... ensinar... Santa Maria: Editora UFSM, 2015, p. 147-164.

MIRANDA, F. **Agora que chegamos até aqui: professores, narrativas e imagens visuais.** In: MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (Orgs.). Pesquisa narrativa - interfaces entre história de vida, arte e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2017, p. 243-273.

_____. **Notas Estatísticas Censo da Educação Superior 2016.** Brasília, DF: INEP, 2017b. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf>. Acesso em: 06/02/2019.

NUNES, A. **Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: narrativas a partir de deslocamentos territoriais.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2015. Disponível em: <<https://culturavisual.fav.ufg.br/p/6212-dissertacoes>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

OLIVEIRA, M. O. de. Por uma abordagem narrativa e autobiográfica: diários de aula como foco de investigação. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.) **Educação da cultura visual – conceitos e contextos.** Santa Maria: Edufsm, 2011. p. 175-190.

ONFRAY, M. **Teoria da viagem: poética da geografia.** Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: Pesquisa (Auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.27, n.01, p. 369-386, abr. 2011.

PASSEGGI, M. C. Narrativas institucionais de si: a arte de enlaçar reflexão, razão e emoções. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (Orgs.). **Pesquisa narrativa - interfaces entre história de vida, arte e educação.** Santa Maria: Editora UFSM, 2017, p. 99-123.

_____. **RESOLUÇÃO CEPEC Nº 1333.** Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais, modalidade Presencial da FAV/UFG. Conselho de ensino, pesquisa, extensão e cultura da universidade federal de goiás, 2015. Disponível em: <https://www.fav.ufg.br/up/403/o/Resolucao_CEPEC_2015_1333_PPCAVLICpresencial.pdf?1543338952>. Acesso em: 07/02/2019.

RIBEIRO, J. da S. **Métodos e técnicas de investigação em Antropologia.** Lisboa: Universidade Aberta, 2003.

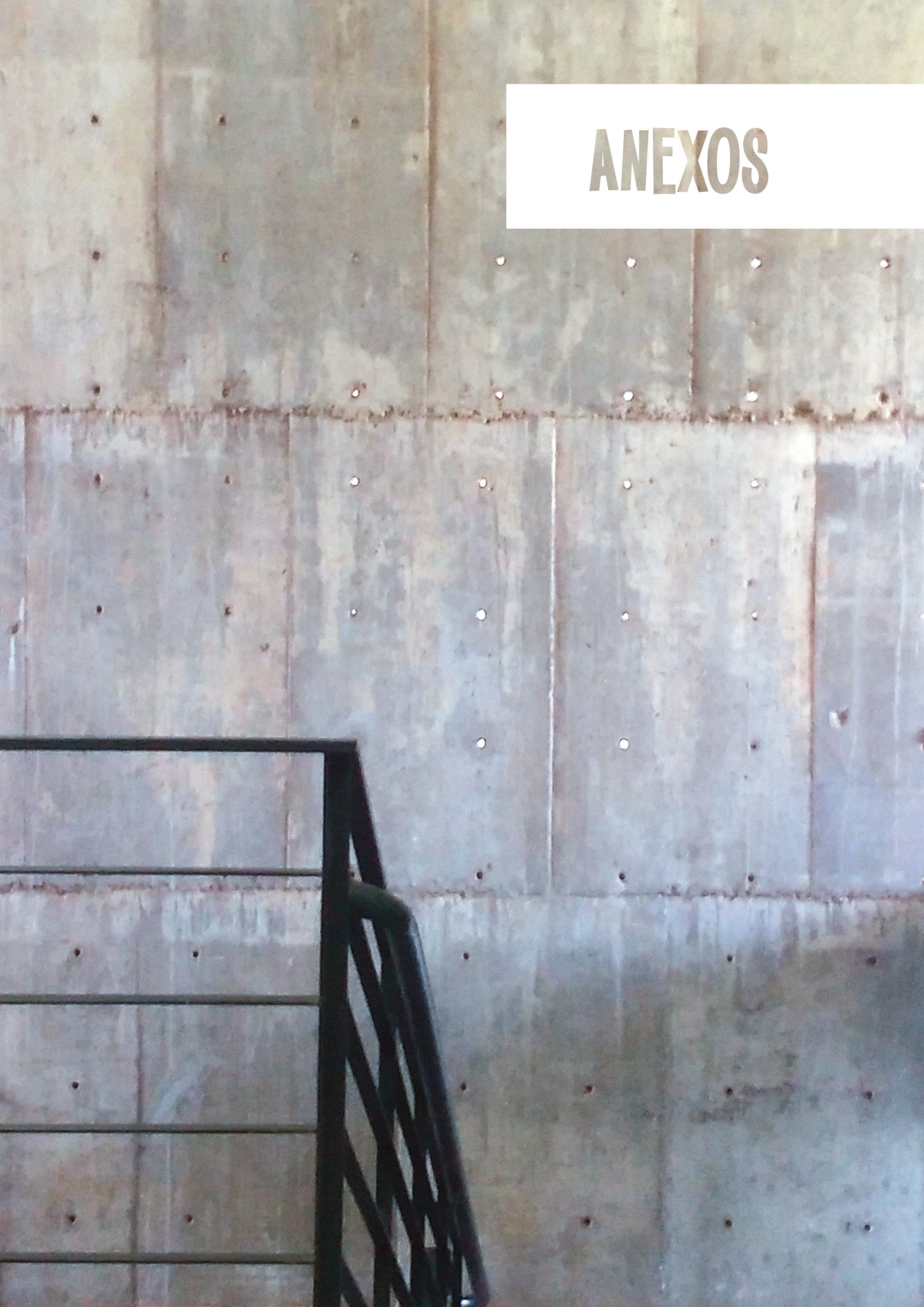
RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Feminismos plurais. Belo horizonte (MG): Justificando, 2017.

SOLNIT, R. **A história do caminhar.** Tradução Maria do Carmo Zanini. – São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____; SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. In. **Revista Educação em Questão**. v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, E. C. de. (Auto)Biografia, identidades e alteridades: Modos de narração, escrita de si e prática de formação na pós-graduação. In. **Revista Fórum Identidades**. Ano 2, volume 4, p. 37-50 – jul-dez de 2008.

TOURINHO, I. Imagens, pesquisa e Educação: questões éticas, estéticas e metodológicas. In: Martins R. e Tourinho I. (Orgs.). **Culturas das imagens: desafios para arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016, p. 201-223.



ANEXOS

ANEXO 1 – TCLE



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como colaborador, da pesquisa intitulada **Viajantes e suas passagens: Os deslocamentos e as interações entre arte, vida, fotografia e formação**. Meu nome é **Angélica Rodrigues Lima**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é em Arte, Cultura Visual e Processos de Mediação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail: (art.angelicarodrigues@gmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (06) 983255635 / (62) 32978029. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

1.1 Título, justificativa, objetivos;

Título: Viajantes e suas passagens: Os deslocamentos e as interações entre arte, vida, fotografia e formação.

Justificativa: Este projeto surge do meu interesse em investigar sobre as experiências construídas em viagens e deslocamentos a partir de trajetórias e percursos de estudantes de graduação vinculados à Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Repensando os processos que envolvem a formação, inicialmente proponho uma reflexão autobiográfica da minha própria trajetória como estudante da Faculdade de Artes Visuais da UFG, e como esta foi permeada por projetos que possibilitaram diversos tipos de deslocamentos e experiências com viagens as quais foram fundamentais para que eu pudesse pensar sobre a grande relevância do tema como pesquisa para o contexto contemporâneo que vivemos na academia. O projeto tem como característica, uma pesquisa empírica com métodos qualitativos, bem como experiências compartilhadas por meio da formação de um grupo focal. No qual teremos a possibilidade de interligar as experiências estéticas e culturais que potencializam práticas contemporâneas, podendo problematizar o modo como nos relacionamos com a produção das imagens por meio da fotografia. Neste sentido, serão trazidos para a discussão, teóricos como Walter Benjamin (1994), Villem Flusser (2002), Michel Onfray (2009), em diálogo com os princípios da Cultura Visual. Ademais, a pesquisa aponta para questionamentos sobre diferentes provocações e pensamentos reflexivos em torno do caminhar e transitar pela arte, vida e formação.

ENDEREÇO: Avenida Esperança s/n Campus Samambaia – Goiânia- GO, 74690-900, TELEFONE (62) 3521-1159.



Objetivos:

Geral: Investigar sobre a viagem como potencialidade no campo da arte e da cultura visual, a partir de experiências de estudantes da graduação que viveram e vivem processos de deslocamento pelo mundo, para problematizar e refletir também as diferentes dinâmicas que envolvem a formação.

Específicos:

- Promover encontros de discussão com o grupo focal sobre processos de formação que envolvem os deslocamentos e as viagens.
- Criar uma cartografia coletiva reorganizando as memórias que atravessam aprendizagens nas fronteiras onde atuamos.
- Entender a viagem também como possibilidade de experiências estéticas e aprendizados por meio de trajetos narrados pela fotografia.
- Desconstruir aspectos estereotipados sobre a fotografia de viagem.
- Problematicar questões políticas e sociais sobre as diferentes dinâmicas e acesso que envolvem a mobilidade estudantil na graduação.

1.2 Procedimentos utilizados da pesquisa ou descrição detalhada dos métodos.

O projeto tem como característica, uma pesquisa empírica com métodos qualitativos o qual prevê a formação de um grupo focal. A pesquisa contará com entrevistas por meio de questionários previamente elaborados e testados. O projeto se estrutura inicialmente por meio de narrativas autobiográficas e se apropriará de outros aportes metodológicos ligados a cultura visual, podendo ser utilizado também os recursos da cartografia e da etnografia, de acordo com o andamento e compartilhamento das experiências que surgirem entre pesquisador e colaborador, tendo como base os suportes teóricos que irão sustentar a investigação. A ademais o projeto se desdobrará na análise de significados subjetivos de experiências e práticas vivenciadas por meio da viagem que reverberam reflexões e potencializam o processo de formação.

1.3 Sujeitos e universo da investigação

O projeto terá como colaboradores um grupo de 8 estudantes

A pesquisa inclui um planejamento, o desenvolvimento de ações e o preparo para a realização do grupo focal. Esse planejamento inclui a organização da composição do grupo focal, e um reconhecimento da realidade da instituição acadêmica dos sujeitos. As análises dos dados coletados, falas, entrevistas, narrativas, fotografias e interações no momento dos encontros, estarão pautadas em análises de significados subjetivos e da experiência prática sensorial, por meio da construção de cartografias sentimentais e de uma investigação também pautada no conhecimento etnográfico, para tanto, a pesquisa utilizará nos referenciais teóricos os trabalhos de Uwe Flick (2009), Rosaline Barbour (2009) e Marcus Banks (2009), autores que discutem a pesquisa qualitativa e a formação de grupos focais para produção de dados. Os encontros com o grupo focal serão registrados em áudio e vídeo, e os mesmos estarão presentes na pesquisa somente com a concordância e autorização dos



colaboradores. As anotações sobre as diferentes etapas da pesquisa serão uma maneira de registrar observações imediatas sobre as discussões do grupo focal, detalhando aspectos da conversa, da produção de narrativas visuais e do conteúdo das discussões, anotando e complementando as reflexões no diário de campo. As discussões do grupo focal serão transcritas e os dados produzidos serão organizados e utilizados na análise e reflexões construídas como parte do resultado final da investigação.

Obs.: No caso de uso de entrevistas ou questionários, explicitar aos/as participantes se também serão obtidos registros fotográficos, sonoros e/ou audiovisuais da conversa, pois é imprescindível esclarecê-los sobre a necessidade da *concessão do uso de sua voz, imagem ou opinião* incluindo, antes das assinaturas, um box com as opções:

- () Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;
() Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Obs2.: Orientar o/a participante a rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

- 1.4 Especificação de possível *desconforto emocional* e/ou de possíveis *riscos psicossociais* (ex.: constrangimento, intimidação, angústia, insatisfação, irritação, mal-estar etc.), bem como os benefícios acadêmicos e sociais decorrentes da participação do participante em sua pesquisa;

É possível que aconteçam possíveis **riscos** como: desconforto e constrangimento psicossocial. E como **benefícios** Aprofundamento de estudos e diálogos entre graduação e pós-graduação, contribuir para pesquisas acadêmicas da universidade que se empenham no papel de criar mecanismos que possam ampliar o incentivo a trânsitos e mobilidades dos estudantes, entendendo que esse movimento possibilita a interação dos mesmos com diferentes experiências que agregam o currículo, bem como processos de aprendizagem e formação.

- 1.5 Informação sobre as formas de ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa realizada.

Será de responsabilidade da pesquisadora qualquer despesa referente alimentação e a transporte (em situação de extrema impossibilidade de deslocamento do participante ao local do encontro), na realização das reuniões de campo.

Obs3.: Somente o transporte e a alimentação do participante, quando for o caso, tendo em vista que as ligações ao/a pesquisador/a podem ser feitas a cobrar;

- 1.6 Garantia do sigilo que assegure a privacidade e o anonimato dos/as participante/s. Do contrário, caso seja do interesse da pesquisa a identificação do participante, faz-se imprescindível esclarecer a ele/ela que também que haverá a divulgação do seu nome quando for de interesse do/a mesmo/a ou não houver objeção. Neste caso, incluir, antes das assinaturas, um box com as opções:
() Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;



() Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Obs4.: Orientar o/a participante a rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

- 1.7 Apresentação da garantia expressa de liberdade do/a participante de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma;

Obs5.: Item obrigatório por força da lei.

- 1.8 Apresentação da garantia expressa de liberdade do/a participante de se recusar a responder questões que lhe causem *desconforto emocional* e/ou *constrangimento* em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa;

- 1.9 Declarar aos participantes que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;

- 1.10 Apresentação das estratégias de divulgação dos resultados, a menos que se trate de caso de obtenção de patenteamento, neste caso, os resultados devem se tornar públicos, tão logo se encerre a etapa de patenteamento;

- 1.11 Informação ao/à participante sobre o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa;

Obs6.: Item obrigatório por força da lei.

- 1.12 Quando a pesquisa envolver o *armazenamento em banco de dados pessoal ou institucional*, o/a pesquisador/a deverá informar ou declarar aos participantes que toda pesquisa a ser feita com os dados que foram coletados deverá ser autorizada pelo/a participante e também será submetida novamente para aprovação do CEP institucional e, quando for o caso, à CONEP. Assim, visando a execução de investigações futuras, devem ser apresentados ao/à participante as seguintes informações: a) justificativa quanto à necessidade, relevância e oportunidade para usos futuros do material que fora coletado; b) declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não; c) apresentação das estratégias de divulgação dos resultados, a menos que se trate de caso de obtenção de patenteamento, neste caso, os resultados devem se tornar públicos, tão logo se encerre a etapa de patenteamento; d) um box para que os/as participantes autorizem a guarda do material coletado para uso em pesquisas futuras:

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

Obs7.: Orientar o/a participante a rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “.....”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter



voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Angélica Rodrigues Lima sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica



ANEXO 2 – ROTEIRO PARA PESQUISA DE CAMPO



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

CURSO DE MESTRADO EM ARTE E CULTURA VISUAL

Linha "C": Culturas da imagem e processos e mediação.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Martins

Aluna: Angélica Rodrigues Lima

ROTEIRO PARA PESQUISA DE CAMPO

- Ambiente de pesquisa

O projeto se concentra em investigar sobre a viagem como protagonista dos processos de aprendizagem e formação, a partir das experiências dos estudantes de graduação vinculados à Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), situada no campus samambaia Goiânia/GO. Os encontros presenciais, bem como a formação de um grupo focal e a realização de entrevistas individuais partirá desse ambiente acadêmico e poderá se estender para outros espaços e lugares dependendo da necessidade e sugestão dos próprios colaboradores.

Ao identificar que muitos estudantes da Faculdade de Artes Visuais da UFG, vem de outras cidades e estados interessados pelos cursos e pesquisas que a faculdade oferece, existe a possibilidade do projeto se concentrar na formação de um grupo de colaboradores que vivem a experiência do deslocamento e da viagem durante o processo de formação na graduação. Participarão da pesquisa os colaboradores que apresentarem faixa etária maior que 18 anos.

O contato com o campo da pesquisa e as visitas aos cursos de graduação serão previamente agendadas através do contato com a equipe de gestão, direção e alguns docentes da FAV/UFG, onde será feita a apresentação da pesquisa e o convite aos estudantes de graduação da FAV.

Período: 19/02/2018

- Recrutamento

Feita a apresentação da proposta e o convite, serão considerados aqueles estudantes colaboradores que apresentarem interesse em participar da pesquisa. Serão detalhados os benefícios, mas, sobretudo, possíveis riscos como desconforto emocional, constrangimentos, incertezas, ansiedade etc. que poderão acontecer durante os encontros no decorrer da pesquisa. Em seguida será apresentado e explicado o documento de autorização a ser assinado pelos mesmos.

- Composição do Grupo

Será formado um grupo com aproximadamente 8 colaboradores, considerando possíveis desistências e imprevistos.

- Estabelecimento e ambientação



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

A princípio os encontros acontecerão na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) localizada no campus samambaia onde os estudantes estão matriculados. As conversas serão organizadas a partir de guias tópicos visando criar um ambiente descontraído no qual os colaboradores sintam-se à vontade para manifestar o que pensam sobre o tema. Os encontros serão realizados em momentos que sejam favoráveis aos mesmos fora dos momentos de aula, para evitar prejuízos em relação aos estudos.

O primeiro momento será com entrevista individual (com gravação de áudio) e posteriormente o encontro com o grupo focal. Os encontros com o grupo focal poderão ser filmados e gravados e as observações e comentários serão registrados em cadernos de anotações, com a ajuda de um auxiliar de apoio. O espaço destinado aos encontros será, um ambiente propício e discreto que ofereça conforto, clima favorável e iluminação adequada. Nesse espaço, a pesquisadora e o grupo de colaboradores estarão livres de interrupções, interferências e ruídos. Durante os encontros poderá ser servido um lanche leve com suco e água.

Período

Entrevistas: 26/02/2018 e 12/03/2018

Encontro com grupo focal: 27/02/2018 e 20/03/2018

GUIA TÓPICO

Dados de identificação

NOME: _____

INICIAIS PARA IDENTIFICAÇÃO: _____

Metodologia

O projeto tem como característica, uma pesquisa empírica com métodos qualitativos o qual prevê a formação de um grupo focal. A pesquisa contará com entrevistas por meio de guia tópicos previamente elaborados e testados. O projeto se estrutura inicialmente por meio de narrativas autobiográficas e se apropriará de outros aportes metodológicos ligados a cultura visual, podendo ser utilizado os recursos da cartografia e da etnografia, de acordo com o andamento e compartilhamento das experiências que surgirem entre pesquisador e colaborador, tendo como base os suportes teóricos que irão sustentar a investigação.

Os dados coletados, falas, entrevistas, narrativas, fotografias e interações no momento dos encontros, estarão pautadas em análises de significados subjetivos e da experiência prática sensorial, por meio da construção de cartografias sentimentais e de uma investigação também pautada no conhecimento etnográfico, para tanto, a pesquisa utilizará nos referenciais teóricos os trabalhos de Uwe Flick (2009), Rosaline Barbour (2009) e Marcus



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

Banks (2009), autores que discutem a pesquisa qualitativa e a formação de grupos focais para produção de dados. Os encontros com o grupo focal serão registrados em áudio e vídeo, e os mesmos estarão presentes na pesquisa somente com a concordância e autorização dos colaboradores. As anotações sobre as diferentes etapas da pesquisa serão uma maneira de registrar observações imediatas sobre as discussões do grupo focal, detalhando aspectos da conversa, da produção de narrativas visuais e do conteúdo das discussões, anotando e complementando as reflexões no diário de campo. As discussões do grupo focal serão transcritas e os dados produzidos serão organizados e utilizados na análise e reflexões construídas como parte do resultado final da investigação.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA INDIVIDUAL

Regras:

- Estabelecer e garantir uma boa relação de confiança, empatia e segurança com o entrevistado.
- Explicar claramente o objetivo da entrevista.
- Explicar as regras do anonimato e da confidencialidade em relação à identidade, grupo ou organização e à informação recolhida.
- De maneira informal será levantado algumas questões sobre a temática do projeto, sendo solicitado ao colaborador que expresse sua opinião sobre cada guia tópico mencionado.
- O áudio do diálogo será gravado e será utilizado também de um caderno para anotações.

Guia tópico:

- **A academia como um lugar de passagem.**
(Criar um espaço de diálogo para que os colaboradores possam falar sobre suas trajetórias como estudantes; como chegaram na graduação, suas escolhas, opções, predileções? Como se percebem nesse lugar em processo de formação? O que é a graduação na FAV para cada um deles)
- **Deslocamentos, lugares e encontros.**
(Escutar as experiências de cada colaborador; onde já viveu? Como são os lugares, as paisagens, as pessoas dos lugares onde mais teve experiências com aprendizado? Como vivencia a prática do deslocamento nessa dinâmica de vida contemporânea? Qual a importância dos encontros nesse contexto? O que tem motivado você a possíveis mudanças? O que você traz dos seus lugares de origem para o lugar onde moram e estudam atualmente?)
- **Viagem e experiência estética.**



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

Incentivar os colaboradores a falar sobre a sua relação com a viagem e a experiência estética adquirida por meio dela. Qual sua relação com a viagem? A prática da viagem já te possibilitou reflexões acerca de aprendizados e do conhecimento de si?).

- **Relações entre fotografia arte e vida.**
(Pedir aos colaboradores que falem sobre a produção acadêmica e suas relações com a vida e a produção de imagens: Como percebem na produção de imagens cotidianas, um diálogo entre produção acadêmica, produção artística e a perspectiva da autobiografia? Como utilizam os recursos da fotografia em seus trabalhos, na vida e em suas viagens?
- **Compartilhamento de imagens, fotografias, diários de bordo e aquilo que afeta a cada um nos processos de formação.**
(poderá ser montado mapas cartográficos com as imagens fotográficas, anotações, desenhos e riscos na tentativa de conhecer um pouco mais dos caminhos e rumos de cada colaborador, compartilhando a diferentes trajetórias de vida e formação. Assim a pesquisadora também poderá expor nesse momento um mapa apresentando como os caminhos e as viagens que fizeram e fazem parte de sua produção, formação acadêmica, como esses diálogos se estruturaram na graduação e estão se desenvolvendo na pós-graduação).

Ficha Cadastral para Pesquisa de Campo

Nome Completo: _____

Colaborador (nome fictício) _____

Idade: _____ anos.

Data de Nascimento: ____/____/____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Escola onde estuda atualmente: _____

Série: _____

Escola em que estudou em 2016: _____

Série: _____



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

Endereço Atual:

Rua: _____ Nº _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____

Telefone residencial: _____

Telefone celular: _____

Nome dos pais / responsáveis:

Pai: _____

Mãe: _____

Responsável: _____

Pesquisadora: Angélica Rodrigues Lima

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como colaborador, da pesquisa intitulada **Viajantes e suas passagens: Os deslocamentos e as interações entre arte, vida, fotografia e formação**. Meu nome é **Angélica Rodrigues Lima**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é em Arte, Cultura Visual e Processos de Mediação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail: **(art.angelicarodrigues@gmail.com)** e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (06) 983255635 / (62) 32978029. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

ANEXO 3 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Viajantes e suas passagens: Os deslocamentos e as interações entre arte, vida, fotografia e formação.

Pesquisador: ANGELICA RODRIGUES LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79597317.1.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás - UFG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.439.653

Apresentação do Projeto:

O presente Projeto de Pesquisa: "Viajantes e suas passagens: Os deslocamentos e as interações entre arte, vida, fotografia e formação" tem como Pesquisador Responsável: ANGELICA RODRIGUES LIMA e concentra-se em investigar sobre a viagem como protagonista dos processos de aprendizagem e formação, de estudantes de graduação vinculados à Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). A pesquisa faz parte da Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da FAV.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo a pesquisadora os objetivos da pesquisa são:

-Objetivo Primário:

Investigar sobre a viagem como potencialidade no campo da arte e da cultura visual, a partir de experiências de estudantes da graduação que viveram e vivem processos de deslocamento pelo mundo, para problematizar e refletir também as diferentes dinâmicas que envolvem a formação.

-Objetivo Secundário:

Promover encontros de discussão com o grupo focal sobre processos de formação que envolvem os deslocamentos e as viagens.

Criar uma cartografia coletiva reorganizando as memórias que atravessam aprendizagens nas

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

Bairro: Campus Samambaia

CEP: 74.001-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.439.653

fronteiras onde atuamos.

Entender a viagem também como possibilidade de experiências estéticas e aprendizados por meio de trajetos narrados pela fotografia.

Desconstruir aspectos estereotipados sobre a fotografia de viagem.

Problematizar questões políticas e sociais sobre as diferentes dinâmicas e acesso que envolvem a mobilidade estudantil na graduação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Desconforto e constrangimento psicossocial.

Benefícios:

Aprofundamento de estudos e diálogos entre graduação e pós-graduação, contribuir para pesquisas acadêmicas da universidade que

Pensar os deslocamentos, territorialidades, encontros e experiências nas fronteiras, provocam questionamentos cada vez mais presentes no cenário

artístico contemporâneo e em diversas pesquisas que envolvem o campo das artes visuais. A saída do espaço formal acadêmico, indica um

deslocamento não só físico, mas, visual, cultural e sentimental. Quando estamos em viagem, não só os olhos, mas todos os sentidos são

convidados a partilhar novas experiências estéticas e sensíveis. A pesquisa nos permite refletir sobre a importância das experiências que são

adquiridas em viagens por estudantes, ao experienciar e compartilhar espaços de aprendizagem que ultrapassam as estruturas, os tempos e limites

da educação formal, estreitam cada vez mais as relações entre aprendizagem, arte e a vida contemporânea.

Introdução:

Data de Submissão do Projeto: 05/11/2017 Nome do Arquivo: PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1010124.pdf Versão do Projeto: 1

Página 2 de 4

Tamanho da Amostra no Brasil: 8

se empenham no papel de criar mecanismos que possam ampliar o incentivo a trânsitos e mobilidades dos estudantes, entendendo que esse

movimento possibilita a interação dos mesmos com diferentes experiências que agregam o currículo, bem como processos de aprendizagem e

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

Bairro: Campus Samambaia

CEP: 74.001-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.439.653

formação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de cunho qualitativo que Investigar sobre a viagem como potencialidade no campo da arte e da cultura visual, a partir de experiências de estudantes da graduação que viveram e vivem processos de deslocamento pelo mundo, para problematizar e refletir também as diferentes dinâmicas que envolvem a formação. " A pesquisa contará

com entrevistas por meio de questionários previamente elaborados e testados. O projeto se estrutura inicialmente por meio de narrativas

autobiográficas e se apropriará de outros aportes metodológicos ligados a cultura visual, podendo ser utilizado também os recursos da cartografia e

da etnografia, de acordo com o andamento e compartilhamento das experiências que surgirem entre pesquisador e colaborador, tendo como base

os suportes teóricos que irão sustentar a investigação. A ademais o projeto se desdobrará na análise de significados subjetivos de experiências e

práticas vivenciadas por meio da viagem que reverberam reflexões e potencializam o processo de formação." Através de encontros presenciais, da formação de um grupo focal e da realização de entrevistas individuais, pretende-se questionar e problematizar a temática da viagem, bem como as interações entre arte, vida, fotografia e formação que surgem em contextos de deslocamento e potencializam experiências estéticas e culturais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta: folha de rosto devidamente assinada, informações básicas sobre o projeto, TCLE devidamente preenchido; projeto detalhado e roteiro de perguntas do grupo focal.

Recomendações:

Recomenda-se acrescentar nas informações básicas os encaminhamentos em caso de desconforto emocionais advindos da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado, s.m.j

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.001-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.439.653

deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, prevista para janeiro de 2019.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1010124.pdf	05/11/2017 22:15:07		Aceito
Outros	Roteiro_pesquisadecampo.docx	05/11/2017 22:13:36	ANGELICA RODRIGUES LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_projeto_angelica.doc	18/10/2017 00:35:11	ANGELICA RODRIGUES LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_detalhado_Angelica.docx	18/10/2017 00:34:19	ANGELICA RODRIGUES LIMA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_angelica.pdf	17/10/2017 20:59:34	ANGELICA RODRIGUES LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 14 de Dezembro de 2017

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador)

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.001-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com